

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS AFRICANOS, POVOS
INDÍGENAS E CULTURAS NEGRAS - PPGEAFIN

A TRAJETÓRIA DE ANTÔNIO VIEIRA E A IMPORTÂNCIA DA
REPRESENTATIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

ERENILSON BARBOSA DA SILVA

SALVADOR

2022

ERENILSON BARBOSA DA SILVA

A TRAJETÓRIA DE ANTÔNIO VIEIRA E A IMPORTÂNCIA DA
REPRESENTATIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO NEGRA.

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras – PPGEAFIN da Universidade do Estado da Bahia como requisito final para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Moiseis de Oliveira Sampaio

SALVADOR

2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

S586t

Silva, Erenilson Barbosa da

A trajetória de Antônio Vieira e a importância da representatividade na construção da identidade negra / Erenilson Barbosa da Silva. - Salvador, 2022.

111 fls : il.

Orientador(a): Prof^o Dr^o Moiseis de Oliveira Sampaio. Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras - PPGAEAFIN, Campus I. 2022.

1.Negros - identidade racial. 2.Vieira, Antonio 1608-1697- visão politica e social. 3.Negros - aspectos sociais.

CDD: 962

Erenilson Barbosa da Silva

A TRAJETÓRIA DE ANTÔNIO VIEIRA E A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Dissertação apresentada à Banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras da Universidade do Estado da Bahia, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Data de aprovação: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Prof. Dr. Moiseis de Oliveira Sampaio – Orientador Doutor em Humanidades e Artes com menção em História pela Universidade Nacional de Rosario Argentina (2015), Universidade da Bahia Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Prof.a Dr. Rubia Mara de Sousa Lapa Cunha Doutora em Educação e Contemporaneidade FAGED/UFBA (2016), Universidade da Bahia Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Prof.a Dr. José Jorge Andrade Damasceno Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2009), Universidade do Estado da Bahia – UNEB

RESUMO

Este estudo da trajetória de Antônio Vieira lança luz a um modelo positivo para além da ausência de protagonismo negro na historiografia oficial de Senhor do Bonfinense e a sua consequência no processo de formação da identidade objetiva do negro. Entendendo que a sub-representação do negro em espaços de poder é significativamente reduzida em comparação à larga presença de negros em posição de pobreza e vulnerabilidade social no Brasil. Essa composição, por sua vez, configura as relações sociais, e exercem na vida prática do negro, os obstáculos estruturais que impedem o desenvolvimento pleno do indivíduo e o reduz a uma categoria de percepção teratológica construída por uma historiografia de cunho puramente eurocêntrico. Por esse motivo, a pesquisa tratou de investigar como a construção de um discurso hegemônico reforça o estereótipo do negro no campo social, principalmente, a partir do eclipsamento da representatividade negra ocupando posições de poder na historiografia oficial do município. Por fim, procuramos analisar a relação entre representatividade, espaço de poder e construção da identidade negra a partir de aspectos históricos que configuram a subjetividade do negro (a) e suas trajetórias como instrumento positivo a população negra.

Palavras-chave: Identidade. Representatividade. Espaços de Poder. Ascensão Social.

Abstract

The present research of Antônio Vieira's track record tries to comprehend a positive model beyond the lack of black protagonism in the official historiography of Senhor do Bonfim and its consequences to the process of formation of the objective identity of the black people, understanding yet that the sub-representation of black men and women in power spaces is significantly reduced in comparison to a large number of that same population who is living in poor situations and in social vulnerability in Brazil. That composition, on the other hand, configures the social relations and exerts in the practical life of the black the structural obstacles that prevent them to reach plenty of development, and decreases them to a category of teratological perception constructed by the historiography of a purely Eurocentric nature. Due to that, this research sought to investigate how the construction of a hegemonic speech reinforces the stereotype of black people in the social field, mainly from the eclipse of black representativeness occupying positions of power in the official historiography of the municipality. Lastly, it searched to analyze the relationship between representation, power spaces, and building of the black identity from representations of history that configure black subjectivity from trajectories that positively represent the black population.

Keywords: Identity. Representativeness. Power Spaces. Social Ascension.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos àqueles que colaboraram neste trabalho. Primeiramente, ao meu orientador o professor Dr. Moiseis de Oliveira Sampaio, por sua sensibilidade, estímulo e seriedade na condução da minha dissertação de mestrado.

Ao professor Dr. Raphael Rodrigues Vieira, pela disponibilidade e instruções acadêmicas.

Ao professor Dr. Eduardo Alfredo Guimarães, pelos diálogos e ideias trocadas na condução do meu crescimento intelectual.

Ao professor Dr. Jackson Andre da Silva Ferreira pelas preciosas contribuições e *insights* na elaboração desse trabalho.

A todos os colegas do Programa de Pós-Graduação pela parceria, indicações de leituras, facilitação de contatos, dúvidas e contribuição no processo de entendimento de livros e artigos científicos, sem as quais, essa pesquisa não seria possível.

À Universidade Estadual do Estado da Bahia (UNEB), pela oportunidade de realização do Mestrado.

À minha amada esposa, Michelle Huana, por nunca deixar de acreditar em mim. Por sua força, estímulo e tolerância durante as horas dedicadas às leituras, pesquisas que sacrificaram momentos de lazer ao seu lado. O meu muito obrigado, meu amor.

Ao meu filho amado Davi Barbosa, pela força nos momentos em que mais precisei de suas palavras e abraços. O meu muito obrigado. Papai te ama muito!

Agradecer, ao incentivo de meus pais, Erinelson Gonçalves e Maria Barbosa, por estarem sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis e, por prestarem sempre os seus colos.

Aos meus irmãos Tiago Barbosa, Diego Barbosa e Emille de Jesus por compartilharem comigo o sonho de galgar o grau de Mestre pela Universidade do Estadual da Bahia (UNEB), o meu muito obrigado.

A todos que colaboraram direta e indiretamente, pessoal e profissionalmente, com a realização desta dissertação, em especial, ao meu sogro José Hugo e minha sogra Vilma Maria, pela parceria de sempre.

Ao amigo, Mauro Coelho, pelas informações importantes que contribuíram com este trabalho.

A Márcia Souza, ex-funcionária do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO); por suas profficas informações.

Ao professor Dr. Júlio Braga, por suas preciosas contribuições e diálogos.

Ao professor Dr. Jeferson Bacelar, por suas observações e relatos.

A professora Yeda Pessoa de Castro, por suas informações pessoais e preciosas sobre a vida de Antônio Viera.

As irmãs, Ângela Machado e Isabel Machado, pelas contribuições importantes na conclusão da pesquisa,

Ao amigo Josué Nunes, pela análise técnica e quantitativa dos fatos sem o qual não encontraria base solida nos gráficos aqui expostos.

Por fim, agradecer ao grande Maestro do Universo que me concedeu forças necessárias a fim de concluir a pesquisa durante um período em que a humanidade viveu uma crise sanitária. Agradecer, sobretudo, à sagrada missão de fazer plasmar, através da escrita a ancestralidade outrora silenciada nos escombros de uma história colonial perversa.

LISTA DE ABREVIATURAS

CADÚNICO: Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal

CEAO: Centro de Estudos Afro-Orientais

FESTAC: II Festival de Artes Negras

FMB: Faculdade de Medicina da Bahia

FNB: Frente Negra Brasileira

GSC: Ginásio Sagrado Coração

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IF Baiano: Instituto Federal Baiano

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MDS: Ministério do Desenvolvimento Social

MNU: Movimento Negro Unificado

PIB: Produto Interno Bruto

SUTEPROS: Suporte Técnico a Programas Sociais

TEN: Teatro Experimental do Negro

UFBA: Universidade Federal do Estado da Bahia

UNEB: Universidade do Estado da Bahia

UNESCO: Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

UNIVASF: Universidade Federal do Vale do São Francisco

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Sankofa, um dos adinkra mais conhecidos, significa a sabedoria de aprender com o passado para construir o presente e o futuro. Seu símbolo é o pássaro que olha para trás.	9
Figura 2 - Folder de divulgação da Primeira Feira Literária de Senhor do Bonfim	Error! Bookmark not defined.
Figura 3 - Primeira Feira Literária de Senhor do Bonfim em homenagem ao intelectual Antônio Vieira Marcos Cesário	Error! Bookmark not defined.
Figura 4 - Banner de divulgação do Projeto de Extensão OUTROS VIEIRAS: Trajetórias e Pensamentos de Intelectuais Negros do Semiárido Brasileiro. Error! Bookmark not defined.	
Figura 5 - Tabela com Número de Comunidades Quilombolas no Município de Senhor do Bonfim.....	20
Figura 6 - Imagem de Senhor do Bonfim nos anos de 1930	25
Figura 7 - Imagem do jovem Antônio Vieira no Colégio Estadual da Bahia (Central).....	48
Figura 8 - Arquivo do Colégio Estadual da Bahia.....	48
Figura 9 - Imagem do Jovem Antônio Vieira no Colégio Estadual da Bahia (Antigo Central)	49
Figura 10 - Da esquerda para direita, temos a amiga-irmã de Vieira, Ieda Machado, seu esposo Antonino e Antônio blazer azul à direita.	67
Figura 11 - Imagem do documento de matrícula no curso de Biblioteconomia da UFBA.....	68
Figura 12 - Antônio Vieira na Universidade de Ile Ifé na Nigéria ao lado professor Dr. Robert Ellio Fox.....	74
Figura 14 - Gráfico sobre o quantitativo de professores negros, brancos, pardos, indigénas, amarelos e não declarado da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campos VI Senhor do Bonfim.....	83
Figura 15 - Gráfico cedido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).....	82
Figura 16 - Gráfico do quantitativo de professores negros da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) Campos Senhor do Bonfim.....	87
Figura 17 - Gráfico do quantitativo de professores negros do Instituto Federal da Bahia (IFBAIANO) Campos Senhor do Bonfim.	90
Figura 18 - Gráfico cedido pelo Instituto Federal Baiano de Senhor do Bonfim.....	90
Figura 19 - Documento da Secretaria de Saúde sobre o quantitativo de médicos negros.	93

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO.....	15
METODOLOGIA.....	20
CAPÍTULO I - SENHOR DO BONFIM, TERRA DO BOM COMEÇO? PARA QUEM?.....	25
1.1 OS CORONÉIS E SEUS AGREGADOS... ..	28
1.2 AS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA.	35
1.3 “QUEM NASCEU PARA QUEBRAR LICURI NÃO TIRAM A CABEÇA DA PEDRA”.	39
CAPÍTULO II - A CONJUNTURA HISTÓRICA E O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE ANTÔNIO VIEIRA NOS ANOS DE 1960 EM SALVADOR.....	49
2.1 DITADURA MILITAR E OS MOVIMENTOS ESTUDANTIS NA BAHIA	59
2.2 A INFLUÊNCIA DO CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS (CEAO) NA TRAJETÓRIA DO INTELLECTUAL E POETA NEGRO ANTÔNIO VIEIRA.....	67
CAPÍTULO III - A IMPORTÂNCIA DA TRAJETÓRIA DE ANTÔNIO VIEIRA E A REPRESENTATIVIDADE COMO RECONFIGURAÇÃO PSÍQUICA DO NEGRO..	75
3.1 A FALSA IDEIA DE EDUCAÇÃO PARA TODOS.....	78
3.3 TRAJETÓRIAS DE OUTROS VIEIRAS.....	84
3.4 A LEI 10.639/2003 E A TRAJETÓRIA DE ANTÔNIO VIEIRA COMO REPRESENTATIVIDADE IMPORTANTE NA DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS NEGATIVOS DO NEGRO EM ESCOLAS E COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE SENHOR DO BONFIM E CIDADES CIRCUNVIZINHAS.....	94
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

APRESENTAÇÃO

Figura 1 -Sankofa, um dos adinkra mais conhecidos, significa a sabedoria de aprender com o passado para construir o presente e o futuro. Seu símbolo é o pássaro que olha para trás.



Fonte: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/>

Nos estudos sobre o sertão da Bahia, as biografias de anônimos ou de elementos com reconhecimento político e econômico na região são uma contribuição a mais para se compreender as relações sociais e a organização de sociedades nas áreas mais distantes dos centros de decisão no Brasil. As respostas às questões locais aparecem quando as trajetórias de vida são analisadas dentro do contexto regional, observando em escala reduzida às relações sociais locais e analisando as contradições com o que se tem estabelecido na história nacional como historicamente consolidado, presentes nas fontes e evidências locais. (SAMPAIO, Moisés de Oliveira. *Francisco Dias Coelho: o coronel negro da Chapada Diamantina*. 2017, p. 32).

Esse trabalho é fruto de elucubrações que surgiram em minha graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) em Juazeiro – BA, e se estenderam às minhas pesquisas no Mestrado em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em Salvador – BA. Na época, o meu o trabalho para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, intitulado: *Antônio Vieira: cantos, encantos e desencantos da alma: quais as condições enfrentadas por um intelectual negro no processo de ascensão social?* – Permitiu-me analisar os fatores objetivos da vida cotidiana que possibilitaram a mobilidade social de um homem negro de uma pequena comunidade rural do interior da Bahia.

Até então, a bibliografia que tive acesso sobre mobilidade social do negro no Brasil, era demasiadamente escassa. Pela perspectiva do interior Baiano, limitava-se, sobretudo, às regiões consideradas hegemônicas do país: sudeste, sul, e, quando nordeste, centrava-se nas

grandes capitais nordestinas, Salvador ou Recife. Cidades do interior do nordeste como Senhor do Bonfim, por exemplo, não tínhamos trabalhos acadêmicos sobre trajetórias de intelectuais negros que nos representasse de tão perto. Assim, éramos direcionados pela necessidade imperiosa da pesquisa a partir do ponto de vista do *mainstream* da ciência nacional.

Lembro-me, claramente, que ao descobrir a trajetória de Antônio Vieira, fiquei completamente aturdido. A primeira pergunta que me veio à cabeça: por que a sua trajetória foi, por muito tempo, eclipsada da população bonfinense? Confesso que, à princípio, não encontrei uma resposta plausível para o obscurecimento de uma trajetória tão importante, principalmente para a população negra de Senhor Bonfim.

Porém, com o desenvolvimento da pesquisa sobre a figura de Antônio Vieira, aos poucos fui percebendo o tamanho de minha responsabilidade diante da tarefa de rememorar uma trajetória tão simbólica no que tange à bibliografia sobre a mobilidade social do negro no Semiárido Brasileiro e a significativa representatividade que sua trajetória nos traz.

As inquietações surgiram principalmente, quando ao recorrer às minhas reminiscências – tanto no ceio familiar quanto da própria comunidade, não encontrava em minha memória nenhum registro de intelectuais negros bonfinenses com mesmo alcance internacional de Vieira, uma vez que cresci em uma cidade sem o referencial grandioso de um intelectual de cor, por isso a grande surpresa. Quando se falava em intelectuais em Bonfim, logo era evocada em minha memória a imagem do professor Paulo Batista Machado¹ – cuja lembrança de um homem branco, estava cristalizada.

Em outras palavras, não existia em meu arquivo de memória nada que conectasse negros à figuras de intelectuais em minha cidade. Era como se o processo de controle histórico levasse a uma espécie de seleção da memória² – sobre o que deveria ou não ser transferido para as futuras gerações – de maneira muito fossilizada. O que existia era apenas uma referência criada em minha lembrança, que não fui eu que a criei ou a quisesse assim, mas se impunha como única possível.

¹ Paulo Batista Machado foi licenciado em filosofia, história e teologia. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (1990) e PHD em Educação pela Universidade do Quebec em Montréal (1999), defendeu como tese *Lesreprésentations social esdesenseignant (e)s non diplômé (e)s de l'école publique municipale rurale Du Nord-Est rural Du Brésil à l'égard de l'école ET desconditions de vie ET de travail* (As representações sociais dos professores leigos da escola pública municipal rural do nordeste do Brasil quanto à escola e quanto às condições de vida e de trabalho).

² Bem como os fenômenos de projeção e transferência que podem ocorrer dentro da organização da memória individual ou coletiva, já temos uma primeira caracterização, aproximada, do fenômeno da memória. A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.

Daí, ao reproduzir determinada reminiscência, revitalizava uma dada estrutura da realidade em detrimento de outras. Isso significa, a memória como instrumento estimado por especialistas que as manejam. Esses verdadeiros engenheiros da memória que usurpam a identidade de um povo e as condenam a uma visão “deformada” da realidade.

Segundo L. Gonzalez (1988, p.32) “El historiador es un autor que trabaja hechos del pasado (acontecimientos y eventos, fases y ciclos, periodos y epocas, cifras y censos) para relatar La verdad acerca de nuestros muertos”.³ Ou, como lembra Karl Marx (2002, p. 6): “A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos” . Pois, foi essa a sensação que tive, após descobrir a impressionante trajetória de ascensão social do intelectual e poeta negro Antônio Vieira da Silva, uma forte necessidade de trazer à luz a sua salutar memória.

Desde então, venho debruçando-me sobre a trajetória de Vieira, a fim de problematizar a escassez de negros/as que ocupam espaços simbólicos de poder ainda hoje. Essa necessidade surge da constatação de que Bonfim não gerou memórias positivas que referenciassem sua população negra com o intuito de vicejar nesses indivíduos o orgulho de seus traços, de sua religiosidade, de seus atos lúdicos, de sua subjetividade. Isso ocorre, principalmente, devido à reprodução de um passado engessado do povo negro nesse país. A não referência, portanto, engendra indivíduos confusos, inseguros, de baixo autoestima e uma séria dificuldade em autoidentificarem com a própria cultura.

Assim, com o propósito de mitigar o impacto dessa percepção distorcida da realidade, é preciso dissolver a ideia estática da história, a fim de reconfigurar a vida dos indivíduos em comunidade. Passando a ver a realidade de maneira muito mais ampla desde que, é claro, os façam ver um passado até então desconhecido dessas populações inferiorizadas historicamente.

Esse rememorar, contudo, tem a missão de recontar a história, não como a conhecemos, ou pensávamos conhecer, mas como descortinar de um passado obnubilado e que, agora, se revela incandescente à memória; como bem afirma Walter Benjamin: “Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente” (BENJAMIN, 1940, p.1).

³Segundo L. González (1988, p. 32) “O historiador é um autor que trabalha com acontecimentos do passado (acontecimentos e acontecimentos, fases e ciclos, períodos e tempos, cifras e censos) para informar a verdade sobre os nossos mortos.” Tradução livre.

Neste sentido, uma nova interpretação do passado se faz necessária a partir da desigual composição racial encontrada nos espaços de destaque, ainda hoje. A presença ínfima de pessoas pretas, ocupando espaços de poder, engendram na memória desses grupos marginalizados os estereótipos que reproduzem, tanto no plano individual quanto coletivo, um padrão mental nutrido por uma memória de cunho ideológico.

Em outras palavras, valemo-nos da afirmação do jurista soviético Pachukanis (2017, p. 9): “A natureza ideológica de um conceito não suprime a realidade e a materialidade das relações por elas expressa”. Isso significa dizer que a dimensão social, criada pelo homem, possui um nível de complexidade muito mais profundo - condizente ao seu criador. Não há limites para sua capacidade de reconstrução e reformulação da própria realidade diante de sua natureza moldável. Todavia, é importante lembrar que, enquanto não se desvela este véu de Maia, forjado por uma história unívoca, vive-se em uma realidade inautêntica e alienada do próprio ser. Uma identidade construída por aqueles que não demonstram nenhum interesse em recontá-la.

Por conseguinte, dotado de uma natureza plástica, os homens estão sujeitos a uma miríade de estímulos de caráter objetivo e subjetivo da realidade em que vivem; submetidos a uma espécie de transmutação, quando transcendem aquilo que se tinha até então como “verdade”. Em outros termos, só é possível moldá-la desde que a dissolvamos por inteiro.

Peter L. Bergere Thomas Luckmann afirmam: “Embora seja possível dizer que o homem tem uma natureza, é mais significativo dizer que o homem constrói sua própria natureza, ou, mais simplesmente, que o homem se produz a si mesmo”. (BERGER & LUCKMANN, 2014, p.70). Ou como os antigos gregos chamaram-na, *antropoplástico*,⁴a arte de moldar a si a partir de uma elevada referência ao espírito de seus cidadãos - sem o qual não seria possível o ideal de homem pleno.

Em suma, não é factível vicejar as potencialidades de um indivíduo quando não lhe é apresentado boas referências ao espírito. Um horizonte que o oriente a chegar a um determinado ponto de completude. Para tanto, é necessário recontar a história por outra perspectiva da realidade, comprometendo-nos com a reprogramação psicológica dos indivíduos inferiorizados, digo: fazer o que é vir a ser.⁵ Esse, por sua vez, parece-me ser o papel fundamental do historiador comprometido com a humanização daqueles que, injustamente, foram desumanizados por uma história biologizante.

⁴O termo *Antropoplástico* da *Paidéia* grega consiste na arte de esculpir ou remodelar a própria natureza humana através da educação.

⁵Do grego *Phytourgós*: aquele que faz o que é vir a ser. Ou seja, o indivíduo não pode ser circunscrito. Ao contrário, ele está no plano do possível.

Contudo, a fim de desconstruí-la, este estudo de ascensão social, traz uma importante contribuição no que tange as leituras de relações raciais e mobilidade social do negro no Brasil; não a partir dos centros hegemônicos do país, mas de um cantinho esquecido no interior do nordeste Baiano, a cidade de Senhor do Bonfim. Um município que, historicamente, não produziu referências positivas que representassem de perto a diversidade de sua população. Ao contrário, as poucas referências (negras) que existiram e existem são, infelizmente, eclipsadas.

Suas trajetórias, lutas, resistência e desafios no processo de acesso social, representariam uma referência positiva ao espírito das populações negras da cidade e oriundas das comunidades rurais negras. Por isso, faz-se necessário o estudo de vida de um homem negro, pobre e filho do interior do sertão baiano, a fim de problematizar a inconsistência jurídica de que todos são iguais perante a lei.

Quando existe uma inoperância das leis em relação à materialidade dessa igualdade, as ditas minorias sofrem com o reforço dessas desigualdades pelas próprias instituições que não os representam. Consolidando no imaginário social um perfil discriminatório entre as pessoas como exemplo: “fulano não pode ser doutor porque ele é negro”; ou, “olha, você viu aquele professor? Nossa! Ele é negro, porém, é muito inteligente!”. Aqui, esse tipo de fala reproduz um processo histórico de inferiorização simbólica da cultura negra.

A escassez de negros ocupando espaços de poder ainda hoje é uma das principais justificativas de estudos relacionados à mobilidade social do negro no Brasil, e a importante contribuição no que tange a ampliação da cidadania do negro na vida em sociedade. Aqui a trajetória de anônimos traz à luz o que não era, a priori, possível enxergar a olho nu; ou nas palavras do geógrafo Milton Santos: “Os homens não vêem o que enxergam” (2020, p. 69).

Essa incapacidade de enxergar o que está por trás do movimento real das coisas, está diretamente ligada à forma com que a história é passada de geração a geração. Assim, a forma como essa história é contada não reflete, de fato, a diversidade do mundo real. Diante disso, esse sentimento de solidariedade parte da relação de identidade direta com os grupos historicamente inferiorizados.

Os estudos sobre a trajetória de Antônio Vieira – têm um caráter de intervenção importante no que tange a criação de representatividade regional do Semiárido Brasileiro⁶.

⁶ O Semiárido, no estado da Bahia, é formado por 264 municípios, compreendendo uma área de 388.274 km², com uma população de 6.316.846 habitantes. Isso significa dizer que essa área corresponde a 70 do estado e 48 da sua população. Dados oriundos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA. Para maiores informações, ver www.cpatc.embrapa.br e Mapa do Semiárido Baiano, em anexo.

A peculiar trajetória de ascensão social de Antônio Vieira nos anos de 1960, por exemplo, foi por muito obscurecida e sem muito detalhe que rememorasse a importância deste fato para a comunidade. Não entenderam o significado de sua trajetória para a população negra de Senhor do Bonfim e circunvizinhas. A minha geração, por exemplo, não conheceu a vida de Antônio Vieira. Ao contrário, cresci em uma cidade onde a presença de negros ocupando espaço de destaque sempre foi muito escassa. Isso gerou uma memória sem referências e permeada de uma construção estereotipada do negro em posição subalterna na estrutura social brasileira.

INTRODUÇÃO

“Há muito mais passado no presente do que podemos imaginar. E há também muito presente no passado”. (SCHWARCZ, 2014)⁷

Os dados colhidos nessa pesquisa revelam que o perfil de mobilidade social do negro, mesmo nos dias atuais, possui características ainda muito semelhantes com as trajetórias de negros que ascenderam através de prerrogativas predominantemente brancas no passado. Essa estrutura, por sua vez, retroalimenta-se, não apenas, mas principalmente, da necessidade alienada de responder aos requisitos exigidos da ascensão social sem os quais não há como transpor a ditas camadas historicamente inferiorizadas e comumente atribuídas ao “povo preto”.

Ao examinar a composição racial nos espaços de poder na Bahia, em particular no município de Senhor do Bonfim, há escassez de negros ocupando espaços de destaque, mesmo diante dos relevantes avanços relacionados a políticas de ações afirmativas no país; ainda não foram capazes de equilibrar a presença de negros/as nesses espaços quase que, exclusivamente, ocupados por brancos.

A constatação da inequívoca desigualdade racial, nas principais instituições que compõem uma sociedade, desvela uma assimetria fundamentada em certas marcas sociais e reforçada pela ausência de representatividade de um tipo específico de perfil estético, cultural e espiritual. Isso cria no imaginário social uma correlação direta entre negros e posições inferiores na hierarquia social brasileira. Uma imagem pronta do negro no consciente social orienta, a priori, os pensamentos e as ações discriminatórias no mundo real. Logo, toda vez que o indivíduo negro não está onde se acredita que deveria, há de imediato um estranhamento da realidade como se as coisas estivessem fora de seu devido lugar.

Essa visão está diretamente ligada a uma realidade que reforça, diariamente, os estereótipos de uma parcela que constitui a maioria significativa da sociedade deste país, o

⁷ Em entrevista para o canal da UNIVESP no YouTube, a autora Lilia Moritz Schwarcz referencia Claude Lévi-Strauss tal citação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r1HVy9XHxw0>. Acesso em: 15 jun. 2022.

povo negro, chegando ao percentual superior a 54% da população Brasileira. Isso reflete, principalmente, a desigualdade histórica entre negros e brancos que configuram a composição racial nesses espaços de prestígio.

Para entender melhor o problema da desigualdade racial que ainda persiste no presente, é preciso separar duas ideias de ordem semântica: uma, é a ideia do negro, a outra, é o negro de fato. Ora, a ideia do negro⁸ é responsável pela manutenção desse imaginário distorcido que reflete nas relações da vida cotidiana, uma realidade patológica. Por outro lado, o negro de fato emerge a partir de um desvelar, de um rompimento com esse modelo que o degrada e o reduz a um protótipo do racismo.

A própria ausência de representatividade nesses espaços de prestígio, fomenta uma memória paradigmática que estrutura a realidade das relações sociais. Concordando com Maurice Halbwachs (2004, p. 30): “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”. Esse processo é galvanizado todas as vezes que o grupo de origem reforça em nossa memória imagens estereotipadas do passado, mas que produz efeitos ainda no presente.

A reprodução de uma memória estigmatizada do negro, sempre em posições subservientes, em uma sociedade hierarquizada como a Brasileira, consolida um discurso de desigualdade na composição racial dessas instituições de prestígio. Essa ausência recursiva, portanto, molda uma realidade estranha e indiferente aos tipos específicos que representam a maioria de sua população. Em outras palavras, o que era para ser a maioria nesses espaços é na realidade a minoria.

Dessa forma, não há que se falar em igualdade. Principalmente, quando se cresce em uma cidade que não reflete a diversidade de seus membros marginalizados. Fazendo com que determinados grupos desenvolvam, a partir dessa realidade, ideias inferiorizantes ao longo de toda a sua vida. Estimulando a crença no indivíduo, negro, de que certos espaços de destaque não é o seu lugar. Diante desse grande problema, faz-se necessário evocar outro modelo possível da realidade do negro, além desse que lhe é apresentado como irrevogável.

Assim, o estudo de uma trajetória de sucesso, faz-se importante a partir do momento que se propõe a desconstruir memórias que interfiram diretamente na afirmação de sua identidade racial. Corroborando a referência positiva do negro para além de uma realidade

⁸Termos utilizados como instrumentos de análise metodológica da desigualdade racial nos espaços de poder. A ideia de que a percepção do negro obstaculiza a sua mobilidade social e o inferioriza a uma cidadania de segunda classe, como bem dizia Abdias do Nascimento. Por outro lado, o/a negro (a) de fato está sobre camadas de cascos, véus que impossibilitam vê-lo em todo o seu esplendor.

que o estrutura, mas que ao mesmo tempo o nega como “cidadão pleno” dotado de direitos como bem afirma Milton Santos :

Quantos habitantes, no Brasil, são cidadãos? Quantos nem sequer sabem que o são? O simples nascer investe o indivíduo de uma soma inalienável de direitos, apenas pelo fato de ingressar na sociedade humana. Viver, tornar-se um ser no mundo, é assumir, com os demais, uma herança moral, que faz de cada qual um portador de prerrogativas sociais. Direito a um teto, à comida, à educação, à saúde, à proteção contra o frio, a chuva, as intempéries; direito ao trabalho, à justiça, à liberdade e uma existência digna (SANTOS, 2020, p.19).

Nesse trecho, Milton Santos provoca-nos a pensar sobre a materialidade do ideal de cidadania no Brasil; um país onde a maioria de seus habitantes vive em condições de extrema desigualdade de acesso a direitos e oportunidades igualitárias para todos, fazendo com que a idéia de cidadania não abarque grupos historicamente marginalizados como a população negra, mesmo estes representando 54% da população Brasileira. Ainda que constituído-se na maioria da população desse país, os negros sofrem diariamente com a violação de direitos individuais previstos no caput do artigo 5º da Constituição Federal, a saber: direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. Desse modo, não há uma cidadania plena do povo negro, mas a desumanização de suas vidas decorrentes da ideologização do ideal jurídico de que todos somos iguais perante a lei.

Em seu turno, o historiador Muryatan Santana Barbosa (2015, p.221): apesar de sua inexorabilidade, não deve fazer esquecer ao negro que ele é totalmente humano como ser biológico, embora apenas potencialmente humano como ser social. Aqui, ao analisar o pensamento de Guerreiro Ramos, o autor vale-se de uma linguagem Aristotélica ao afirmar que, para o sociólogo, a humanidade do negro (no plano social) não estaria em ato, mas em potência.

Essa não humanidade, em um plano social - se perpetua não só, mas, principalmente, quando reforçamos a memória estigmatizada do negro através das composições institucionais que espelham nas relações sociais o modo como pensamos e agimos, ou seja, a realidade é fruto de um pensamento deformado do mundo concreto. Essa distorção acaba, por sua vez, configurando a realidade de um elevado número de descendentes de africanos a uma concepção ideológica que os atrasam em sua integração social e subjetiva. Podemos inferir que o presente ainda busca no passado as justificativas pelas quais se estruturam esses espaços em verdadeiros ambientes de exclusão. Segundo Edilene Santos Silva (2019, p. 52):

A sociedade brasileira foi construída sob os seguintes pilares: Políticas de embranquecimento, formação de sociedade fenotípofóbica e fenotípicocêntrica, tendo o fenótipo como balizador do acesso a bens materiais e culturais, relações políticas, econômicas e sociais baseada no clientelismo, patrimonialismo e patriarcalismo. (GUIMARÃES, 2009; MOORE, 2007).

Todos esses fatores seriam formadores de um imaginário social que reforça a ideia do negro como socialmente inferior. O estudo da trajetória do intelectual negro Antônio Vieira, por exemplo, rompe com essa memória estereotipada do negro ocupando posições inferiores na hierarquia social brasileira e baiana, revelando uma representatividade necessária para além de uma composição que os negam e os reduzem às estatísticas de pobreza. Desta forma, a desigualdade de acesso aos espaços socialmente valorizados, tende a perpetuar uma realidade excludente que reverbera diretamente nas maiores ou menores chances de mobilidade social do negro neste país.

A própria mobilidade social de Antônio Vieira, por exemplo, demonstra as barreiras estruturais e simbólicas enfrentadas por um intelectual negro oriundo de uma cidade com tantas comunidades negras como o município de Senhor do Bonfim no interior da Bahia. Por isso, o estudo da ascensão social de Antônio Vieira, mesmo nos dias atuais, ainda é visto como fenômeno a ser estudado à categoria de políticas públicas na reconstrução da história de sua comunidade, a partir de sua trajetória como memória representativa das demais comunidades negras da região do Piemonte Norte do Itapicuru.

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no último censo de 2010, o município de Senhor do Bonfim tem uma população estimada de 74.419 pessoas vivendo no município atualmente; desse quantitativo, 3.214 homens são negros e 2.977 são mulheres negras; ao todo são 6.191 pessoas autodeclaradas negras no município. Segundo o Relatório de Programas e Ações do Ministério da Cidadania, cedido pela Empresa de Suporte Técnico a Programas Sociais (SUTEPROS)⁹, o município de Senhor do Bonfim possui atualmente 14 quilombos, 2.055 famílias quilombolas cadastradas no benefício PBF; nove (9) famílias pertencentes a comunidade de terreiros e 167 famílias resgatadas do trabalho análogo à de escravidão; além de um número preocupante de pessoas em situação de extrema pobreza, chegando a 25.451 pessoas, que, por sinal, são de maioria negra.

Mesmo com um número significativo de comunidades remanescentes de quilombos, e um passado diretamente ligado a escravidão de negros e indígenas, a maioria da população

⁹Empresa de Suporte Técnico a Programas Sociais (SUTEPROS) - realiza consultoria técnica junto à gestão pública da política pública de Assistência Social. Fonte: www.sutepros.blogspot.com

bonfinense prefere se autodeclarar parda, chegando ao número de 47.342 autodeclarados pardos; em segundo lugar, os autodeclarados brancos, chegando ao número de 19.577 e apenas 99 pessoas autodeclarada indígenas em Senhor do Bonfim segundo o IBGE.

A composição racial das principais instituições do município de Senhor do Bonfim é incompatível com sua realidade populacional. Esses espaços, mesmo depois de 15 anos da morte de Antônio Vieira ainda continuam essencialmente brancos, criando um ambiente de desigualdade racial na formação de sua composição econômica, política e social. Os dados aqui expostos deixam claro a posição comumente atribuída aos negros nas pesquisas estatísticas do país, sempre ocupando os mesmos indicadores de pobreza e miserabilidade historicamente atribuídos ao povo preto.

Porém, do contrário não é verdade. Vários indicadores apontam para uma presença ínfima de negros/as ocupando esses espaços de destaque mesmo na atualidade. Para se ter uma ideia, devido a uma série de estigmas trazidos por esse racismo estrutural, muitos dos profissionais que ocupam espaços de destaque em Bonfim, não se sentiram à vontade em falar sobre o tema, ou se autodeclararem negros. Muitos, por sinal, preferiram se autodeclararem pardos, mesmo possuindo um fenótipo negro. Todavia, mesmo diante de uma clara resistência por parte de alguns entrevistados, todos, de certa forma, souberam admitir as implicações simbólicas da trajetória do intelectual negro Antônio Vieira no processo de ressignificação de uma realidade ainda tão desigual e incompatível com a diversidade da população baiana e bonfinense.

Figura 2- Tabela com Número de Comunidades Quilombolas no Município de Senhor do Bonfim

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K
REGIÃO	UF	MUNICÍPIO	CÓDIGO DO IBGE	COMUNIDADE	Nº PROCESSO NA FCP	ETAPA ATUAL PROCES	Nº DA PORTARIA	DATA DA PORTARIA NO DOU	RETIFICAÇÃO NO DOU	Nº PROCESSO INCPA
NORDESTE	BA	SENHOR DO BONFIM	2930105	LAGE E MAMDEIRO	01420.001067/2005-04	Certificada	28/2005	12/07/2005		54160.001826/2013-13
NORDESTE	BA	SENHOR DO BONFIM ANTONIO GONCALVES	2901809 2910859 2930105	TUJAÇU	01420.000048/1998-90	Certificada	28/2005	12/07/2005		54160.003083/2007-60
NORDESTE	BA	SENHOR DO BONFIM	2930105	CARIACÁ	01420.000283/1998-80	Certificada	43/2005	09/11/2005		54160.004664/2008-08
NORDESTE	BA	SENHOR DO BONFIM	2930105	ÁGUA BRANCA	01420.001238/2006-78	Certificada	11/2006	07/06/2006		
NORDESTE	BA	SENHOR DO BONFIM	2930105		01420.001245/2006-70	Certificada	11/2006	07/06/2006		54160.003083/2007-60
NORDESTE	BA	SENHOR DO BONFIM	2930105	CAPIM e QUEIMADA GRANDE	01420.001252/2006-71	Certificada	11/2006	07/06/2006		54160.003083/2007-60
NORDESTE	BA	SENHOR DO BONFIM	2930105	OLARIA	01420.001253/2006-16	Certificada	11/2006	07/06/2006		54160.003083/2007-60
NORDESTE	BA	SENHOR DO BONFIM	2930105	QUEBRA FACÃO	01420.001254/2006-61	Certificada	11/2006	07/06/2006		54160.003083/2007-60
NORDESTE	BA	SENHOR DO BONFIM	2930105	LAGINHA	01420.001258/2006-50	Certificada	11/2006	07/06/2006		54160.003083/2007-60
NORDESTE	BA	SENHOR DO BONFIM	2930105	UMBURANA	01420.001219/2006-41	Certificada	11/2006	07/06/2006		54160.001828/2013-02
NORDESTE	BA	SENHOR DO BONFIM	2930105	ALTO DA MARAVILHA	01420.001093/2007-96	Certificada	51/2007	16/05/2007		54160.001827/2013-50
NORDESTE	BA	SENHOR DO BONFIM	2930105	ANACLETO	01420.001064/2010-20	Certificada	91/2011	17/06/2011	08/11/2011	54160.003083/2007-60
NORDESTE	BA	SENHOR DO BONFIM	2930105	PASSAGEM VELHA	01420.010352/2011-56	Certificada	195/2011	01/12/2011		54160.001830/2013-73
NORDESTE	BA	SENHOR DO BONFIM	2930105	CRUZEIRO	01420.009619/2011-62	Certificada	195/2011	01/12/2011		54160.001831/2013-18
NORDESTE	BA	SENHOR DO BONFIM	2930105	CAZUMBA	01420.014329/2012-11	Certificada	78/2013	24/05/2013		54160.001829/2013-49

Fonte: Tabela tirada da Fundação Palmares e cedido pela Empresa SUTEPROS: Suporte Técnico a Programas Sociais

Metodologia

O nosso trabalho toma como ponto de partida a trajetória de Antônio Vieira (1937-1996) a fim de rememorá-lo como representatividade ao espírito das populações historicamente inferiorizadas. Nesse sentido, acreditamos que a sua trajetória assim como muitos outros intelectuais, poetas, escritores e cientistas negros (as), eclipsados pela história oficial, corroboram a dissolução dos estereótipos no imaginário da população brasileira.

Dessa forma, partiremos de um breve percurso no processo de construção da memória e identidade da população negra bonfinense como forma de compreender o contexto histórico em que Vieira estava inserido e como a ausência de representatividade negra forjou a sua identidade aos moldes das elites de seu tempo. Aqui, estamos diante de uma relação direta entre biografia e história que se conjuga a outras áreas do conhecimento como:

A relação entre biografia e história insere-se em um conjunto mais vasto de dualidades que percorrem a Sociologia desde muito tempo, baseadas na exploração da dialética indivíduo/sociedade, ação individual/coletiva, liberdade/determinismo, individual/coletivo, estrutura/indivíduo e outras. Neste último caso, aponta-se para a manutenção, no indivíduo, de componentes subjetivos sociais e ligados ao grupo onde ele vive, ou, inversamente, a busca do que é extremamente único e pessoal

dentre um aparato mais vasto de representações da memória, internalizadas a partir da sociedade. (MONTAGNER, 2007, p.241).

Como fundamentação teórica, utilizamos o conceito de escala reduzida do historiador Moiseis Sampaio, a teoria do hábito do sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002), a domesticação psicológica do negro Brasileiro em Guerreiro Ramos (1915-1982), a ideia de progresso, modernização e desenvolvimento econômico na região norte da Bahia do historiador Aloísio Santos da Cunha entre outros. Portanto, procuramos apresentar nos três capítulos seguintes, os objetivos, as hipóteses, o método, os resultados e a respectiva discussão dos diversos estudos empíricos realizados.

No primeiro capítulo 1 – procuramos demonstrar que a história de Senhor do Bonfim não foi uma história da coletividade, mas de grupos dominantes que configuraram o imaginário social a partir do poder político que dominavam os meios de comunicação e as relações de dependência dos mais pobres as famílias mais ricas do município. Assim, grupos discriminados têm suas percepções configuradas a partir de uma história que obscurece as trajetórias importantes de grupos historicamente inferiorizados por uma história parcial.

Com esse intuito, procuramos deslindar o processo de eclipsamento de memórias positivas do negro (as) no município de Senhor do Bonfim, tomando como referência temporal o período que vai de 1930, 1950 e 1960, em que Salvador, capital da Bahia, sobretudo, Senhor do Bonfim, estavam em pleno processo de desenvolvimento político, social e econômico, que possibilitaram a mobilidade social de um jovem negro oriundo de uma pequena comunidade rural da época.

Com esse fim, debruçamos sobre uma gama de pensadores regionais, nacionais e internacionais, a exemplo de Walter Benjamin (1892-1940), Maurice Halbwachs (1877-1945), Michael Pollak (1948-1992), Moiseis de Oliveira Sampaio, Romilson da Silva Souza, Aloísio Santos da Cunha, Paulo Batista Machado (1949-2016), Ana Paula dos Santos Gomes, entre outros pensadores que nos ajudarão a desvelar a configuração simbólica dos indivíduos em espaços que criam memórias que consolidam a impressão que temos de nós mesmos e da realidade.

Podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204 *apud* PEREIRA, 2014, p. 60).

Seguindo uma questão de método, utilizamos a biografia com o objetivo de rememorar a trajetória de homem negro a fim de trazer representatividade ao espírito das populações historicamente marginalizadas. Dados estatísticos colhidos no IBGE e de empresa de assessoria política demonstraram que, mesmo depois de 26 anos da morte de Antônio Vieira (1937-1996), o município ainda apresenta uma baixa representatividade do negro (a) em posições de poder. Por esse motivo, a trajetória de Antônio Vieira é tão simbólica na desconstrução do estereotipo que não apreendem a factualidade subjacente a percepção construída na ausência da representatividade. Como afirma:

Como contrapartida, ou outro lado da moeda, existem as memórias subterrâneas ou marginais que correspondem a versões sobre o passado dos grupos dominados de uma dada sociedade. Estas memórias geralmente não estão monumentalizadas e nem gravadas em suportes concretos como textos, fotografias, CD roms, obras de arte e só se expressam quando conflitos sociais as evocam ou quando os pesquisadores que se utilizam do método biográfico ou da história oral criam as condições para que elas emergam e possam então ser registradas e analisadas. Depois desse processo, elas passam então a fazer parte da memória coletiva de uma da sociedade. (SINSON, 2003, p.15)

No capítulo 2 - A conjuntura histórica e o processo de constituição da identidade de Antônio Vieira nos anos de 1960 em Salvador e suas consequências na vida prática dos indivíduos. Com esse objetivo, este capítulo é constituído de três seções. Na primeira, apresentamos de maneira concisa as experiências, as estratégias e os fatores externos que possibilitaram sua ascensão social nos anos 60 a fim de compreender o quanto a conjuntura influencia a forma de ser, pensar e agir do indivíduo. Assim, diante de certas tendências, Vieira aproximou-se de pensamentos, hoje, consideradas mais conservadores e ideológicos, mas que na época, eram tendências até mesmo no meio acadêmico, a exemplo de “democracia racial”.

Para isso, utilizamos as seguintes questões, quais as estratégias que mais contribuíram para a mobilidade social de um jovem negro vindo do interior da Bahia? E quais os meios pelos quais certas teorias se institucionalizaram e se perpetuaram ao longo da história como discurso oficial da realidade? Como essa estrutura se reproduz como nova em conjunturas históricas distintas? São essas questões que norteiam a pesquisa a fim de entender a baixa presença de pessoas negras em posição de poder ainda hoje...

Com esse fim, verificamos no final dos anos 50 e 60, uma conjuntura ainda marcada por teorias como democracia racial de Gilberto Freyre (1900-1987), o pensamento da escola de Nina Rodrigues (1862-1906) a partir do estudo da antropóloga Mariza Corrêa (1945-2016) que apresenta a influência da escola em um contexto social, político e institucional da época.

O ciclo de estudos da (UNESCO) entre os anos de 1950-1953 e as diferenças ideológicas analisadas pelo sociólogo Antônio Sergio Alfredo Guimarães em seu artigo seminal: “Baianos e Paulistas: duas “escolas” de relações raciais?” Na segunda seção, verificamos os efeitos da ditadura militar nos debates sobre relações raciais nos anos 60 a partir de depoimentos de professores Universitários que viveram esse período e as pesquisas históricas sobre os movimentos estudantis na ditadura militar nos anos 60, na Bahia. Na terceira seção, apresentamos a importância da criação do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) na trajetória de Antônio Vieira como professor de língua portuguesa no continente africano e estudos da cultura afro-brasileira e africana na Bahia. Por esse motivo, os discursos que fizeram o imaginário da geração de Vieira estavam ligados a influência da ideia de democracia racial, ditadura militar e a ausência de referência negra nos espaços de poder.

Para melhor entender esse processo, coletamos depoimentos de professores aposentados da Universidade Federal da Bahia (UFBA) que contribuíram com relatos sobre a conjuntura política e econômica do final dos anos 50 e início dos anos 60 em Salvador. Para tanto, os depoimentos foram colhidos seguindo os protocolos de distanciamento social em tempos de crise sanitária, os questionários foram enviados via *e-mail*, *Whatsapp* e ligações telefônicas sendo possível coletar as principais informações para essa pesquisa.

Coletamos, também, relatos de parentes, amigos e colegas dos tempos do colégio Estadual da Bahia e do seu curso de Biblioteconomia na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Alguns desses depoimentos foram gravados ou transcritos em um caderno de pesquisa e posteriormente comparados com outros relatos sobre a trajetória de Antônio Vieira.

No capítulo 3 - A importância da trajetória de Antônio Vieira (1937-1996) e a representatividade como reconfiguração psíquica do negro – debruçamo-nos sobre como a subjetividade do negro é forjada a partir do ideal de branquitude e reforçada por instâncias socializadoras como: a família, a escola e a ausência de referências que inspirem a autoestima do negro e sua identidade como um indivíduo de cor. Para isso, o primeiro estudo teve como objetivo específico uma análise quantitativa do desemprego, a pobreza e a desigualdade racial no município Senhor do Bonfim e suas consequências na vida prática dos negros e mais pobre, segundo os dados do IBGE. O segundo estudo teve como objetivo analisar o quadro dos professores universitários, juizes, políticos e médicos nas principais instituições públicas e espaços de poder no município de Senhor do Bonfim e a consequência na subjetividade do negro bonfinense. Para os estudos seguintes discutimos a importância da efetivação da lei 10.639/03 nas escolas do município e ao combate as ideologias de cunho religioso entre professores de escolas locais. Além de trazer depoimentos de professores Universitários

negros do Semiárido Brasileiro a fim de fomentar a tese da representatividade negra nos espaços de poder.

Assim, ascender ou descender, depende das referências educacionais apresentadas ao espírito dos indivíduos do que fazê-lo ascender economicamente, mas deformá-lo em sua identidade, sua essência. Em outras palavras, isso significa afastar-se de todos os estereótipos de inferioridade atribuídas ao negro. Ao passo que o processo de desconstrução de falsas crenças é um processo de despojo das deformidades adquiridas através da representatividade que tem como finalidade a dissolução da falsa percepção do negro.

Por isso, entendemos que o problema efetivo do negro como bem afirmava Guerreiro Ramos (1915-1982) “O brasileiro, em geral, e, especialmente, o letrado, adere psicologicamente a um padrão estético europeu e vê os acidentes étnicos no país, e a si próprio, do ponto de vista deste”. (RAMOS, 1981, p. 25). Portanto, a trajetória de Antônio Vieira ajuda-nos a entender como a reconfiguração psicológica está ligada a representatividade em posições de prestígio social que dilui a antiga percepção e aglutina uma nova.

Por último, nas considerações finais rematamos às questões teóricas centrais exploradas nos diversos estudos e apresentamos as conclusões gerais desta investigação empírica.

CAPÍTULO I - SENHOR DO BONFIM, TERRA DO BOM COMEÇO? PARA QUEM?...

Figura 3: Imagem de Senhor do Bonfim nos anos de 1930



Fonte: imagem do arquivo do Centro Educacional Sagrado Coração (Casinha Feliz)

Foi no dia 3 de fevereiro de 1937 que nasceu Antônio Vieira da Silva, ano em que se iniciava, segundo alguns historiadores, a terceira e última fase da Era Vargas no Brasil que durou de 1937 a 1945. Nesta mesma década, conquistas importantes relacionadas ao direito do trabalhador, o voto feminino em 1932, e a formação do movimento negro, Frente Negra Brasileira (FNB)¹⁰ nos anos de 1931 a 1937 deram a tônica deste efervescente período da história do Brasil.

A partir dos anos de 1930, o Brasil estava passando por um crescente processo de desenvolvimento, que modificou a composição dos espaços de poder e alargou as

¹⁰ Ver mais no trabalho de dissertação de Mestrado de Laiana Lannes de Oliveira, intitulado: “A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930”.

possibilidades de mobilidade social de indivíduos oriundos das camadas mais pobres da sociedade daquele período. Por outro lado, parte das elites interioranas, mesmo entendendo a importância da modernização para o estado em relação ao resto do país, mantinham-se conservadoras em relação ao status de poder, um comércio forte e uma Bahia tradicionalmente agrária.

Em fins do século XIX, a economia da Bahia continuava a ser “agrária e dependente da economia internacional dominante.” O poder e a riqueza das elites baianas era resultado do controle das terras, das atividades agropecuárias e, principalmente, da comercialização dos produtos agrícolas para os mercados externos. A pauta de exportações do Estado havia sofrido diversificação, pois além do açúcar, a Bahia tinha como produtos mais significativos o fumo e o aguardente do Recôncavo, diamantes da Chapada Diamantina, café das regiões de Nazaré e Vitória da Conquista, couros em boa parte do semi-árido incluindo o vale do São Francisco, algodão no sudoeste e cacau no sul do estado. (CUNHA, 2011, p. 48).

Porém, com os avanços econômicos no interior da Bahia, alguns municípios tornaram-se polos de atração populacional desde a implantação da estrada de ferro que possibilitou a municípios como Senhor do Bonfim, Jacobina, Itaberaba e Campo Formoso tornarem-se verdadeiros centros nervosos da vida política e econômica da época.

O próprio processo de ocupação e expansão de municípios como Jacobina¹¹ e Senhor do Bonfim, deram-se, principalmente, a fatores ligados a exploração econômica de pedras preciosas e a criação de gado iniciadas em meados século de XVIII. Desde então, abriram-se os primeiros caminhos para estas áreas e outras vias de comunicação para além da região Norte do Estado da Bahia. Cunha (2011, p.63) afirma: “Também após o início de sua era ferroviária, Bonfim se tornou um grande empório sertanejo, sendo sua feira livre considerada uma das mais importantes do Nordeste e sua praça comercial rica em produtos e serviços”.

A Antiga Vila Nova da Rainha já se destacava para além de toda região do Piemonte Norte do Itapicuru, não apenas pelo comércio pujante que abastecia toda a região, mas, sobretudo, pela capacidade de barganha política que desfrutavam as elites locais em relação a interesses comerciais por vias desenvolvimentistas. Foram essas capacidades de articulação política que garantiram a cidade Senhor do Bonfim o título de polo ferroviário baiano e, logo, um exemplo de civilidade regional.

¹¹Jacobina, centro produtor de ouro desde 1702, via sua população aumentar e a atividade econômica se desenvolver quando veios do precioso metal eram encontrados ou novos empreendimentos eram instalados, como a implantação da Companhia Minas da Jacobina em 1880 e a Mineração de Ouro de Jacobina Ltda em 1947.⁹⁶ Além disto, o número de garimpeiros era grande. Estima-se que somente na região de Jacobina eles eram cerca de 5 mil na década de 1940.⁹⁷ Não apenas em Jacobina ocorriam esses movimentos (CUNHA, 2011, p.61).

Com a demonstração desse estratagema de modernização, a estrada que liga o município de Senhor do Bonfim ao município de Uauá teve, segundo Cunha, objetivo em drenar as gentes e o comércio de áreas mais distantes para sua praça. A abertura da estrada era uma forma de se conectar a outros municípios e expandir os interesses econômicos das elites locais que sonhavam com ideal de civilidade e a manutenção do status de cidade polo da região norte do estado.

Neste período, surgiram importantes instituições de educação no município, a exemplo do Colégio Senhor do Bonfim em 1936, o colégio Educandário N.S.do SS. Sacramentinas em 1937, a criação da Diocese de Senhor do Bonfim em 1933 e a vinda do primeiro bispo, D. Hugo Bressane de Araújo a diocese em 1936¹². Contudo, o que as elites bonfinenses buscavam, na verdade, era assemelhar-se aos grandes centros do país, o ideal de modernidade aos moldes nacionais. Esse modelo não se restringia apenas à estrutura física da cidade, mas se estendia aos costumes, as vestimentas e ao modismo transplantado no município de Senhor do Bonfim. Não segui-la, portanto, significaria a estagnação de um "município que se via, pelo menos por suas elites, como centro de civilidade sertaneja"... (CUNHA, 2019, p. 7).

Por esse motivo, é possível compreender como se constitui a ideia de regiões periféricas e regiões centrais do país. Isto é, a definição de centro e periferia é na realidade uma categoria social de dominação e exclusão dos que possuem vozes autorizadas, como podemos confirmar no seguinte trecho da dissertação de Vasconcelos (2007, p.29): "a partir de diferentes vozes autorizadas e se consolidaram porquanto se apresentam como enunciados advindos de um lugar de poder instituído." Em sentido analógico, é o mesmo que ocorre com categorias raciais de dominação de perfis desejados e indesejados padronizados nos espaços de poder.

Não por acaso, que as culturas indígenas e negras não foram erigidas à posição de destaque na composição simbólica do município de Senhor do Bonfim, como: Brasão, Bandeira e Hino, que não referencia suas origens indígenas e africanas, mas suas origens coloniais, que tanto orgulham a cidade de Bonfim. Culturas negras e indígenas, por sua vez, foram reduzidas à ideias folclóricas dessas culturas, como bem afirma (GUIMARÃES, 2009, p.91): "a percepção do negro no Brasil reduzida ao exótico, do folclórico", do entretenimento e das práticas assistencialistas ligadas aos mais pobres no município.

Por esse motivo, grupos simbolicamente marginalizados na história de Bonfim, ainda são instrumentos fundamentais na forma de fazer política no município. Desse modo, as redes

¹² Consultar: MACHADO, Paulo Batista. **Notícia e Saudades da Villa Nova da Rainha, Aliás, Senhor do Bonfim**. Salvador: EDUNEB, 2007. 133p.

de relações de dominação perpetuam-se e atualizam-se aos moldes da época a qual se apresentam.

Assim, analisaremos as relações entre os coronéis e agregados na época de Antônio Vieira (1937-1996) e as oportunidades que poderiam surgir a partir das estratégias utilizadas pelos agregados e dependentes dos coronéis.

1.1 Os coronéis e seus agregados...

Herdeira de uma dominação senhorial muito característica dos sertões brasileiros daquele período, a cidade de Senhor do Bonfim vinha sendo forjada por uma elite composta por homens brancos, ricos e poderosos da política local. Essa conjuntura de dominação senhorial deveu-se, como bem afirma Jackson Ferreira, a uma ideologia senhorial e a política de dominação pautada no Paternalismo que estiveram presentes no sertão baiano no século XIX (2021, p.93). Descendentes, portanto, de grupos políticos dominantes, Bonfim se viu estruturado sobre a classe detentora do dinheiro e do poder no município.

Assim, aqueles que não giravam em torno de pequenos grupos que determinavam o jogo político e econômico local estavam destinados ao desemprego e, conseqüentemente, à estagnação social. Em outras palavras, a chance de mobilidade social se dava não só, mas principalmente, em relação à proximidade a grupos políticos dominantes ou agregados de famílias pertencentes às elites locais.

Essa aproximação era, e ainda é¹³ fundamental como estratégias de sustento e mobilidade social para grupos desfavorecidos nos interiores da região nordeste do país. Assim, a exemplo de Antônio Vieira que, junto com sua família, eram agregados do coronel Antonio Félix Martins, uma personalidade muito influente em toda região do Piemonte Norte do Itapicuru. Foi, portanto, através da aproximação com o coronel que Vieira teve acesso a um capital cultural¹⁴ antes impossível a uma criança oriunda de uma comunidade negra e pobre do interior do Sertão Baiano.

¹³ Até os dias de hoje aproximação de grupos políticos dominantes em Senhor do Bonfim, é uma estratégia de sobrevivência para uma parcela significativa de desempregados. Apoiar o grupo político vitorioso é garantir pelo menos durante quatro anos, um emprego de um salário pela prefeitura municipal. Ou seja, os grupos dominantes sempre foram um fator decisivo na vida econômica das pessoas em situação de vulnerabilidade social nas regiões do Semi-Árido Brasileiro. Enquanto que no passado essas práticas eram feitas pelas famílias dos coronéis, hoje, elas foram passadas as mãos dos políticos que sobre a égide da lei, convertem o que deveria ser direto em assistencialismo.

¹⁴ Isto porque o “espaço social” para Bourdieu é um espaço de lutas, por isso a importância das estruturas simbólicas (como a cultura) como exercício da legitimação de um grupo sobre os outros. Os estudos primeiros de Bourdieu na Argélia colonial podem ter repercutido na construção do conceito “capital cultural” (estruturas

O contexto político regional que Antônio Vieira estava inserido, ajuda-nos a compreender os fatores que possibilitaram a sua trajetória como intelectual negro da região do semiárido brasileiro. Um desses fatores foi a sua relação com a família Félix Martins; família importante no cenário político e econômico de Senhor do Bonfim e peça fundamental na trajetória de Antônio Vieira. Por isso, parece-me fundamental compreender o coronelismo a partir de um contexto histórico específico no interior do nordeste. Foi pensando nisso que debrucei-me sobre o trabalho do historiador Moiseis Sampaio, em seu livro intitulado: *Francisco Dias Coelho o Coronel Negro da Chapada Diamantina*, é quem mais eloquentemente esclarece o que foi o coronelismo:

O coronelismo foi uma temática bastante estudada no Brasil nas décadas de 60 e 70 do século XX. Nesse período, a historiografia sobre o coronelismo brasileiro está dividida em duas correntes principais, ambas levantadas em meados do século XX, que divergem tanto no conceito quanto na origem, concentrando a análise no sudeste brasileiro como foco central e as outras regiões como periféricas. A primeira dessas correntes considera o coronelismo como sistema político, historicamente datado da Primeira República do Brasil, embora a outra aceite que o coronelismo ultrapassou o limite temporal final, o início do Estado Novo Vargasista, pois compreendem essa data como marco inicial da industrialização e consolidação de uma burguesia no Brasil. Com isso, a prevalência e continuidade do coronelismo se restringiam às áreas menos avançadas do país, onde o secular atraso permaneceu sob o domínio dos latifundiários.

Aqui, o autor analisa o coronelismo a partir de três pontos que considero importantes a fim de problematizar os conceitos oriundos dos grandes centros do país: (1) o coronelismo como fenômeno; (2) o coronelismo como sistema; (3) os novos entendimentos sobre o coronelismo. Esses pontos nos ajudam a entender as especificidades de municípios como Senhor do Bonfim no interior da Bahia, e em que ponto, por exemplo, o conceito de coronelismo aproxima-se ou distancia-se dos grandes centros do país.

O primeiro autor, analisado pelo historiador, é o sociólogo e advogado Vitor Nunes Leal (1914-1985) em sua obra intitulada: *Coronelismo, enxada e voto*, de 1945. Segundo esse autor o coronelismo fundamenta-se em uma base oligárquica ou “elites rurais” ligadas à Guarda Nacional, redes de relações entre chefe locais e regionais; conjuntura eleitoral excludente e um elevado número de analfabetos sujeitos ao julgo dos coronéis. Contabilizando a isso, o autor sinaliza as relações viciadas que existiam entre os coronéis e a

simbólicas) e sua relação com a estrutura de dominação de alguns grupos sociais sobre outros (...). (CUNHA, 2007, p.504). Ver mais no artigo: *O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica*.

população daquele período como: o apadrinhamento, pequenos favores e práticas assistencialistas praticada pelos coronéis entre os mais pobres da localidade.

Assim, os coronéis mantinham-se no poder onde a seca, a fome e a pouca oportunidade de trabalho imperavam. Por outro lado, a análise do sociólogo limita-se a compreender o fenômeno do coronelismo a regiões “distantes dos centros de decisão política, e atrasadas social e culturalmente” (SAMPAIO, 20017, p.54). Isso, por sua vez, acentuava a região sudeste como centro de análise em detrimento de outras regiões do país. Desse modo, Sampaio chama atenção para modelo de análise unívoco de Leal que pretende abarcar toda a realidade nacional, sem se atentar às especificidades regionais de um país de proporções continentais como o Brasil. Ele afirma:

Embora seja pioneiro na análise do poder local nos primeiros anos da República, o trabalho de Leal acentua a relação de centro e periferia, não abarcando outras regiões e tornando os coronéis paulistas modelos e referências de análises para todo o Brasil, não admitindo possibilidades que poderiam modificar o panorama proposto pelas suas hipóteses. (SAMPAIO, 2017, p. 55)

Aqui, o historiador nos esclarece termos utilizados pelo sociólogo como, “*voto de cabresto*”, “*porteira fechada*”, “*curral eleitoral*” e “*gados na fazenda dos coronéis*”; e outros tantos presentes em análises de pesquisadores, posteriores ao trabalho do sociólogo Leal.

De contrapartida, o historiador traz a contribuição do também sociólogo Raymundo Faoro (1925-2003), que discute o coronelismo como sistema em uma celebre obra intitulada: *Os donos do poder: a formação do patronato brasileiro*. Nessa obra, Faoro se diferencia teoricamente em pontos fundamentais do sociólogo Leal, mesmo que a intenção primordial não fosse analisar especificamente o coronelismo, Faoro avança em muitos aspectos os quais, não foram priorizados por Leal (SAMPAIO, 2017). Por esse motivo, o historiador Sampaio destaca a contribuição de Faoro em relação ao coronelismo como sistema; ele escreve:

o coronelismo como um sistema necessário ao momento de transição de um regime imperial, com uma sociedade estamental e agrária, para um regime republicano, urbano/industrial, que consolidava o Estado burocrático forte, sob o comando da burguesia industrial que estava nascendo no Brasil da época. Segundo essa interpretação, que extrapola a noção proposta por Leal, o sistema coronelista existia desde o Império, justificado pelo caráter estamental da sociedade, que demonstrava as características herdadas do período colonial, e, portanto, não havendo modificações tão profundas no período pós-independência, onde prevalecia um feudalismo tardio, que foi se transformando no decorrer do século XIX. Concomitantemente, com República, havia uma burguesia nascente, que rapidamente impôs os seus conceitos ao Estado brasileiro. Para ele, esse feudalismo chega ao final em meados do segundo quarto do século XX, quando então o coronelismo, que era a sua expressão máxima, deixa de existir por completo, pois,

com a efetivação do estado burocrático, as instituições conseguem chegar aos lugares mais distantes do país, fato esse que somente se tornou possível quando a burguesia brasileira, representada pelo governo Vargas, centraliza o Estado burocrático. (SAMPAIO, 2017, p.56).

Entretanto, mesmo divergindo de Leal, quanto ao início do coronelismo, e uma perspectiva analítica mais geral do país, Faoro não inova em relação ao foco de suas análises. Ao contrário, a região sudeste, mais especificamente o Rio de Janeiro e São Paulo, são tomados por Faoro, assim como Leal, como modelo de análise e fonte de suas principais preocupações como intelectuais brasileiros. Desse ponto de vista, essas obras acabam por conferir uma percepção mais periférica de outras regiões do país, elegendo, portanto, a região sudeste como definidora da realidade Brasileira.

Por isso, o historiador Sampaio nos provoca um reajuste nas lentes em relação as fontes não comprometidas às especificidades regionais, não abarcadas pela historiografia oficial do país. Ele escreve:

O problema que ainda persiste, está no pequeno parque editorial, concentrado no sudeste do Brasil, e a pequena quantidade de revistas especializadas no que se refere aos estudos sobre a sociedade sertaneja, o que prejudica em muito a divulgação do pouco que é produzido.

Cabe para o Brasil a observação feita anteriormente, que muitas das histórias nacionais são na verdade história local de uma determinada região, que por ter mais influência socioeconômica ou intelectual, se cristaliza como válido para todo o país (FERNANDEZ, 2007). (SAMPAIO, 2017, p.65).

Por esse motivo, continuaremos a partir do trabalho do historiador Sampaio a centralizar a importância das especificidades regionais nos avanços relacionados à compreensão de uma historiografia mais centrada no regional. Segundo o historiador, após a metade do século XXI com abertura de arquivos locais e a expansão das universidades estaduais da Bahia nos interiores do sertão baiano, um marco nos estudos pioneiros sobre as características locais.

Desse modo, os novos entendimentos sobre o coronelismo trazem importantes contribuições referentes a fatos regionais obscurecidos por uma historiografia oficial brasileira.

O terceiro ponto, sobre o coronelismo em Senhor do Bonfim não discrepa em sua totalidade das observações dos sociólogos Leal e Faoro. Porém, como já foi dito, procurarei analisar pontos que se aproximam ou se afastam de cada um dos conceitos aqui expostos. Dessa maneira, gostaria de começar uma breve análise sobre o coronelismo em Senhor do Bonfim no interior da Bahia.

(1) a diferença está na patente de coronel. Isto é, não havia no título de Antônio Félix Martins, uma relação institucionalizada com a Guarda Nacional¹⁵ como podemos certificar em outros casos de coronéis da região do Piemonte (ligados a Guarda Nacional). Por outro lado, o título de coronel¹⁶ atribuído a Antônio Félix, estava mais ligado a influência que exercia na política e na economia do município e toda região do Piemonte Norte do Estado da Bahia.

Entretanto, segundo o pesquisador Gilberto Carvalho de Freitas (2021, p.), cidades como Senhor do Bonfim, Jacobina e Campo Formoso tinham coronéis ligados oficialmente a Guarda Nacional e exerciam influência tanto direta nas eleições regionais quanto nas estaduais, a exemplo de figuras como o coronel José Gonçalves da Silva¹⁷, da comarca de Senhor do Bonfim, o coronel Antônio Pereira Guimarães Filho¹⁸, da comarca de Campo Formoso, e o coronel Galdino Cezar de Moraes¹⁹ de Jacobina. Esses coronéis antecederam o período do coronel Antônio Félix Martins e da nascente industrialização e burguesia nos anos 30 no Brasil²⁰.

Porém, com patente ou sem patente, a figura de Antônio Félix Martins estava mais relacionada aos tempos áureos do coronelismo em Senhor do Bonfim do que propriamente a

¹⁵ De acordo com Queiroz (apud SAMPAIO, 2017, p. 60) A existência da Guarda Nacional em todos os municípios, que reforçava e muito o poder dos chefes locais, tinha ela por fim, auxiliar o exército na manutenção da ordem, defender a constituição, promover o policiamento, [...] os chefes locais de prestígio, automaticamente recebiam os postos mais altos da Guarda Nacional. (QUEIROZ, 1969, p. 43).

¹⁶ Alguns autores afirmam que no caso de coronéis como Antônio Félix Martins, o conceito de coronel vai muito mais além da idéia de coronel ligado a guarda nacional. Boa parte da literatura brasileira, mesmo a que se inspira em Leal, identifica coronelismo e mandonismo. Essa literatura contribuiu, sem dúvida, para esclarecer o fenômeno do mandonismo. Da imagem simplificada do coronel como grande latifundiário isolado em sua fazenda, senhor absoluto de gentes e coisas, emerge das novas pesquisas um quadro mais complexo em que coexistem vários tipos de coronéis, desde latifundiários a comerciantes, médicos e até mesmo padres. (CARVALHO, 1995, p.2)

¹⁷ José Gonçalves da Silva nasceu na cidade de Mata de São João (BA) em 22 de dezembro de 1838, filho do major José Gonçalves da Silva. Teve instrução preparatória no antigo Colégio Pereira, em Salvador. Aos 16 anos, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, onde estudou até o terceiro ano do curso jurídico. Transferiu-se então para a Faculdade de Direito de São Paulo, na qual completou os dois últimos anos e recebeu, em 18 de novembro de 1859, o diploma de bacharel em ciências jurídicas e sociais. (GONÇALVES, p.2)

¹⁸ O coronel Antônio Pereira Guimarães Filho foi intendente da Vila de Campo Formoso em 1898-1900 e 1905-1908. Também foi o primeiro coletor federal de Campo Formoso e foi conselheiro municipal por vários mandatos. Fonte: Vivendo Campo Formoso por Carla Lidiane.

¹⁹ Foi Intendente entre 1924 e 1928, tinha sob seu poder a usina Companhia Força e Luz que fornecia a eletricidade ao município e também era um dos acionistas e membro da diretoria da Companhia Mineração de Jacobina. Essas então eram as lideranças políticas e referências também na vida comercial da cidade. (OLIVEIRA, 2017, p.27)

²⁰ O coronelismo é fase de processo mais longo de relacionamento entre os fazendeiros e o governo. O coronelismo não existiu antes dessa fase e não existe depois dela. Ele morreu simbolicamente quando se deu a prisão dos grandes coronéis baianos, em 1930. Foi definitivamente enterrado em 1937, em seguida à implantação do Estado Novo e à derrubada de Flores da Cunha, o último dos grandes caudilhos gaúchos. O próprio Leal é incoerente ao sugerir um renascimento do coronelismo embutido na tentativa dos presidentes militares de estabelecer contato direto entre o governo federal e os municípios, passando por cima dos governadores (Leal, 1980:14). A nova situação nada tinha a ver com a que descreveu em sua obra clássica. (CARVALHO, 1997, p.1).

Guarda Nacional. É claro que associação a Guarda Nacional legitimava a relação política entre os coronéis e o governo do Estado. Em Senhor do Bonfim a ideia de coronel estava mais ligada às posses de terras, ao poder econômico, e a influência política que uma figura patriarcalista exercia sobre os mais variados setores da vida prática da comunidade.

Ainda que a Guarda não seja necessariamente sinônimo de coronelismo, por vezes se confundem, ou seja, os membros da Guarda Nacional fazem parte necessariamente do coronelismo, mas nem todos os que faziam parte do coronelismo eram da Guarda Nacional. Embora esse não fosse o caso de Dias Coelho, existiam coronéis sem patente, que não pertenciam à Guarda Nacional e alguns deles influenciaram os estudos sobre a temática. (SAMPAIO, 2017, p. 47).

Nesse trecho, Sampaio aponta a complexidade do conceito para além de uma relação institucionalizada com a Guarda Nacional. Isso significa que o título de coronel se dava a partir do controle de pessoas, de terras, influência política e econômica em Bonfim e região (CUNHA, 2011, p.10). Assim, ser coronel em Senhor do Bonfim era possuir muitas terras e um grande número de pessoas que dependessem desses latifundiários diante da ausência de trabalho.

Essa relação é tão consolidada que, mesmo nos dias de hoje, dificilmente um político se manteria no poder sem recorrer às práticas assistencialistas herdadas desse período coronelista. Essa relação adocicada pela “aparente bondade” é uma prática muito conhecida desde a época dos coronéis. O uso da força não era, necessariamente, um método utilizado pelos coronéis bonfinenses, como concluiu os estudos do sociólogo Leal a partir da região sudeste.

Por outro lado, em Senhor do Bonfim os coronéis dominavam as principais instituições locais, os meios de comunicação e os intelectuais. Ou seja, ninguém escapava da influência dos coronéis na época. Segundo Cunha, essa influência era um instrumento utilizado com objetivo de moldar o imaginário social a cosmovisão dos dominantes. Ele afirma:

No caso dos jornais interioranos citados, todos, sem exceção, atendiam e eram porta vozes dos grupos políticos dominantes, sendo comum eles próprios se definirem como a serviço das classes comerciais que eram as mesmas, diga-se, que detinham o poder político, isso em associação com os grandes proprietários de terras. (CUNHA, 2019, p.12).

Independentemente de serem intelectuais, jornalistas, pesquisadores todos, de uma forma ou de outra, eram cooptados pelas prerrogativas dos donos do poder. Isso significava,

na prática, a necessidade de manter uma relação interessada e estratégica com grupos políticos dominantes de Senhor do Bonfim. Cita Aloisio:

Livros de autores locais, como o já citado trabalho de Adolpho Silva (1971) e de seu predecessor Lourenço Pereira da Silva (1906, 1915) ambos sobre Senhor do Bonfim, o do Cel. Jerônimo Ribeiro (1999), Oleone Coelho Fontes (1996) sobre Uauá, Raimundo Venâncio Filho (2016) sobre Monte Santo, dentre outros trabalhos de gente da região. Importante dizer que, notadamente os autores mais antigos como os três primeiros, possuíam vinculações políticas e econômicas na e para região, portanto seus discursos tendem a ser ufanistas e engrandecer as suas ações e das pessoas que pertenciam ao seu grupo político-econômico, omitindo ou minimizando os feitos de indivíduos ou grupos não ligados aos seus. Estes relatos locais, apesar de muitas vezes exagerarem e mascararem a realidade por conta dos interesses envolvidos, trazem informações importantes e, quando cruzados com outras fontes, externam valiosas visões de mundo, valores, posicionamentos políticos etc. de seus autores e do modo comoviam suas cidades e a região, bem como as perspectivas que tinham para o desenvolvimento delas e de sua gente e, obviamente, deles próprios. (CUNHA, 2019, p.13)

Como descrito acima, os livros acabavam engrandecendo pontos de vista de grupos políticos dominantes. Não havia imparcialidade na forma como a história era descrita por esses autores. Na prática, era uma história forjada a partir da ótica dos poderosos locais. Por outro lado, a população era induzida aceitar devotamente aversão dos dominadores²¹.

Isso não pode nos fazer crer que por parte da população bonfinense, houvesse total alienação do que se passava na política local. Ao contrário, diante da impossibilidade de intervenção direta nas decisões políticas, as populações mais pobres recorriam às estratégias de subordinação aos círculos dominantes, a fim de obter necessidades básicas ou ambições pessoais.

O segundo ponto, é a falsa percepção do coronelismo como fenômeno ligado a regiões atrasadas do Brasil como queria o sociólogo Leal. Entretanto, tal afirmação não encontra sustentação nas mais variadas realidades nacionais. Segundo o historiador Aloisio, Senhor do Bonfim era uma das cidades mais desenvolvidas em toda região norte do estado da Bahia. (ALOISIO, 2019, p.4), Apesar do coronelismo, Bonfim não deixou de ser modelo de civilidade em toda região do Piemonte Norte do Itapicuru, como bem afirma Cunha.

²¹A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialista histórico. Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo. (BENJAMIN, 1940, p.2)

A terceira análise, aproxima-se da proposta de Faoro enquanto “características herdadas do período colonial. Não havendo modificações profundas no período pós-independência, onde prevalecia um feudalismo tardio, que foi se transformando no decorrer do século XIX” (SAMPAIO, 2017, p.56). Essas características colônias se perpetuavam na forma de mando dos coronéis nos anos 30 quando o coronelismo já estava enfraquecido em todo país. Senhor do Bonfim, porém, mantinha resquícios desse sistema mesmo após o desenvolvimento político da cidade.

Em relação a essa herança, o distrito de Tijuáçu, por exemplo, foi por muito tempo oprimido por fazendeiros que tinham propriedades próximas da comunidade. Relatos de práticas de opressão, oportunismo e desonestidade são descritas no livro: “*Tijuáçu, Uma Resistência Negra no Semi-Árido Brasileiro*”:

As terras, que *os negros*, descendentes da Maria Rodrigues, ocuparam no começo do século XIX através dos casamentos e casas construídas em vários lugares estratégicos na região, pouco a pouco foram tiradas deles por causa do desespero causado pela seca e fome ou da esperteza e desonestidade de alguns fazendeiros brancos. Havia várias maneiras de brancos tomarem terra dos negros, normalmente aproveitando a penúria que estes passavam por causa da seca, da falta de água e de comida. Eis alguns exemplos contados pelo povo de Tijuáçu:

1. Quando já não tinha nada para comer e a terra seca não produzia nada, tendo a terra como única propriedade de valor, as pessoas negras de Tijuáçu a trocavam por comida para si, para sua família, indo em busca de trabalho no sul, onde chovia; quando a morte estava colhendo as vidas por causa da fome ninguém pensava no futuro, mas na sobrevivência.
2. Partindo com a família para o Sul alguns faziam um trato com os fazendeiros de ao voltarem, deveriam assumir as suas terras. Infelizmente, muitas vezes regressando, depois quando a chuva caía, encontravam as suas terras cercadas, roubadas, guardadas pelas pessoas armadas a serviço de novos donos.
3. Vendendo a um fazendeiro um pedaço da terra, este entrava com os seus homens e cercava uma área muito maior da terra do que esta, que lhe foi vendida. Aproveitava-se da ignorância do povo e quanto à lei, esta, só funcionava a serviço do mais forte e mais rico, então, ninguém podia reclamar algo.

Como descrito acima, Tijuáçu sofria com as perseguições e a escassez de trabalhos, o que obrigavam moradores a migrarem para região sul do país, a fim de não passarem privações maiores do que já vinham vivenciando.

1.2As estratégias de sobrevivência.

Quatro anos antes do nascimento de Antônio Vieira da Silva, o antigo Lagarto foi assolado por uma terrível seca nunca antes vista na história da comunidade. Diante da

escassez de alimentos, muitos morreram de fome ou foram obrigados a migrarem para região sul do país para conseguirem trabalho. No entanto, para aqueles que escaparam da morte ou não conseguiram migrar para outras regiões, tiveram que aderir práticas perigosas como invadir as fazendas dos coronéis e obter água para consumo.

No entanto, ao serem surpreendidos nas propriedades apanhando água, os moradores do antigo Lagarto eram rigorosamente punidos até mesmo com agressões físicas pelos fazendeiros, sendo impedidos assim de voltarem a invadir as propriedades. Quem melhor descreve esse momento dramático é a senhora Anísia Rodrigues da Silva, antiga moradora da comunidade de Lagarto, em depoimento emocionante ao professor Paulo Batista Machado,

Certa noite foram com um pequeno grupo de mulheres, escondidas, apanhar um pouco de água, mas sendo surpreendidas pelo fazendeiro, este cortou em pedaços todos os potes que elas levaram e bateu em uma mulher grávida, que não conseguiu fugir com a mesma rapidez que as outras. Esta na mesma noite, abortou a criança. (MACHADO, 2004, p.17).

Essas perseguições eram constantes na comunidade do antigo Lagarto na época de Antônio Vieira. Dessa forma, a imagem do negro era criada a partir de ideias preconceituosas que definiam a maneira pela qual a população negra é percebida. Isto é, a subjetividade do negro é forjada a partir de referências negativos de si mesmo e de sua cultura.

Desse modo, as produções historiográficas sobre o negro em Senhor do Bonfim, não foram capazes de estabelecer modelos elevados do negro para o negro, mas reforçou a ideia do negro em posições inferiores na hierarquia social brasileira, fazendo com que certos discursos fossem erigidos à categoria reguladora de toda realidade social bonfinense.

Partindo desse ponto, entendemos que os papéis sociais são criados a partir da arte de manipular palavras, símbolos ou imagens, que possuem a capacidade de ressignificar o grande teatro social.

De dez filhos do casal, Vieira era o nono filho de Marcolino Vieira da Silva, lavrador, e Carolina Vieira da Silva, empregada doméstica. Vieira e sua família eram vistos com frequência no casarão do coronel Antônio Félix e sua esposa Adelina Xistos. Desde muito pequeno, o menino Vieira já tinha uma função na fazenda da família Félix Martins: entregar leite no casarão do coronel na praça nova do congresso. Essa relação de Vieira com uma família tradicional bonfinense oportunizará a este um futuro diferente de outros jovens da mesma comunidade, fadados a reproduzirem as mesmas funções de seus pais. Como afirma Silva no seguinte trecho:

Foi neste contexto da educação oral, que o menino Vieira foi criado como os seus pais, avós, tios, primos e toda comunidade rural de Tijuáçu. Assim, como os outros meninos do quilombo, o menino Vieira, aprendeu a trabalhar na roça, a quebrar mamona, a cuidar dos animais, a carregar leite e, portanto, estava fadado a reproduzir uma herança sociocultural de seus avós que eram ex-escravos de origem ioruba (yoruba). (SILVA, 2018, p.28).

Essa reprodução simbólica dos costumes, valores e subordinação psicossocial a ideias eurocentricas, acabam por consolidar estruturas fossilizadas da realidade. Isso significava assimilar os códigos sociais regidos por interesses subjacentes à discriminação racial que conduz uma padronização ideológica social dominante.

Essas eram estratégias utilizadas pelos agregados dessas famílias tradicionais de Bonfim. Ou seja, modificar suas representações era uma forma de se inserir às normas e padrões que lhes permitia assimilar os modelos de comportamentos reforçados por marcadores sociais que assinalam grupos definidos e reconhecidos a partir de características físicas que estabelecem a idéia de superioridade e inferioridade de determinados grupos.

Ainda segundo o depoimento de Estela, Paulo Xistos, Antônio Vieira e Estela eram tratados como se fossem filhos do casal Félix Martins, criados convivendo e brincando juntos, mas pertencendo a realidades familiares distintas. Essas crianças tinham funções específicas atribuídas por Adelina Xistos, para cada um deles, de acordo com a informação de Paulo Xistos já com mais de oitenta anos, sobrinho de Adelina:

Aminha tia atribuía funções a cada um de nós; a minha função, por exemplo, era fazer a feira para a minha tia Adelina; já Antônio Vieira ficava responsável em trazer o leite da fazenda de minha tia e comercializá-lo no casarão da família, localizado na praça nova do congresso; além de outras atividades domésticas e escolares exigidas por Adelina com requisitos fundamentais para nós que vivíamos no casarão. Minha tia era uma mulher muito caridosa com todos que cruzavam o seu caminho. Independente de ser da família ou não, ela ajudava. (Entrevista realizada pelo autor em 05/11/2021 na residência do senhor Paulo Xistos)

Como Antônio Vieira era o único das três crianças em quem não corria na veia o sangue da família Félix Martins, precisava trabalhar mais e demonstrar aptidão para os estudos acima das demais que eram parentes de Adelina Xistos. Aqui, percebemos o esforço a que Vieira se submetia para conquistar o seu espaço e galgar melhores oportunidades com os seus padrões.

Mesmo inconscientemente, o jovem Vieira se valia de estratégias de assimilação dos processos pelos quais se faziam valer os seus interesses como indivíduo que desejava melhores condições de vida. Uma de suas estratégias era esforçar-se para além dos seus irmãos biológicos e, também, os quase irmãos, por parte da família Félix.

Daí, podemos inferir que, diante de uma realidade idealizada por uma família de elite, Vieira tenha desenvolvido a arguta capacidade de entender os requisitos mínimos para alcançar melhores condições de vida a partir da relação com a família do coronel.

Conforme ia se inserindo na família Félix, Vieira assimilava um universo de sociabilidade objetivada pelos poderosos. Segundo os relatos de Estela, “Vieira se mostrava sempre muito ativo, esforçado, quando o assunto era trabalho e estudo”.

Este era o principal diferencial de Antônio Vieira em relação a outros jovens negros de sua comunidade, ainda segundo a depoente. Esse comportamento acabava chamando muito a atenção da família Félix por sua notável dedicação aos estudos em comparação aos outros jovens que viviam no casarão dos Félix Martins.

Foram essas habilidades que possibilitaram ao menino negro obter certas “vantagens” em contraste com a sua comunidade, conforme se moldava às tendências e condições históricas vigentes. As características somáticas e culturais de sua comunidade não eram vistas como tendências a serem seguidas ou imitadas como referências apreciadas pelas elites. Entretanto, não havia na época de Antônio Vieira, negros ocupando posições de poder em Senhor do Bonfim, e que vicejasse nos jovens negros a importância de conservar a consciência de identidade e autoestima de seu povo.

Se por um lado a relação com a família Félix possibilitou acesso ao capital cultural, por outro, construiu representações sociais ligadas a tendências do seu tempo que, por conseguinte, o acompanharia por toda sua trajetória. Portanto, havia uma necessidade de autoafirmar-se através de seu desempenho no trabalho e nos estudos.

A realidade o negava com capaz de ocupar espaços considerados dos “brancos”. O próprio aspecto sócio-familiar de Antônio Vieira indicava um destino comum a jovens negros de Tijuáçu quanto à posição do trabalho braçal. Esse era o destino esperado pela sociedade bonfinense em relação aos negros de Tijuáçu em posição inferior e subalterna.

Como requisito de acesso a esse universo, Antônio Vieira precisava provar ser capaz de dominar símbolos dessa realidade que o percebia, a princípio, como inferior a determinadas funções habitadas aos brancos. A busca por melhores condições de vida pelos mais pobres era uma constante, por vias de aproximação aos mais poderosos que pudessem mitigar sua miserabilidade hereditária nas estratégias de uma subserviência dissimulada no paroxismo da necessidade.

Estudar na melhor escola de Bonfim na época era privilégio de poucos. E, portanto, restrita a um pequeno grupo que pode pagar por ela. Vieira não estava incluído nesse pequeno grupo de privilegiados da cidade de Senhor do Bonfim. Vieira pertencia a um universo

totalmente diferente dos jovens moradores dos casarões que passou a frequentar. Filho de pais analfabetos, Vieira estava diante de um destino reservado aos jovens negros de sua comunidade: o trabalho na roça. Enquanto isso, os filhos dos fazendeiros estudavam nas melhores escolas e se preparavam para ocupar as posições hierárquicas das relações sociais.

Os jovens da comunidade do Lagarto, sem recursos e oportunidade que os valessem, aprendiam desde sua tenra idade qual era o seu lugar no círculo naturalizado das coisas. Como podemos verificar no seguinte trecho do livro: *Tijuaçu: Uma Resistência Negra no Semi-Árido Baiano*:

Antigamente não havia escolas. Contam alguns que a escola mais antiga da região foi criada em Caldeirão do Mulato. Era chamada de “Casinha”. O professor se chamava Selvino e a iniciativa teria sido de Dona Adelina Félix. Desde criança as pessoas aprendiam com os mais velhos da família e da vizinhança a trabalhar em casa, na roça, como também praticar alguns trabalhos úteis na vida cotidiana. Por exemplo, as moças aprendiam com as mães, tias e vizinhas a cozinhar, costurar, fazer crochê. Os meninos desde cedo de manhã iam com os pais trabalhar na roça. Desde criança aprendia-se a cantar feijão, quebrar mamona, cuidar dos animais domésticos, fazer esteira, vassouras, procurar as plantas comestíveis no mato. (MACHADO, 2005, p.36).

Eram essas atividades comumente atribuídas aos jovens da comunidade do antigo Lagarto que padronizavam a forma com eles se viam e viam o mundo. Apesar das memórias de resistência dos antepassados de Tijuaçu, a cidade de Bonfim não foi capaz de dissolver a imagem negativa que tinha da comunidade.

Para Andrade (2001), a baixa auto-estima é comum para pessoas que não tem referências positivas em relação a sua origem. “Se a pessoa acumula na sua memória as referências positiva do seu povo, é natural que venha à tona sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial. O contrário é fácil de acontecer se alimenta uma memória pouco construtiva para sua humanidade”. (p.11)

Assim, mesmo com os esforços de preservação da memória por parte dos velhos da comunidade, não foi suficiente para reverberar na sociedade bonfinense uma memória positiva, cujo ideal de civilidade sempre foi à européia. Diante desse quadro, os negros eram induzidos adaptar-se aos ideais apreciadas pela sociedade a serem alcançados. Portanto, a educação era o primeiro passo para que Vieira pudesse adentrar esse universo excludente.

1.3 “Quem nasceu para quebrar licuri não tiram a cabeça da pedra”.²²

²² Frase tirada do livro do professor Paulo Batista Machado intitulado: “Tijuaçu: Uma Resistência Negra No Semiárido Brasileiro”.

Na fase adulta estava convencida de que não poderia ir além do que era permitido aos/as negros/as na sociedade, ou seja, emprego de pouco prestígio social, pouca escolaridade, e sempre em condição inferior aos brancos. (GOMES, 2008, p.11).

Cabe discutir o papel da educação como instrumento de produção e reprodução da desigualdade racial na vida prática do povo negro. A partir da incorporação desses valores, passa a reproduzi-lo na vida concreta, características da realidade social na qual eles foram anteriormente socializados. (BOURDIEU, 1992^{apud} SOUSA, 2007).

A reconfiguração dos hábitos parece direcionar a um destino diferente da maioria de seus irmãos negros. Uma espécie de transmutação simbólica para mudar a percepção a partir da incorporação de hábitos desejados e aceitos pela sociedade. Assim, parece-nos importante analisar a trajetória educacional de Antônio Vieira, a fim de entender a incorporação de hábitos que mudasse a forma como ele era percebido pelo novo círculo de convivência. O conceito de *hábitos*, portanto, ajudar-nos-á a compreender as configurações que ocorrem na convivência desse novo círculo, através do hábito em Bourdieu.

A interiorização de uma educação européia, revela um processo de mudança de percepção a partir da incorporação de novos hábitos adquiridos desse novo meio de relações. Desse modo, somos tentados afirmar que havia um Vieira “antes da relação com esse círculo” e outro “depois dessa relação”. Portanto, era uma estratégia de aproximação do que era percebido como legítimo por essas relações estruturadas.

Portanto, haurir as regras impostas pelo meio, era um requisito para “elevar-se” a uma categoria do plano da realidade, que o fizesse mais aceito nesses espaços e que nada lembravam o seu lugar de origem. As relações eram cada vez mais eufemizadas à medida que Vieira representava os modos semelhantes de ser, pensar e agir dos grupos hegemônicos, como podemos analisar no trabalho de Romilson, quando afirma:

O *habitus*, produto da relação sujeito/meio social, é constituído em condições e relações históricas e relacionais, específicas e em espaços distintos que tendem a reproduzir os valores culturais e sociais de um grupo hegemônico. Ou seja, as escolhas e as ações frente a uma relação com a educação formal, valor de um determinado grupo social, transcendem o presente imediato, referem-se a uma conseqüência de um processo de inculcação de valores e comportamentos que moldam atitudes, escolhas, posicionamentos, identificações. Um estudante que freqüente espaços de socialização onde os atributos da escola sejam considerados importantes tenderá a desenvolver maior interesse por esses valores. Por exemplo, um estudante negro da periferia que freqüenta uma igreja evangélica, poderá desenvolver uma relação com a leitura e o falar em público, em função das práticas religiosas de seu grupo, fortemente influenciadas por uma ideologia, em harmonia com a cultura hegemônica, expressões e práticas do universo escolar (escola bíblica dominical, leituras bíblicas diárias e dominicalmente em público, canto coral,

comentários e expressão de opinião de textos bíblicos, doutrinação e disciplina, etc.). (SOUSA, 2007, p.59).

O conceito de hábito ajuda-nos a elucidar a influência ideológica do espaço como reprodutor de valores no processo de socialização do indivíduo, enquanto candidato a aquisição de novas habilidades engendradas por um espaço de reconfiguração subjetiva e objetiva dos indivíduos iniciados nos mistérios desse “novo mundo”. Ao aventurar-se em uma nova realidade a qual o desafiava a transpor os limites impostos através de um mundo que o percebia incapaz de deslocar de sua posição de subalternidade social. Por um lado, deve-se ao fato de que Vieira não teve, por parte de seus familiares, estímulos necessários que o conduzisse ao caminho dos estudos. Ao contrário, seus pais eram analfabetos e habituados a trabalhos simples na roça como lavradores. É o que Bourdieu chamava de herança cultural familiar, ou seja, uma bagagem socialmente responsável na persistência de práticas que naturalizavam a relação de certas atividades na formação da própria subjetividade do indivíduo ou, em outras palavras, uma incorporação dos valores que orientam os rumos das futuras gerações.

Posições de prestígio, mantidas pelas famílias abastadas da cidade, garantiria a manutenção hierárquica dessas famílias a partir de um ambiente educacional favorável e até mesmo natural para jovens pertencentes às elites bonfinenses. Para Bourdieu, a educação escolar, no caso das crianças oriundas de meios culturalmente favorecidos, seria uma espécie de continuação da educação familiar, enquanto para as outras crianças significaria algo estranho, distante, ou mesmo, ameaçador (SOUSA, 2007).

Sendo assim, mesmo pertencendo a uma família muito pobre da comunidade negra do antigo Lagarto, Vieira despertou o interesse por valores culturais que se distanciavam de sua realidade. Segundo Romilson Sousa em sua dissertação Intitulada: *Trajetória Educacional e Ambiência Afirmativa no Acesso de Estudantes Negros Superselecionados à Pós-Graduação*, ao dar pistas de como outros espaços de socialização influenciam na formação de uma nova percepção do indivíduo enquanto a reorientação de seus interesses a parti da aquisição de novos hábitos. Ele afirma em sua análise sobre hábitos de Bourdieu, como a escolha pela educação foi também influenciada pelas experiências pessoais em outros espaços, onde tiveram algum tipo de contato que lhes possibilitaram o acesso a valores sociais (SOUSA, 2007). Esse exemplo mostra o quanto as ações podem ser moldadas através de novos hábitos adquiridos no seio de uma nova relação de grupo. Desse modo, Vieira passou a incorporar valores educacionais inculcados por uma família que o apadrinharia como se fosse um membro da família.

Assim, para evitar as rejeições e manter-se vivo na busca por sua integração ao meio, Vieira incorporava os hábitos das elites com o objetivo de alcançar êxito em sua trajetória educacional. Para isso, era necessário dar um passo importante em direção ao seu ambicioso objetivo de estudar no mais respeitado colégio de sua época, os Maristas. Com esse propósito, Vieira recorreu a senhora Adelina Xistos, esposa do coronel Félix, com quem tinha uma boa relação. Segundo o relato de Estela Costa, Antônio Vieira teria pedido à esposa do coronel, uma oportunidade de estudar nos Maristas. E nos conta:

Toinho pediu a minha avó Adelina para estudar nos Maristas, uma escola da elite da época. Minha avó Adelina disse a ele: se eu matriculá-lo e você perder? O menino Vieira respondeu: Eu garanto a senhora que eu não perderei... (SOUZA, 2018)

Ora, diante de uma resposta segura, Adelina resolveu dar uma chance ao menino e recompensá-lo pelos seus esforços no trabalho e nos estudos. Foi assim que, em 26 de fevereiro de 1952, Antônio Vieira foi aprovado em um exame de admissão à 1 série ginásial, prestado em 19:20 de fevereiro de 1952 nos termos da Lei Orgânica de Ensino Secundário (Decreto leis nº 4.244, de 9 de abril de 1942 e 8.347, de 10 de dezembro de 1945).

Esse ano, portanto, foi um divisor de águas na trajetória de Antônio Vieira e de toda a sua família. Pela primeira vez, um jovem proveniente da comunidade do Lagarto ocupava um espaço de prestígio em uma escola das elites do município. A sua chegada aos Maristas, significava uma ruptura de gerações de analfabetos de seus pais e avós. Dito de outra forma, uma porta de entrada a um universo de códigos que moldariam a sua subjetividade e ações ante o mundo, incompatível com a realidade financeira de sua família biológica que não podia custear as mensalidades sem o apoio de uma família abastada.

De acordo com Shaw, o Ginásio Sagrado Coração é uma instituição de proveniência francesa, criada por Marcelino Champagnat desde 1817, iniciada pela congregação Irmãozinhos de Maria, fundada pelo mesmo.

Em 1944 foi fundado, no município de Senhor do Bonfim, o Ginásio Sagrado Coração, instituição escolar de proveniência francesa. Esta foi uma das instituições educacionais instituídas pelos irmãos da ordem marista no Brasil. Esta ordem provém da França, criada por Marcelino Champagnat desde 1817, iniciada pela Congregação Irmãozinhos de Maria, fundada pelo mesmo. Sua Sociedade de Maria, denominação dada ao grupo de irmãos, só foi reconhecida pela igreja católica em 1836. A missão de VII Seminário do Programa de Pós-graduação em Desenho III Colóquio Internacional - Desenho: Educação, Cultura e Interatividade Champagnat, de educar jovens para a leitura, escrita, aritmética e evangelho se expandiu no Brasil em 15 de outubro de 1897 quando três irmãos da Província Marista de Lacabane e mais outros três da Província de Varennes (FRANÇA) se estabeleceram inicialmente em Minas Gerais, onde iniciaram as atividades de administração de colégios, hospitais, faculdades, universidades, entre outros. Posteriormente, os irmãos

maristas se expandiram para outras partes do país: o Distrito (Amazônia) e as Províncias Brasil Centro-Norte, Rio Grande do Sul e Brasil Centro-Sul. O Ginásio Sagrado Coração foi fundado por irmãos da província Brasil Centro-Sul e, posteriormente, recebeu irmãos do Centro-Norte. Esta instituição se propunha a cuidar da instrução primária e secundária de jovens, segundo os moldes do Colégio Dom Pedro II. (SHAW, 2010, p.4).

O texto acima deixa claro o perfil cultural dos colégios Maristas, como outras escolas de cunho confessional, eram constituídas a partir de ideais que balizavam a cultura escolar do GSC. Ou seja, todo o sistema escolar dos Maristas tinha como objetivo educar jovens a partir de métodos de evangelização e inculcação de uma cultura europeia transplantada em pleno sertão baiano. Adentrar esse universo estranho para um jovem de posição social desprestigiada era um processo de adaptação e assimilação de valores culturais europeus.

Segundo SOUSA (2007), os hábitos de estudantes negros vão sendo moldados ao passo que suas relações com a escola e com o conhecimento tendem a ser definidos em função das expectativas sociais sobre si e sobre seu grupo social. Dessa forma, pesava sobre o único aluno negro da sala, as exigências de um meio estruturado por saberes apreciados pelas elites bonfinenses da época. Pois mesmo não tendo uma herança cultural familiar que o fizesse aspirar ao universo de escola e estudos, Vieira buscou interiorizar os meios de relações sociais que atendessem as expectativas de seu novo meio de relação.

Para Bourdieu cada indivíduo é caracterizado em termos de uma bagagem socialmente herdada. Essa bagagem inclui, por um lado, certos componentes objetivos, externo ao indivíduo, e que podem ser postos a serviço do sucesso escolar (SOUSA, 2007), ou nas palavras de Souza, para obter êxito, torna-se imprescindível a identificação dos estudantes negros com o tipo de conhecimento que circula na escola e abraçar a carreira escolar como via de realização de projetos profissionais. (SOUSA, 2007).

Desse modo, o jovem Vieira fora introduzido em um sistema institucional que o impulsionava cada vez mais assimilar os valores que moldariam as suas ações a um desempenho esperado pelos que compõem aquele espaço de prestígio social. Assim, podemos auferir que o curso das ações de Antônio Vieira era levado pela necessidade de atender as perspectivas daqueles que compunham o espaço estranho à sua realidade. Como único jovem negro de sua sala, Vieira era pressionado as conveniências exteriores ao seu desempenho em uma escola de maioria branca:

Ainda de acordo com Sr. Aloysio Santos (2018), que atualmente mora em Minas Gerais, e concedeu-me uma entrevista por telefone, disse-me que em sua turma de 1952 a 60, mesma turma de Antônio Vieira, “o único negro que nós tínhamos na

turma era Vieira”, como ele o chama. De fato, Antônio Vieira não estudaria no Maristas se não fosse a família Félix, até porque, era uma escola para uma elite, e Antônio Vieira pertencia a uma família de uma comunidade rural negra muito pobre na época. (SILVA, 2018, p.60).

É importante enfatizar no depoimento do senhor Aloysio a ideia de pertencimento, origem, realidades antagônicas que reforçavam os estereótipos negativos a partir da ausência de representatividade negra nesses espaços de prestígio social. É importante destacar que tanto a instituição Educandário Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, das irmãs sacramentinas e o GSC, dos irmãos maristas, foram fundadas em Senhor do Bonfim com intuito de atender as necessidades de uma elite que precisavam educar os seus filhos conforme exigências de um novo mundo.

O funcionamento dessas instituições devia-se, principalmente, à relevância social que gozavam as lideranças políticas entre os anos 40 e 50 em Senhor do Bonfim. Como já foi dito antes, mesmo com um comércio tradicionalmente agrário e uma elite local conservadora, eles entediam a importância de se adaptarem a novas conjunturas de modernidade que os obrigavam a articular outros modelos de mando e influência nos meios políticos da capital.

Uma das estratégias de adaptação dos chefes locais às novas exigências era atrair importantes instituições de educação para servir de referência educacional e um atrativo à pessoas vindas de municípios vizinhos e outros estados do Brasil. Além disso, tinham como objetivo atender as necessidades de famílias que pretendiam investir na educação de seus filhos e prepará-los para ocuparem a universidade na capital do estado. Só assim, garantiriam que membros da família continuassem ocupando cargos centrais na política local e estadual.

Outra novidade em relação ao modelo anterior é que o homem político não é mais o coronel interiorano, são seus intermediários, gente que geralmente tinha formação acadêmica e representava os interesses de grupos de chefes interioranos. Os coronéis continuavam e mantiveram seu poder, porém eram esses indivíduos que garantiam o atendimento das demandas dos chefes locais. Senhor do Bonfim por ser sede do 3º Distrito Eleitoral da Bahia e por ter tradição de força nos meios políticos da capital desde o Império, tinha nas relações políticas importantes elementos do seu dia a dia e suas elites, cientes disso, precisava mobilizar estas relações para assegurar que seus interesses fossem atendidos. (CUNHA, 2019, p.11).

Nesse trecho, fica claro que essas instituições não foram pensadas, a princípio, para atender a parcela mais pobre da população, mas como ponto estratégico de grupo políticos que ambicionavam a manutenção de seu poder e o prestígio da cidade de Senhor do Bonfim em relação a outros municípios da região norte do estado. Ouçamos, por exemplo, a pesquisadora Shaw:

A escolha pela investigação de uma instituição escolar da cidade de Senhor do Bonfim se justifica pela relevância social dado a este município, durante o período estudado, em termos educacionais, visto que, apesar de ser uma cidade do interior da Bahia, localizada na região semi-árida, foi local de funcionamento de duas instituições educacionais confessionais de origem francesa, o Educandário Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, da ordem das irmãs sacramentinas e o GSC, fundado pelos irmãos maristas. (SHAW, 2010, p.2).

Por isso, ao ser indagado sobre a presença de outros estudantes negros no GSC na turma dos anos 50, o senhor Aloysio, ex-aluno da instituição, parou por um alguns instantes...pensou...e respondeu timidamente: - “Não me lembro de outro estudante negro em nossa turma dos anos 50, muito menos professores negros que lecionaram nos Maristas”. Em seu depoimento, Aloysio revela uma memória construída sobre a ausência de representatividade de estudantes negros em espaços de maioria branca. Nesse sentido, criam-se memórias que nodam determinados espaços a um perfil cultural específico e, portanto, corroboram a ideia de que certos espaços de prestígio social não são para determinados perfis culturais e estéticos. Como afirma o sociólogo Michel Pollak:

Podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204).

Assim, as condutas, as normas e os conhecimentos inculcados por essas instituições escolares de cunho confessional europeia, instalada em plena região do Semiárido Brasileiro, visavam catequizar jovens ao cristianismo católico e uma educação fundamentada em valores eurocêntricos. Dessa forma, as escolas confessionais atendiam a um ideal de civilização de grupos poderosos da cidade, a valores cristãos da família, e as exigências de um mercado de trabalho balizado, também, pelos padrões europeus.

O impacto desse ambiente na identidade de Antônio Vieira perpassará toda a sua trajetória como indivíduo formatizado por uma história oficial e unívoca. Uma memória construída no ambiente hegemonicamente eurocêntrica não tem suas histórias trabalhadas nos espaços de produção de conhecimento. Ao contrário, a hipervalorização de um lado da história, induzirá a interiorização de valores culturais europeus que significarão a sua relação consigo mesmo e o mundo. Como bem nos afirma Sousa,

À sua concepção de vida, á sua visão de mundo, às suas relações construídas com discriminações, preconceitos e racismo, à sua auto-imagem construída com estereótipos e representações. Sendo que esse outro é, também, aquele fantasma do outro branco que cada um leva na constituição de sua subjetividade social. Assim,

toda relação com o saber para o estudante negro comporta uma dimensão étnico racial, cultural e individual que é parte integrante da dimensão identitária/identificatória com o saber, o que também é parte integrante da dimensão relacional com o mundo a sua volta. (SOUSA, p.46)

A sua experiência nos Maristas, fez com que vicejasse em Antônio Vieira a ambição de seguir o caminho dos estudos elitizados, restrito até então, a grupos privilegiados do município de Senhor do Bonfim de sua época. Logo, Antônio Vieira não pensou duas vezes em sair da cidade rumo a Salvador a fim de concluir seus estudos e avançar em direção a Universidade Federal da Bahia (UFBA). Porém, havia um detalhe importante: o jovem Vieira não tinha parentes em Salvador, muito menos apartamento para ficar. Sendo assim, Vieira precisou, mais uma vez, do apoio da família do coronel Félix que o acolhera em um apartamento da família em Salvador como se fosse seu filho. Decisiva em sua trajetória de mobilidade social, Vieira foi recebido por uma filha adotiva de Adelina Félix que se chamava Estela, que por sinal, cresceu junto com Vieira no casarão.

Foi sobre essa base de apoio e uma vontade inabalável de transpor sua realidade, que um jovem negro de origem pobre chega a Salvador para concluir seus estudos no final da década de 50 e início da década de 60 no tradicional Ginásio da Bahia, hoje, colégio Estadual da Bahia segundo o depoimento do senhor Osmar Jambeiro, colega de turma nos Maristas e no colégio Central da Bahia.

Ainda segundo Jambeiro, o colégio central da Bahia era o melhor colégio de Salvador da época e centro de grandes personalidades da Bahia. Colégio onde estudaram grandes vultos da política e da arte baiana e brasileira; nomes como: Waldir Pires, Antônio Carlos Magalhães, Glauber Rocha, Elsimar Coutinho, Gal Costa e Carlos Marighella, todos ex-alunos do antigo Ginásio da Bahia.

Nesse colégio Vieira teve a oportunidade de circular em um ambiente profícuo para o desenvolvimento de seu perfil de liderança que o destacaria como talentoso articulador de sua turma nos grêmios estudantis entre os colegas. O senhor Jambeiro nos conta que Vieira tinha uma capacidade notável de convencimento dos colegas a votarem em candidatos que ele acreditava. “Eu, por exemplo, tive a honra de tê-lo como cabo eleitoral da minha candidatura a presidência do grêmio estudantil no Colégio Estadual da Bahia”.

Nesse depoimento, podemos analisar um Vieira que além de aproveitar agudamente às oportunidades educacionais proporcionadas pela família Félix, tinha a seu favor a capacidade de entender os códigos e símbolos cultuados em seu novo meio de convivência e usá-los estrategicamente ao seu favor. Foi assim que, paulatinamente Vieira adentrava um universo

restrito às elites bonfinenses e, a princípio, impensável a jovens oriundos de comunidade negras do interior do Sertão da Bahia, como Vieira.

O Senhor Jambeiro disse-nos, também, que Vieira teve a oportunidade única de estudar em duas grandes escolas ao estilo das elites de seu tempo. Além de conviver com jovens de famílias importantes de Salvador que seriam futuros líderes políticos, artistas, empresários, doutores e professores universitários, Vieira agia, segundo senhor Jambeiro, como se pertencesse aquela realidade independentemente de sua origem humilde em Senhor do Bonfim. Assim, ao compartilhar do mesmo ambiente desses jovens, Vieira era condicionado pela força competitiva e ambiciosa que o lugar lhe impunha como condição de identidade e valor. Segundo Charlot (2009, p.72):

Qualquer relação com o saber comporta também uma dimensão de identidade; assim: Aprender faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção de vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si e à que quer dar de si "aos outros". Sendo que "esse outro não é apenas aquele que está fisicamente presente, é, também, aquele "fantasma do outro" que cada um leva em si e à que ele quer dar de si aos outros.

Essas convivências engendram no espírito, o pensamento que orienta, a priori, a vida prática dos indivíduos e que, por sua vez, moldam uma uniformidade intelectual e moral que configuram os pensamentos e as ações, reforçadas, pelos espaços de socialização e práticas educacionais vigentes. Dessa forma, disposições duráveis perpetuam relações sociais virtualizadas no mundo fatídico, mas que se comportam, portanto, como se fossem reais no imaginário social. Sendo assim, o requisito de interiorização de princípios de socialização de determinado espaço, são em sua inteireza, porta de entrada para uma nova realidade de convivência e aceitação.

Figura 8- Imagem do jovem Antônio Vieira no Colégio Estadual da Bahia (Central)


 MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO
 DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO
Colégio Estadual da Bahia



1959

NOME *Antônio Vieira da Silva*

Nome *Antônio Vieira da Silva*

Filiação: Pai *Abraão Vieira da Silva* Natural d. _____
 Mãe *Paulina Vieira da Silva* Natural d. _____

Nascimento: Local *Senhor do Bonfim - Bahia*
 Data *3 de Fevereiro de 1937*

Residência *Rua Democrata n.º 47 - Pissara*

Matricula no ano letivo de 1956 na 1ª série do curso *Scientifico*

Transferido do *Instituto Sagrado Coração* em *26.2.56*

Transferido para o _____ em _____

800 - 15-54
 Imprensa Oficial - Bahia

Fonte: Arquivo do Colégio Estadual da Bahia

CAPÍTULO II - A CONJUNTURA HISTÓRICA E O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE ANTÔNIO VIEIRA NOS ANOS DE 1960 EM SALVADOR.

Figura 4 - Imagem do Jovem Antônio Vieira no Colégio Estadual da Bahia (Antigo Central)



Fonte: Arquivo Colégio Estadual da Bahia (Antigo Central)

Quando Antônio Vieira chega a Salvador, a fim de concluir seus estudos no Colégio Estadual da Bahia nos anos de 1957, depara-se com uma geração onde a questão racial não estava em voga, devido a uma série de acontecimentos autoritários que já vaticinavam o golpe militar de 1964. Era um momento, segundo o antropólogo Jeferson Bacelar,²³ de vigência da ideologia da democracia racial muito fomentada por obras clássicas como *Casa Grande e Senzala de 1933*, de Gilberto Freyre; *Branços e Pretos na Bahia: Estudo de Contato Racial de 1945*, de Donald Pierson e o livro *Elites de Cor: Um Estudo de Ascensão Social*, de Thales de Azevedo publicado em 1955 em Salvador; daí a bronca de Abdias do Nascimento, segundo Bacelar, contra os partidos de esquerdas que tendiam acreditar que o racismo era mais de classe do que propriamente racial.

²³Professor Dr. Jeferson Bacelar é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1971), mestrado em Ciências Sociais por essa mesma instituição (1980) e doutorado em Ciências Sociais pela UFBA (2003). Fonte Currículo Lattes.

Para entender a constituição intelectual de Antônio Vieira (1937-1996) nesse período, é preciso ter em conta uma conjuntura política, social e cultural a qual estava inserido e, portanto, os pensamentos que fizeram a cabeça da juventude soteropolitana de seu tempo. Um desses pensamentos estava relacionado aos tradicionais estudos de relações raciais centralizados na capital baiana e as preocupações evocadas pela força que o momento histórico exigia dessa geração.

Nessa época, já faziam uns dez anos dos estudos de relações raciais, financiados pelo projeto UNESCO entre os anos de 1950 e 1953, que tinha como objetivo os estudos das especificidades raciais a fim de comprovar o modelo de democracia racial no Brasil e exportá-lo para o mundo. Com esse intuito, as pesquisas patrocinadas pela UNESCO ao lado de outros parceiros com a Columbia University foram coordenadas por grupos de jovens cientistas sociais brasileiros e estrangeiros divididos em duas grandes regiões do país, sudeste e nordeste brasileiro. Como bem afirma o sociólogo Antônio Sérgio Alfredo Guimarães em seu artigo intitulado: “O Projeto UNESCO na Bahia”:

A série de estudos sobre relações raciais que a Unesco patrocinou no Brasil entre 1950 e 1953 foi decisiva para que jovens cientistas sociais brasileiros e estrangeiros refletissem de modo articulado e comparativo sobre a integração e a mobilidade social dos negros na sociedade nacional brasileira. Nomes que despontavam no Brasil – tais como Florestan Fernandes, Thales de Azevedo, L. A. Costa Pinto, Oracy Nogueira, René Ribeiro – ou jovens estudantes norte-americanos – tais como Marvin Harris (1952), Hutchinson (1952) e Ben Zimmermann (1952 –), com a cooperação de mestres já estabelecidos – tais como Roger Bastide e Charles Wagley – e o acompanhamento vigilante de outros – tais como Gilberto Freyre e Donald Pierson –, produzissem o mais importante acervo de dados e análises sociológicas sobre o negro brasileiro. O projeto UNESCO, como sabemos, não se deveu inteiramente à iniciativa da UNESCO, nem mesmo ao seu exclusivo financiamento. Tanto a Revista Anhembi, em São Paulo, quanto, na Bahia, o Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia – Columbia University foram igualmente responsáveis pelo financiamento e, na verdade, já haviam dado início aos estudos antes que a UNESCO decidisse realizá-los. Do mesmo modo, ainda que sem se responsabilizar pelo financiamento, o Teatro Experimental do Negro e o I Congresso Nacional do Negro, através de seus principais intelectuais – como Guerreiro Ramos, Abdias do Nascimento e Edison Carneiro – influenciaram, ainda que indiretamente, seja o desenho do projeto, Unesco2.pmd 25 8/8/2008, 16:01 26 seja a sua realização no Rio de Janeiro, seja, principalmente, o modo como tais estudos foram recebidos e divulgados no Brasil. (GUIMARÃES, 2007, p.25).

A geração de Vieira fora herdeira de acontecimentos que influenciaram estruturalmente as relações sociais no fim dos anos 50 e início dos anos 60 na capital baiana, a exemplo da ideologia da democracia racial – nascente em Arthur Ramos (1903-1949) e

potencializada na história social de Freyre²⁴ (1900-1987), novos hábitos metodológicos e teóricos nascentes nos estudos de relações raciais do sociólogo, estadunidense, Donald Pierson e o seminal trabalho do antropólogo Thales de Azevedo sobre mobilidade social do negro nos anos 50 em Salvador – além, é claro, de uma forte tradição dos estudos de relações raciais desde Nina Rodrigues.

Por outro lado, essa geração também fora herdeira da profícua parceria intelectual entre Guerreiro Ramos e Abdias do Nascimento na região sudeste, embora com menor impacto na região nordeste do final dos anos 50 e início de 60. A principal característica do pensamento intelectual da dupla plasmou-se na práxis da militância negra desde a fundação do Teatro Experimental do Negro (TEN) nos anos 40, até a culminância do Movimento Negro Unificado (MNU) nos anos de 1978 em São Paulo.

Uma das premissas do movimento negro dos anos 40 e 50 era o distanciamento de ideias essencialistas e exóticos sobre o negro. Desse modo, caberia ao próprio negro elevá-lo a uma categoria do plano político ou, como próprio Guerreiro afirmara: assunção do negro pelo negro²⁵. Diz o sociólogo Guimarães:

Para entender a postura de intelectuais negros como Guerreiro Ramos, Correia Leite, Abdias Nascimentos e outros, é preciso ter presente o que estava em jogo em diferentes dimensões do espaço simbólico. No plano da identidade nacional, tratava-se de definir o negro não como uma minoria estrangeira - tal como fazia o *mainstream* da intelectualidade paulista - mas como maioria, como povo brasileiro, ao contrário da elite, tida como patológica e alienada. Mas tal postura, por outro lado, pressupunha o negro como categoria no plano político, o que não era reconhecido pela intelectualidade nordestina, que via o negro como categoria apenas no plano da cultura, enquanto objeto de estudo. (GUIMARÃES, 2005, p.91).

²⁴ Segundo o sociólogo Antônio Sergio Alfredo Guimarães, o termo democracia racial foi usado pela primeira vez por Arthur Ramos (1943), em 1941, durante um seminário de discussão sobre a democracia no mundo pós-fascista (Campos 2002). Roger Bastide, num artigo publicado no Diário de S. Paulo em 31 de março de 1944, no qual se reporta a uma visita feita a Gilberto Freyre, em Apipucos, Recife, também usa a expressão, o que indica que apenas nos 1940 ela começa a ser utilizada pelos intelectuais. Teriam Ramos ou Bastide cunhado a expressão ou a ouvido de Freyre? Provavelmente, trata-se de uma tradução livre das ideias de Freyre sobre a democracia brasileira. Este, como é sabido, desde o meados dos 1930, já falava em “democracia social” com o exato sentido que Ramos e Bastide emprestavam à “democracia racial”; ainda que, nos seus escritos, Gilberto utilize a expressão sinônima “democracia étnica” apenas a partir de suas conferências na Universidade da Bahia, em 1943. Na literatura acadêmica, a expressão só aparece alguns anos mais tarde. “... Ao que parece, Arthur Ramos, Roger Bastide e, depois, Wagley introduziram na literatura a expressão que se tornaria não apenas célebre, mas a síntese do pensamento de toda uma época e de toda uma geração de cientistas sociais. (GUIMARAES, p.2). Ver mais no artigo intitulado: “*Democracia racial*” do sociólogo Antonio Sérgio Alfredo Guimarães.

²⁵ Quem explica melhor sobre a assunção do negro de Guerreiro é Muryatan Santana Barbosa em seu artigo intitulado: “*Guerreiro Ramos: o personalismo negro*”.

Esse pensamento diz muito sobre a metodologia aplicada na interpretação dos estudos empíricos das escolas das regiões sudeste e nordeste do país que influenciaram, para mais ou para menos, as diferentes conclusões com que chegaram os intelectuais dessas duas regiões do Brasil. Aqui, podemos nos debruçar em dois pontos fundamentais que insuflaram a conjuntura histórica daquele período: (1) deve-se aos cientistas sociais nordestinos e estrangeiros que aqui aportaram com seus estudos sobre relações raciais e que pouco ou nada divergiram da ideia original do antropólogo Gilberto Freyre. Isto é, a ideia de um país miscigenado onde as raças viviam em uma espécie de harmonia racial em relação ao resto do mundo.

O (2) ponto deve-se a um período em que os direitos individuais e coletivos estavam sob ameaça de uma ditadura militar época em que Vieira cursava Biblioteconomia na Universidade Federal da Bahia (UFBA), nos anos 60. Desviando, assim, o foco dessa geração para o sentimento de liberdade e revolução em detrimento de questões raciais.

O primeiro ponto de influência dos estudos de relações raciais desse período, temos a tradicional escola de Nina Rodrigues e o pensamento Freyriano que, por seu turno, antecedeu as pesquisas da UNESCO, a imiscuir-se nos mais variados níveis da cultura nacional e na formação da identidade brasileira. Áreas como a literatura, artes, novelas²⁶, artigos e obras acadêmicas foram arrebatadas por esse ideal de democracia racial e de um país singularmente mestiço.

Esses debates que, a princípio, restringiram-se ao campo teórico, metodológico e a pequenos grupos de intelectuais, formataram a percepção com que as pessoas tinham da realidade a qual faziam parte, ou seja, uma série de teorias que adentraram o imaginário social através de uma cultura de massa a qual pairava os anos que antecederam o golpe militar de 1964...

Por outro lado, sociólogos da escola Paulista²⁷ chegaram a resultados que contradiziam o ideal de democracia racial, possivelmente traduções livres dos escritos de Gilberto Freyre e a seletividade de classe proposta pelo sociólogo estadunidense, Donald Pierson nos anos 40

²⁶ Os intelectuais negros, ao contrário, recusavam no sincretismo o que para eles era a preservação de traços culturais retrógrados, acusando os intelectuais nordestinos e estrangeiros de culto ao exotismo e de transformação do negro em objeto. Contudo, a postura agressiva de antirracismo e de afirmação de um Brasil mestiço, por parte de Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Jorge Amado, Rachel de Queiroz e outras escritores, encontrava alguma simpatia por parte do movimento negro quando, e apenas quando, tal visão de Brasil colidia com aquela, nutrida por escritores e intelectuais de São Paulo, do Brasil como um país branco, e da democracia racial como fruto de um *ethos* cordial, não necessariamente miscigenação. (GUIMARÃES, 2009, p.91).

²⁷ A chamada “escola paulista de sociologia” ao contrário, buscava explicações estruturais, ou seja, remetia-se à estrutura social em mutação — o capitalismo industrial, em gestação no país, estaria também deslançando o fenômeno do preconceito racial. (GUIMARÃES, 2003, p.102). Ver mais no artigo, “*Como trabalhar com “raça” em sociologia*”.

em Salvador. A diferença dos resultados deve-se, não só, mas principalmente a uma aproximação ideológica dos sociólogos da região sudeste com o movimento negro dos anos 40 e 50, e a empatia de sociólogos como Florestan que, se não sentiu na pele as dificuldades de ser negro, ao menos na classe o pudera sentir, haja vista a suas origens humildes no estado de São Paulo.

Por outro lado, os estudos de relações raciais na região nordeste, tiveram como os seus precursores consagrados, homens brancos de origem aristocrática influenciados por seu universo particular de relações que reverberaram em seus estudos e interpretações sobre as relações raciais na época. Até mesmo o movimento negro que surgiu na Bahia já nos anos 30, a Frente Negra Brasileira (FNB) tinha um caráter mais conservador e integralista apesar de sua importância na história dos movimentos negros.

Porém, parece-me interessante destacar que a capital baiana no final dos anos 50 estava sob a vigência da chamada escola baiana²⁸ que, como já dissemos, tinha em seu currículo uma tradicional linhagem de estudos de relações raciais desde Nina Rodrigues (1862-1906) ao sociólogo Donald Pierson. (1900-1995). Esse pensamento influenciaria a trajetória de Antônio Vieira mesmo que sua geração estivesse mais preocupada com conjuntura de autoritarismo dos anos 60 do que propriamente com questões que não acreditavam existir.

Sartre reflete sobre o fato de que não se pode lutar contra o que achamos que não existe. Dizemos de outro modo, se os negros considerarem que existem integralmente como pessoas, posto que é assim que são, em parte, percebidos e classificados por outros.

Teleologia à parte, a sugestão de Sartre nos leva a considerar o fato político de que as identidades não são escolhidas pelos sujeitos, embora sejam assumidas, de modo mais ou menos pleno. Ao fim e ao cabo, a questão se resume em saber se há alguma chance de se combater o racismo, quando se nega o fato de que a idéia de raça continua a diferenciar e privilegiar largamente as oportunidades de vida das pessoas. (GUIMARÃES, 2009, p.67).

Foi sob essa conjuntura que Antônio Vieira passou a perceber a realidade a partir das tendências científicas e sociais de sua época. Portanto, a conjuntura histórica orienta, a princípio, as tendências que formarão a maneira com que interpretamos a realidade. Como podemos aferir no depoimento do senhor Osmar Jambeiro, amigo de Vieira dos tempos do

²⁸ Esta é uma denominação que visa a classificar os resultados ou interpretações dos estudos de relações raciais realizados em Salvador. Sobre essas divergências, Guimarães as divide em três versões em seu artigo: *Baianos e Paulistas duas escolas de relações raciais*: 1) os estudos realizados no norte e nordeste, principalmente na Bahia, tenderiam a negar a existência do preconceito racial no Brasil, ao contrário dos realizados no sudeste e no sul, 2) tais discordâncias revelariam um apego dos primeiros a tese da democracia racial brasileira, 3) tais discordância devam-se a diferença de fato, entre as regiões brasileiras, segundo uma versão, ou a diferenças teóricas entre os autores, segundo outra versão. (GUIMARÃES, 1999, p.81).

Colégio Estadual da Bahia, ele afirma: “não se falava sobre essas questões raciais em nossa época; melhor, não existia”. Seu depoimento revela-nos a crença de uma democracia racial e da inexistência do racismo em sua geração. O mais impressionante nos depoimentos colhidos é a descrença na existência do racismo.

Aqui, estamos diante da ideia de que não havia racismo no passado, ou se existia, era em um número bem menor do que temos hoje, afirmam. Isso significa, segundo esses entrevistados, que o racismo é coisa da atualidade, ou como alguns preferem: uma espécie de transplante das ideias oriundas dos Estados Unidos para a realidade brasileira. Sem falar que alguns dos depoentes acusam os partidos de esquerda pelas proliferações desse “mal entendido”.

Essas crenças, influenciadas pela democracia racial, marcariam toda a geração de Antônio Vieira, mesmo que inconscientemente, ele carregaria por toda sua vida essas marcas indeléveis. Logo, o meio, os lugares, as pessoas com as quais conviveu imprimiram em sua memória a ausência de representatividade que o inspirou ao orgulho de suas origens negras, desde sua pequena comunidade rural no interior da Bahia. Um desses lugares que lhe marcaria profundamente, no início dos anos 60, foi a Universidade Federal da Bahia (UFBA). Esta instituição o levaria a conhecer e a circular em um dos principais espaços de efervescência intelectual e cultural da época, a tradicional Faculdade de Medicina da Bahia (FMB)²⁹ no Largo Terreiro de Jesus³⁰, s/n. Lá, entre os estudantes de medicina ele conheceu um dos mais respeitados médico legista, professor, folclorista e escritor alagoano, radicado em Salvador: Estácio de Lima (1897-1984).

O Largo Terreiro de Jesus era um centro de encontro de jovens estudantes universitários, artistas e poetas que se debruçam sobre os mais variados assuntos: política, economia, cultura e ciência. Foram nesses encontros na FMB que Vieira passou a conhecer os debates relacionados à antropologia brasileira, à etnologia, à psicologia social, à psicanálise, à

²⁹A transferência do trono português para o Brasil, em 1808, foi um dos acontecimentos mais destacados da história colonial brasileira. O pouco tempo que D. João VI e a família real permaneceram na Bahia, um mês e dois dias, foi o suficiente para que se registrassem alguns fatos de relevância nacional. Após abrir os portos do Brasil às nações amigas de Portugal, D. João VI assinou, em 18 de fevereiro de 1808, o documento que mandou criar a Escola de Cirurgia da Bahia, no antigo Hospital Real Militar da Cidade do Salvador, que ocupava o prédio do Colégio dos Jesuítas, construído em 1553, no Terreiro de Jesus. Em 1º de abril de 1813 a Escola se transformou em **Academia Médico - Cirúrgica**. Em 03 de outubro de 1832 ganhou o nome de Faculdade de Medicina, que guarda até hoje. Fonte: <http://www.fameb.ufba.br/institucional/historico>

³⁰O **Terreiro de Jesus**, oficialmente denominado Praça 15 de Novembro é uma praça de grande importância histórico-cultural localizada no Centro Histórico de Salvador. Fonte: <http://pelourinhodiaenoite.salvador.ba.gov.br/index.php/59-onde-visitar/monumentos-largos-pracas/460-terreiro-de-jesus>

psiquiatria e à medicina legal praticada pela conhecida escola Nina Rodrigues³¹ na faculdade de Medicina da Bahia, “ao qual até hoje é atribuída a fundação da medicina legal no Brasil” (SCHWARCZ, 1993, p.247). Esse meio, assiduamente frequentado por Antônio Vieira, foi responsável em introduzi-lo em um misto de conhecimentos que se entrecruzavam entre antropologia e medicina - nas práticas e nas crenças da ciência da época.

Segundo Mariza Corrêa, em sua obra intitulada, “*As ilusões da liberdade*”, a autora descreve a relação que existente entre os estudos sociais e médicos que plasmaram no espírito daquela geração as tendências e balizaram as práticas médicas, antropológicas e até mesmo políticas que chama escola Nina Rodrigues pó influencia à toda uma geração de pesquisadores, tanto na área das ciências sociais quanto da medicina legal no Brasil.

Mas não apenas os médicos reivindicaram Nina Rodrigues como seu pai espiritual; muitos cientistas sociais, médicos de formação, mas importantes na constituição do campo da antropologia no Brasil, também afirmaram a filiação direta de suas pesquisas, particularmente sobre a “questão racial”, aos estudos de Nina Rodrigues sobre os africanos e seus descendentes. Duas vertentes bem definidas do saber, a perícia médico-legal e a pesquisa antropológica das relações raciais, encontram assim um nexos comum na obra do médico maranhense que durante 17 anos ensinou na Faculdade de Medicina da Bahia. (CORRÊA, 2013, p.11).

O que a antropóloga Corrêa definia como médicos-cientistas sociais eram, na verdade, pesquisadores ligados, também, articulação políticas do Estado, que atuavam na criação de leis e novas instituições que formavam as tendências e as memórias das futuras gerações; ao ponto de provocar efeitos reais na percepção das novas safras de pesquisadores. Foi em razão dessa formação do passado que viria cristalizar na geração de Vieira as tendências que insistiam em permanecer sobre a camaleônica aparência de algo novo...

Nesta mesma linhagem de herdeiros da escola Nina Rodrigues - temos o exemplo do professor Estácio de Lima que, por um longo período, dirigiu o Instituto médico legal Nina Rodrigues e outras instituições de grande visibilidade social da época. O próprio professor, por exemplo, escreveu obras importantes sobre a “*Mística do Negro na Bahia*” e, até mesmo, sobre o cangaço no final dos anos de 1950. Foi responsável, também, pelo polêmico estudo

³¹ Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) é considerado por historiadores e memorialistas da medicina no Brasil como o principal responsável pela elevação da medicina legal a condição de especialidade e disciplina científica (Coni, 1952; Peixoto, 1957; Santos-Filho, 1991; Azevedo, 1943). O médico maranhense, além do pioneirismo de seus estudos em antropologia física, foi alçado à condição de fundador de uma escola de pensamento, a “Escola Nina Rodrigues” (Peixoto, 1931; Ramos, 1934). No âmbito das ciências sociais, Nina Rodrigues tornou-se presença obrigatória nas investigações etnográficas sobre a cultura afro-brasileira e nas análises sobre o pensamento social brasileiro, especialmente as relações entre raça, ciência e nação na República Velha. (MAIO, p.226). Ver mais no artigo: “*A Medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma Trajetória Científica*”.

das cabeças dos cangaceiros expostas no Museu Nina Rodrigues sob a obsoleta influência da antropologia criminal do italiano Cesare Lombroso.³²

A pesquisadora Carvalho, em seu artigo, “*A espetacularização de cadáveres: a musealização de restos dos cangaceiros no Museu Antropológico Estácio de Lima*” questiona o porquê das teorias de Lombroso e de seu discípulo Nina Rodrigues ainda serem aplicadas nas cabeças dos cangaceiros, mesmo que tais teorias tinham caído em descrédito desde 1938, conforme:

Se as teorias de Lombroso (1835-1909) e de seu discípulo médico e etnólogo Nina Rodrigues (1862-1906) eram consideradas obsoletas em 1938, por que foram aplicadas nas cabeças de Lampião? Essa disparidade revela a sobrevivência da teoria eugênica e organicista, que baseia-se em melhorar a raça humana, para garantir a “raça-pura”, através da mistura seletiva de pessoas, como método para reafirmar o projeto político de pôr fim a qualquer forma de alteridade, principalmente se levarmos em conta que as peças mortuárias ficaram expostas por mais de 30 anos, mesmo com requerimentos constantes da família para que houvesse o sepultamento. (CARVALHO, 2019, p.6).

A sobrevivência de tais teorias, nos anos 50, ainda possuía uma forte conotação nos estudos de alguns pesquisadores das áreas médicas e sociais. Essas teorias se perpetuavam principalmente pela capacidade de articulação política em relação ao planejamento, criação de leis e instituições onde os mesmos posteriormente seriam os próprios diretores. Dito de outra maneira, não bastava ser um notável cientista; aglutinado a isso, era necessário habilidades políticas a fim de projetar sua imagem e suas teorias à posteridade.

Eles não se restringiram tampouco a serem membros de instituições já existentes: foram planejadores e criadores de novas instituições em alguns casos seus primeiros administradores, tendo seus nomes permanecido nelas para nos recordar isto (Instituto Nina Rodrigues na Bahia, Instituto Oscar Freyre em São Paulo, Instituto Afrânio Peixoto, no Rio, por exemplo). Sua atuação cultural incluiu desde conchavos para eleições da Academia Brasileira de Letras (ABL) até a ocupação de cargos na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Suas iniciativas nem sempre deram certo; muitas delas não passaram de projetos no papel, outras tiveram alcance restrito ao âmbito de aplicação de sua especialidade ou de sua área de atuação política imediata, mas algumas outras foram apoiadas e aprovadas pelo Estado em nível regional e nacional. (CORRÊA, 2013, p.13).

Foi no cruzamento entre política e ciência que encontraram uma forma de se perpetuarem através dos tempos. A política como ferramenta de criação da memória e da

³²Cesare Lombroso nasceu na cidade de Verona, bem conhecida com o a terra de Romeu e Julieta, em 1835. Quis estudar medicina, matriculando-se na Universidade de Pavia, laureando-se em 1858, aos 23 anos. Profissionalmente, foi médico, e intelectualmente um filósofo. A Escola Positiva do Direito Penal surgiu com a vida de Lombroso, no século XIX. (LOMBROSO, 2007, p.02). Obra intitulada: “*O Homem Delinquente*”.

realidade dos espaços que compõem a sociedade. Foi nesse contexto de sobrevivência dos pensamentos da escola de Nina Rodrigues ³³ que Vieira passou a manter diálogos, quase diários, com o professor Estácio de Lima que, por sua vez, passou a ser um interlocutor importante dos escritos do professor e poeta Antônio Vieira que, em 1972, o convida para escrever o prefácio do seu primeiro livro intitulado: “*Areia, Mar e Poesia*”. Segue abaixo o prefácio escrito pelo Dr. Estácio de Lima para o primeiro livro de poesia de Antônio Vieira,

Suas criações poéticas. Todavia, não é impunemente que a poesia invade os desvãos sombrios ou iluminados da alma humana.

Seus versos exibem formas de beleza rara, e, aqui ou ali, manifestações de ingenuidade ou ternura infantil a Casemiro de Abreu. O que predomina, entretanto, é a força do pensamento.

Lá uma vez, o Vieira cria, sob o nome de “Esparsas”. Aquela sucessão de palavras, uma sílaba, duas sílabas, para as privilegiadas muito bem boladas e, até, lindas de morrer, para mim, no entanto, incapazes de emocionar vivamente. A razão, porém, sempre está com as maiorias.

Há um ritmo verbal de samba e que é apenas ser tão curtinho! As poucas palavras sugerem, entretanto, uma visão da cabocla, descida dos Morros, ou vinda das Alagados, nos requebras sensuais que atizam ou reacendem o fogo morto dos desejos, ainda quando o barralho seja quase cinzas somente...

Os velhos vates não dispensavam as Musas que os inspiraram... – os mocos as subestimam agora.

- Não estaria a espicaçar o seu estra uma formosa deusa, que sobrevive neste século de agonias e deslumbramentos Ou a Musa, realmente, “já era”

Tenho a idéia de que uma grande dor de corno fez do Antônio Vieira de Vila Nova da Rainha, o artista de que dá provas neste livro de estréia.

Ele pode ir muito mais alto ainda. A amostra que aí temos, no entanto, é uma grande mantra, não de quinquilharias baratas, se não de jóias verdadeiras, ou finas pedras não lapidadas ainda.

Parabéns, Vieira.

ESTÁCIO DE LIMA
(Da Academia de Letras da Bahia)

Aqui, gostaria de destacar a importância das redes de contatos na trajetória de Antônio Vieira. As oportunidades surgiam a partir da relação com importantes figuras que proporcionaram posições importantes e dependiam de indicações política no âmbito acadêmico e social. Isto é, de Senhor do Bonfim a Salvador, Vieira permanecia entre aqueles que, de uma forma ou de outra, podiam ajudá-lo a transpor as barreiras que parecia

³³Embora seja difícil acreditar que Nina Rodrigues (1862 – 1906) comungasse da experiência religiosa afro-brasileira, tornou-se, pelo fato de ser pesquisador e, por força disto, frequentador assíduo do candomblé, um de seus aliados políticos que podia, de certa maneira, tomar posições públicas contra as perseguições policiais. Isso lhe deu crédito na comunidade religiosa, que findou por estabelecer com ele laços mais sólidos de participação no contexto dos rituais (BRAGA: 58). Por mais ambíguo que pareça, o médico e antropólogo Ninas Rodrigues vivia uma vida dupla. Um exemplo de como as tendências de uma época influenciavam diretamente as ações de alguém a fim de obter status no meio social através de modelos científico oriundos de países europeus como Darwinismo; mas que na vida prática viva-se uma realidade totalmente paralela a sua vida acadêmica.

intransponíveis para um jovem negro. De outro modo, não bastava ser inteligente, esforçado e com um diploma, era necessário, sobretudo, ser bem relacionado entre os círculos de influência.

Ao chegar à capital do Estado no final dos anos 50, encontrou uma conjuntura de mudanças não apenas no Brasil, mas em todo mundo. Nesse período havia um crescente desenvolvimento dos estudos de relações raciais no país, além de publicações de obras importantes - nos estudos de relações raciais - como *As elites de cor, estudo de ascensão do social*, de Thales de Azevedo; *A Integração do Negro na Sociedade de Classe*, de Florestan Fernandes; *Cor e mobilidade Social em Florianópolis*, de Octavio Ianni; “*O Negro Revoltado*” de Abdias do Nascimento, e ensaios críticos do sociólogo Guerreiro Ramos intitulados: “*A patologia social do branco Brasileiro*” e “*O problema do negro na sociologia brasileira*”. Sem falar, é claro, dos movimentos importantes em prol dos direitos civis nos Estados Unidos, sob a liderança de Dr. Martin Luther King, Malcolm X, e a criação do partido dos Panteras Negras nos Estados Unidos, nos anos 60.

De contrapartida, na capital baiana, os efeitos dessas grandes mudanças aconteceram de maneira gradual diante de um ambiente conservador. Uma geração que, apesar de herdeira de um tradicional estudo sobre o negro, não estava afinada a esse clima de efervescência que ocorria no mundo. Todas essas questões raciais começaram a se alinhar a uma tendência universal a partir das décadas de 70 e 80 quando os movimentos negros começaram a ganhar força, principalmente, depois da criação do Movimento Negro Unificado (MNU) nos anos 70, no Estado de São Paulo.

Na Bahia, afirma Márcia Lima, ex-funcionária da UFBA, essas questões sobre representatividade negra só começaram de fato, em Salvador, após a criação do CEAO³⁴ nos anos de 1959, mas ainda de maneira muito tímida.

Mais à frente, discutiremos, resumidamente, a importância do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) nos estudos Afro-Brasileiros e Africanos na formação do pensamento cultural negro na Bahia e, particularmente, na trajetória Antônio Vieira como professor de língua portuguesa na Universidade Ile Ifé³⁵ na Nigéria, África, a partir do programa

³⁴A criação do CEAO, em 1959, representa um marco no país, já que foi a primeira instituição acadêmica voltada para a produção e difusão de conhecimento sobre África. O fomento a um intercâmbio acadêmico, com ênfase na propagação de expressões culturais, entre países africanos e a Bahia, movimentando pesquisadores, professores e estudantes constituiu uma das principais ações previstas com a criação do CEAO. Ver Dissertação de Mestrado: “O Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia: Intercâmbio Acadêmico e Cultural Entre Brasil E África (1959-1964).”

³⁵Fundada nos anos sessenta na cidade nigeriana de Ile-Ife, logo após ser declarada a independência da Nigéria do Reino Unido, a então Universidade de Ife passou recentemente a ser chamada de Universidade Obafemi Awolowo, em homenagem a um dos mais importantes heróis da luta por independência na Nigéria. Fonte:

desenvolvido pelo (CEAO). Porém, antes de aprofundarmos mais sobre o CEAO, parece-me importante trazer o contexto de ditadura militar nos anos em que Vieira estudou e morou em Salvador.

2.1 Ditadura Militar e os movimentos estudantis na Bahia

Vale ressaltar que Antônio Vieira iniciou o seu curso de Biblioteconomia na Universidade Federal da Bahia (UFBA) nos anos 60. Nesse período, havia um clima de autoritarismo e uma série de movimentos estudantis que surgiram nesse contexto de violação dos direitos no estado baiano. Aglutinado a isso, havia um crescente interesse nos estudos relacionados a temas como: industrialização, modernidade, classes sociais e teorias que explicassem de forma significativa as transformações sociais, engendradas, sobretudo, por esse efervescente período de desenvolvimento industrial do país. Diante desse quadro, intelectuais encontraram na teoria de classe de Marx, a mais fértil ferramenta teórica de observação da realidade social brasileira da época.

Os anos 1960 assistiram ao avanço da teoria das classes e a consolidação da influência do Marxismo, e de todas as formas de explicação estrutural, na Sociologia brasileira. A vontade de desenvolvimento econômico e social passou, cada vez mais, a vincular-se a uma expectativa de que as classes sociais (fosse o empresariado industrial, fosse o operariado nascente, fossem as classes médias) adquirirem a consciência necessária para assumir o que pensava ser seu papel histórico quer a superação das oligarquias agrárias no poder, quer a implantação do socialismo. (GUIMARÃES, 2002, p.15).

A influência do Marxismo entre professores e estudantes universitários não foi diferente. Havia naquele contexto, entre os estudantes e professores universitários, uma forte tendência ao socialismo, além de leituras de obras fundamentais de Marx nos cursos de Ciências Humanas, Engenharia Elétrica, Física e Química da Universidade Federal da Bahia na (UFBA). Foi nesse período, diz o professor de Sociologia aposentado, Aloysio Santos, que os estudantes e professores envolveram-se em manifestações, passeatas e, muitas vezes, em confrontos diretos com os militares. “Só para se ter uma ideia, éramos todos nodoados de comunistas e inimigos número um do Estado Brasileiro”. Lembro-me, claramente, haver um descontentamento geral por parte da nossa geração diante da ausência de liberdade e a incerteza de um futuro”. Abaixo segue o trecho do artigo de Livia Gomes Côrtes Louisi A. F.

de Oliveira do Amaral, intitulado, “*A Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia e a Ditadura Militar Brasileira: discentes que “criaram um clima de intranquilidade em Salvador em 1968”*”, que corrobora ao depoimento do professor Aloysio:

Dessa forma, percebe-se que a ditadura foi deflagrada tendo como primeira atitude o combate aos “inimigos” em qualquer instância e, de acordo com Araújo (2012), na Bahia não foi diferente. O golpe militar de 1964 provocou uma devassa na UFBA. Professores foram presos e responderam a Inquéritos Policiais Militares (IPM’s) e o movimento estudantil foi o que mais sofreu. Este era, em primeiro lugar, um movimento extremamente ativo no apoio ao movimento popular pelas reformas de base; em segundo lugar, um movimento que contestava a universidade conservadora e coronelista do Dr. Edgard Santos; em terceiro lugar, um movimento que se havia qualificado como vanguarda regional na produção cultural. (ARAÚJO, 2012, p. 91).

Atuação dos estudantes em Salvador no período de ditadura militar na Bahia desencadeou uma série de iniciativas, as quais culminaram em perseguições, agressões, prisões e torturas de estudantes, professores, sindicalistas, trabalhadores e movimentos populares que resistiram, sob o ideal de liberdade, que pairava em toda uma geração de jovens insatisfeitos com o clima de autoritarismo e desrespeito aos direitos civis, políticos e sociais no país.

Na Bahia, os militares se apressaram em neutralizar as cidades de Vitória da Conquista, Ipiatã e Feira de Santana, que eram chefiadas por partidários de João Goulart e poderiam se tornar possíveis focos de resistência. Vale a pena ressaltar que em Feira de Santana, um grupo de estudantes formado por Péricles de Souza, Sérgio Gaudenzi e Raimundo Mendes, pertencentes à Ação Popular, tentou articular juntamente com o Prefeito Francisco Pinto uma forma de resistência ao golpe. (SANTANA, 2009, p. 155).

O ex-prefeito da cidade afirmou em depoimento que:

A cidade de Salvador encontrava-se cercada pelas tropas e centenas de prisões foram efetuadas. Vários líderes operários e estudantes que escapavam se deslocavam para o nosso município. Discutimos o que fazer e resolvemos resistir. Uma série de providências foram adotadas para enfrentar os golpistas. Não cabe aqui enumerá-las. A ausência de reação no resto do país nos levou à desmobilização. Provedenunciamos a fuga para a maioria dessas lideranças. (SANTOS, F., 1998, p. 28 *apud* SANTANA, 2009, p. 155-156).

Já Péricles de Souza, estudante da Ação Popular, em depoimento colhido em 2004 pela pesquisadora Cristiane Soares de Santana (2009, p. 156) revelou mais detalhes, afirmando que:

Aqui na Bahia nós tomamos a iniciativa de resistir ao golpe, resistir no caso é aí a resistência armada ao golpe, e achávamos que deveríamos fazer a nossa parte já que Pernambuco resistiria, Rio Grande do Sul resistiria e nós tínhamos que fazer a nossa parte. Tomamos iniciativas, preparamos algumas ações até militares, foi feito até um plano de tomada do quartel da polícia militar em Feira de Santana para a conquista de armamentos e para resistência. Feira de Santana porque era uma cidade governada por Francisco Pinto, uma pessoa também ligada ao movimento de esquerda da base de apoio de Goulart e o movimento que nós tínhamos mais acesso que era esse movimento de trabalhadores rurais também nós tentamos mobilizar e reorganizar esses trabalhadores rurais para resistência. [...] Justamente na noite do golpe, mobilizamos vários grupos, companheiros da AP, outros companheiros que não eram da AP participaram também disso [...] mandamos para o interior esses grupos, mas o golpe acabou prevalecendo.

O cenário que se apresentava em Salvador nos anos 60, segundo Côrtes Louisi e Amaral, não se restringia apenas ao Brasil, mas fazia parte de um contexto de proporção global que forjou as tendências revolucionárias e os descontentamentos da época. Ou seja, havia uma tendência revolucionária de proporção global.

Araújo sintetiza o cenário mundial afirmando que o motivo do descontentamento era diverso em cada país. Nos Estados Unidos a tensão racial ganhara as ruas e os becos com o movimento pelos direitos civis dos negros, liderado pelo reverendo Martin Luther King Jr., e com a contestação armada ao racismo pelos vários movimentos organizados, como os Panteras Negras e outros militantes do “Black Power”. Também os jovens, as principais vítimas de um recrutamento militar, para alimentar com suas vidas uma presença crescente dos EUA na guerra do Vietnã, reagem contra o militarismo e contra a guerra. Na Europa, fervilhava a insatisfação com o legado do pós-guerra, da guerra fria e do alto preço social e cultural da reconstrução das economias. Explodia também, entre jovens e intelectuais a repulsa ao imperialismo russo na Europa Ocidental, que vitimara a Hungria, em 1954, e que pressionava a Tchecoslováquia, de Alexander Dubcech. No mundo colonial, as revoluções sociais descolonizadoras avançavam irresistivelmente, tendo como vivência mais radical o Sudoeste Asiático. Também a América Latina experimentava uma radicalização crescente dos movimentos pela independência econômica e política em relação à onipresença americana, animados e inspirados pelo sucesso da Revolução Cubana. (ARAÚJO, 2012, p. 85-86).

Em entrevista concedida por e-mail, o professor Dr. Jeferson Bacelar, disse-me:

Que a sua geração lutava pela tão sonhada revolução contra a ditadura militar nos anos 60. Por isso, continua o professor, que os temas raciais não estavam em voga diante da necessidade iminente de reivindicar direitos que nos foram furtados. Em outros termos, estávamos mais preocupados em combater o clima de autoritarismo do que propriamente com temas raciais. (BACELAR, depoimento ao autor, ago. 2020).

Esse período de tendências revolucionárias e lutas contra a opressão ditatorial, foi também, como já foi dito, um período onde os estudos de relações raciais foram marcados a partir das teorias de classe onde a mobilidade social do negro era entendida, meramente, por

uma perspectiva econômica. Onde, em alguns casos, concluiu-se que o racismo estaria mais ligado à classe do que propriamente à cor da pele.

Assim, os estudos raciais também foram contagiados por essas tendências que fomentavam a percepção de cunho econômico do que propriamente uma questão étnico-racial. Segundo esse argumento, o negro não estaria mais sujeito aos preconceitos raciais sofridos pelos seus pares desde que ascendesse à classe social economicamente favorecida. Assim, a forma como as pessoas interpretavam a realidade estava relacionado como nível de consciência engendrado pelo contexto histórico no qual estavam inseridas.

Afinado com o depoimento do professor Dr. Bacelar, a professora Dr.^aYeda de Castro, em entrevista concedida por telefone, esclarece:

Já no início dos anos 60 a maioria da população da capital baiana não tinha essa noção de representatividade negra ocupando espaços de poder, pelo menos como nós entendemos hoje. Ela afirma: “é preciso entender, caro pesquisador, que o contexto da época era outro, as pessoas estavam mais preocupadas com questões práticas envolvendo a liberdade e a melhorias significativas na economia que pudessem, de fato, reverter à vida das pessoas.

Sendo assim, discussões sobre relações raciais restringiam-se a pequenos grupos de intelectuais acadêmicos, folcloristas, escritores e estudiosos da cultura do negro em um estado onde os estudos de relações raciais já tinham uma tradição. Porém, é importante destacar que alguns estudos ainda estavam ligados à teoria da democracia racial, a influência da escola de Nina Rodrigues e mais, recentemente, a teoria de classe de Marx.

Ainda, segundo a professora Yeda, a presença de professores universitários, negros, em Salvador no final dos anos 50 e início dos anos 60 era uma raridade. Até mesmo porque, aqueles poucos que tinham na academia, não eram vistos como negros ou simplesmente não discutíamos sobre isso”. (CASTRO, depoimento ao autor, maio/2020)

É o que se afirma, também, no depoimento do professor Dr. Bacelar ao dizer que:

O meu único professor negro, no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia (UFBA) era o professor Dr. Júlio Braga que por sinal não era percebido como negro. Ele afirma: eu não o via como negro; hoje, entendendo, claramente, que isso se deve principalmente à percepção aprendida na minha geração. (BACELAR, depoimento ao autor, ago. 2020).

Aqui, parece-me interessante ressaltar que mesmo nos dias de hoje, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) possui um quadro de professores negros/as ainda muito pequeno quando comparado à população soteropolitana, majoritariamente negra. Vejamos, abaixo, a composição de professores universitários negros, brancos e indígenas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em porcentagem. Dados retirados do trabalho de dissertação de Edilene

Santana dos Santos Silva intitulado “*Racismo e docência em universidades públicas: o caso da Universidade Federal da Bahia*”:

A UFBA é uma universidade que se encontra em um estado brasileiro que tem em sua capital maior proporção de afrodescendentes fora da África, entretanto, até pouco tempo atrás a sua população discente, principalmente em cursos de maior prestígio social, era composta quase que majoritariamente, por indivíduos brancos. As ações afirmativas, provocaram algumas tímidas mudanças nesse cenário, entretanto, há muito que se avançar quando trata-se da composição do quadro docente desta universidade.

Sem considerar, os 445 docentes que não informaram a sua classificação racial, o corpo docente da UFBA, no que diz respeito aos grupos raciais, atualmente é composto da seguinte forma: 60% docentes brancos, 30% docentes pardos, 7% docentes pretos (37% docentes negros), 2% docentes amarelos e 1% docentes indígenas. A partir destes dados é possível concluir que há uma desproporcionalidade entre a presença do grupo racial branco e negro no quadro de docente da Universidade Federal da Bahia, assim como também entre amarelos e indígenas. Esse argumento baseia-se na representação destes grupos raciais no estado da Bahia. A ausência das populações nativas, pode ser observada quando se compara os dados dos amarelos com os indígenas, constatando-se que há mais amarelos nos quadros docentes da UFBA, que indígena, vale a pena ressaltar que a Bahia não tem tradição em imigração amarela, como São Paulo e outros estados brasileiros. Juntos, pardos e pretos que constituem o grupo racial negro equivalem 37% do corpo docente da UFBA, mas a representação deste grupo racial na população baiana é de 79,3% de acordo com os dados do PNAD 2014. Ao analisar esses dados sobre a UFBA, não podemos seguir a tese do autor José Jorge de Carvalho (2005-2006) sobre confinamento racial do mundo acadêmico, afinal diferentemente da região sudeste, há uma quantidade considerável de docentes negros na universidade em questão. O problema que se coloca aqui é a sobre representação do grupo racial branco neste espaço acadêmico, tendo em vista a sua sub-representação na população baiana, realidade essa que evidencia como o racismo estrutura as relações em território baiano. (SILVA, 2019, p.85).

Aqui é importante evidenciar no trabalho de Silva, os dados colhidos pela pesquisadora:

Na UFBA, o grupo racial branco compõe todas as áreas de conhecimento com percentuais entre 50% e 64% e números absolutos de 1.123 docentes no total, é importante salientar que este é o único grupo racial com maioria percentual e absoluta em todas as áreas de conhecimento. (SILVA, 2019, p. 87).

Esses dados sobre o quadro de professores da UFBA revelam, mesmo diante do significativo aumento de professores negros na instituição, uma discrepância no quadro de docentes negros na Universidade ainda hoje.

Diante desse quadro, não é de se admirar que nos anos 60, professores como Dr. Júlio Braga, não fosse percebido como um homem negro, mas, no mínimo, como alguém mestiço. Logo, ocupar certos espaços de prestígio social faz com que pessoas, historicamente

discriminadas, passem a ser percebidas a partir do fetiche do lugar socialmente desejado. Dito de outra forma, ao ascender-se economicamente, o negro passaria por um processo de embranquecimento social já afirmado por sociólogos como Guerreiro Ramos e Thales de Azevedo. Segundo Thales de Azevedo, por exemplo, citando diretamente o sociólogo Guerreiro em seu livro, *Elites de Cor*, afirma:

Entre a gente do povo é comum ouvir dizer que "branco é quem tem dinheiro". Diz um sociólogo de cor que "o negro brasileiro pode branquear-se, na medida em que se eleva economicamente e adquire os estilos comportamentais dos grupos dominantes. O "peneiramento" social brasileiro é realizado mais em termos de cultura e de "status" econômico do que em termos de raça". (4) Por isto diz um profissional mulato, "tem dinheiro é branco". Os mestiços de cor clara, branqueados ou "brancos na cor", são chamados de brancos da terra ou brancos da Bahia (5) quando ocupam uma posição social importante e não se quer chamá-los mulatos, o que, em muitos casos, se evita por delicadeza. Na caracterização desses "brancos presumidos", é sempre muito relevante a fortuna ou o papel social. Falando de um mestiço claro de traços levemente negroides, alguém disse, com certo ar de ironia, que "aquele é branco, socialmente falando, porque já ocupou um dos mais altos cargos políticos do Estado". Por essas razões é que um médico baiano, dedicado aos estudos de Antropologia, escrevia em 1898 que "anatomicamente, os brancos da Bahia estão entre os pardos e os descendentes diretos dos portugueses não mestiçados" (AZEVEDO, 1955, p.27).

A partir do entendimento de Guerreiro Ramos, Thales de Azevedo chega a uma interpretação semelhante quanto ao processo de embranquecimento do negro no Brasil e conclui, em suas pesquisas, que há algo além da própria pigmentação da pele em nível social, isto é, no sentido de que o embranquecimento se manifesta sobre fórmulas simbólicas da vida cotidiana dos indivíduos. No que tange, principalmente, os traços, os gestos e os hábitos que sinalizam, a priori, o que percebemos como belo, justo e bom.

Assim, diante de uma conjuntura de autoritarismo militar e transformações de cunho político, social e econômico, que delinearam os padrões mentais erigidos pelo contexto histórico, o qual Antônio Vieira estava inserido, formataram, portanto, uma percepção específica da realidade. Entretanto, desde sua infância em Senhor Bonfim, cristalizou-se em sua estrutura psíquica um modelo que o reduziria a um ser artificial, incompleto, forjado por condições objetivas que modelaram a sua realidade a partir de narrativas oficiais e reforçadas, sobretudo, através de vozes e instituições que formaram as narrativas hegemônicas sobre a realidade.

Dessa forma, o caráter do jovem Antônio Vieira foi construído sob dimensões simbólicas que o marcariam de maneira indelével por toda a sua trajetória. Por exemplo, a influência político-ideológica incorporada, principalmente, através dos discursos e instituições sociais que ditaram a forma pela qual as pessoas pensavam de si mesmas a partir de

referenciais criados pelos grupos dominantes e incorporados na memória oficial da sociedade mais ampla (SIMSON, p.14), reforçou, assim, a necessidade de assimilar o comportamento dominante a fim de chegar ao seu objetivo de ascensão social.

Para isso, Antônio Vieira afastou-se de toda e qualquer polêmica envolvendo os movimentos estudantis contra a ditadura militar, debates polêmicos sobre o preconceito racial e até mesmo de suas origens em uma pequena comunidade negra no interior da Bahia. Preferiu, portanto, uma posição mais subserviente e assimilacionista dos hábitos dominantes como estratégia de mobilidade social. Lembrando que Vieira residia no apartamento da família Félix em Salvador, onde as questões raciais não eram debatidas no seio de uma família branca. Sem falar que os movimentos estudantis contra a ditadura militar não eram vistos com bons olhos por grupos mais conservadores.

Isso fez com que Antônio Vieira não participasse dos movimentos estudantis contra a ditadura militar, enquanto estudava e morava em Salvador. Essas questões, portanto, eram vistas por uma perspectiva muito pejorativa e até mesmo evitada, no seio de sua família tradicional. Com a leitura de Guimarães (2009), Silva (2019, p. 62) afirma que:

Noutro sentido vai à construção de identidade daqueles negros que, apesar dos efeitos da ideologia racial brasileira na construção da sua própria identidade, ascendem. Entretanto, a crença na democracia racial e no discurso da mestiçagem tem como consequência a quebra da solidariedade interna da comunidade negra, levando-os a procurar ambientes sociais e laços afetivos, fora da comunidade negra. Alguns indivíduos negros que ascendem ou estão em via de ascensão, convencidos pelo mito da democracia racial e a ideologia da mestiçagem, acreditam que o racismo pode ser combatido e diluído principalmente através da construção de laços afetivos, matrimoniais, econômicos e políticos com indivíduos brancos ou ainda acreditam que a única forma de fazer com que suas gerações futuras ascenda socialmente, é através do embranquecimento. Esse tipo de construção identitária entre negros que ascendem foi considerada em muitos estudos sobre relações sociais no Brasil, como regra, na realidade, ascender significava necessariamente embranquecer geneticamente, culturalmente e socialmente.

O próprio professor Júlio Braga, ex-diretor do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da UFBA, afirma que:

As questões raciais, de cor, eram consideradas extremamente pejorativas para a maioria das pessoas naquele período. Por esse motivo o tema racial era evitado pela maioria das pessoas da minha época, até mesmo no meio acadêmico; esses debates não tinham a devida relevância em comparação a toda uma estrutura eurocêntrica cultivada no seio universitário até os dias de hoje. Assim, até mesmo uma pessoa de cor dificilmente se autodeclarava negra. Geralmente preferiam termos com moreno ou pardo. Havia uma carga semântica muito pesada sobre o termo negro. (BRAGA, depoimento ao autor, maio. 2020)

No livro “*As elites de Cor na Bahia*”, de Thales de Azevedo, o antropólogo relata o quão a expressão negro era considerada indelicada no tratamento entre as pessoas de cor em Salvador dos anos 50. Ele afirma,

Pretos são os indivíduos que têm as características físicas do negro africano particularmente a pele muito escura, "côr de carvão", os cabelos encarapinhados, o nariz chato e os lábios muito espessos. Mas a expressão "negro" é considerada indelicada e por vezes ofensiva, desde os tempos coloniais. Trabalhando em uma clínica hospitalar um médico registrou como "negro" uma criança que ali fora procurar tratamento; mais tarde o pai desta foi protestar junto ao médico contra a classificação dada no seu filho, dizendo preferir que o chamassem preto ou...escuro". Quando alguém se dirige a um preto de classe inferior pode, por exemplo, compará-lo a outro "preto como você", mas tratando-se de pessoas de classe mais alta a etiqueta manda empregar o vocábulo escuro ou mesmo moreno. Diversos informantes relatam que os alunos de alguns professores pretos de maneiras ríspidas dizem que isto "são coisas de negros". Um intelectual mulato escuro sabe que, quando o querem ofender, chamam-no "aquele negro"; lambem um profissional preto sabe que seus adversários políticos referem-se à sua pessoa como "o negro Leonardo". E não é raro ouvir brancos e morenos reclamarem, a meia voz, contra os maus modos, as gargalhadas ou o falatório "destes negros" quando pretos e mulatos dão expansão ruidosa à sua alegria no interior dos veículos públicos, dos cinemas ou nas ruas. (AZEVEDO, 1955, p.27)

Essa conotação pejorativa que o termo negro adquiriu, não mudou com o tempo. Para termos uma idéia, os estudos de Thales Azevedo nos anos 50, não seria diferente quanto à repulsa do termo negro como identidade. Aliás, até mesmo nos dias atuais, autodeclarar-se negro não é uma das tarefas mais fáceis. Isso se deve, principalmente, a relação pejorativa que as pessoas ainda têm em relação ao termo como algo ruim, indesejado, diante da ausência de representatividade positiva que reforça esse imaginário. Com Antônio Vieira, por sua vez, não foi diferente. Seus escritos poéticos reverberam a ausência de um modelo positivo que forjasse o sentimento de orgulho de sua cultura, de seus traços, sua identidade negra e ancestralidade africana.

Todavia, Antônio Vieira viu sua percepção mudar quando foi apresentado ao Centro de Pesquisa Afro Orientais (CEAO) por uma grande amiga-irmã Ieda, que ele conhecera no curso de Biblioteconomia da UFBA. Ieda foi uma profunda estudiosa da cultura afro-brasileira e africana; foi responsável por apresentar um universo totalmente novo à Antônio Vieira que, apesar de ser um homem negro vindo de uma comunidade negra no interior da Bahia, desconhecia a cultura Afro-brasileira e Africana, como passou a conhecer depois de sua amiga Ieda e o CEAO.

Figura 5: Da esquerda para direita, temos a amiga-irmã de Vieira, Ieda Machado, seu esposo Antonino e Antônio Vieira de blazer azul à direita.



Fonte: Acervo pessoal da família de Ieda Machado

2.2A influência do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) na trajetória do intelectual e poeta negro Antônio Vieira

Foi em Salvador dos finais dos anos 50 que o jovem Vieira encontrou uma conjuntura que o forjaria como um intelectual. Ou, como podemos chamar aqui, uma realidade a partir do nível de entendimento o qual as pessoas possuíam de si mesmas, dos outros e do contexto da época. A realidade cultural foi tão forte que, segundo o depoimento de Aline Félix - concedido pelo aplicativo de whatsapp - Vieira quis, a princípio, afastar-se de tudo que lembrasse suas origens humildes, devido à convivência com jovens de famílias ricas de Salvador e de uma realidade totalmente distinta de “Toinho”, como Aline o chamava.

Ainda segundo análise desta, “Toinho” tinha uma necessidade imensa de provar o seu valor: “eu acredito, que isso se devia, basicamente, às suas origens humildes em uma comunidade negra rural no interior da Bahia. Isso era tanto, que Toinho evitava comentar sobre esse assunto com os amigos e nossos familiares em Salvador. Por tudo isso, ele se

esforçava, exaustivamente, para provar que poderia transpor essa realidade e ser tão quanto ou mais, do que outros jovens economicamente mais favorecidos do que ele à época.

Lembro-me que Toinho só veio a falar sobre suas origens na comunidade do Lagarto bem mais tarde. Na verdade, no final do curso de Biblioteconomia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), quando passou a frequentar assiduamente o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), através de uma amiga chamada Ieda Machado.³⁶ Essa viria ser uma mentora intelectual de Antônio Vieira sobre estudos afro-brasileiros e africanos que contribuíram, sobretudo, com a sua autoafirmação como homem negro e de origem pobre.

Figura 6 Imagem do documento de matrícula no curso de Biblioteconomia da UFBA

UNIVERSIDADE DA BAHIA
REITORIA
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA

Nome *Antônio Vieira de Silva*

Filiação *Marcosino Vieira de Silva e P. Carolina M. de Silva*

Nacionalidade dos Pais *brasileiros*

Nascimento: Local *Senhor do Bonfim - Bahia*
Data *3 de fevereiro de 1937*

Matricula no ano letivo de 19 *66* na *1ª* série

do Curso *de Biblioteconomia e Documentação*

Observações:

Fonte: Arquivo do curso de Biblioteconomia da UFBA

Foi ao lado de sua amiga-irmã Ieda e da sua relação com o CEAO que Vieira passou a entender a importância de suas origens em uma comunidade negra no interior da Bahia. Entretanto, mesmo imbuído de tais conhecimentos, Vieira seria marcado por uma memória

³⁶Nascida em 27 de Março de 1941 Faleceu em 04 de Abril de 2001. Formada em biblioteconomia pela UFBA em 1964. Serviu como bibliotecária da Escola de Música da UFBA e do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO - em meados dos anos 70. Leitora. Universidade de Ifé 1981. Adido Cultural. Embaixada do Brasil na Guiana (1986-1988)

que, mesmo ocupando posições nunca antes ocupadas por seus pares, o faria lembrar de suas origens e a sensação de inferioridade que o perturbava. Por isso a importância de sua relação com CEAO na reconfiguração do seu conhecimento sobre essa realidade a qual estava inserido.

Logo, o surgimento do CEAO veio atender a necessidade de diálogo entre a universidade e a comunidade afro-brasileira que carecia de discussões que viabilizassem a construção étnica e racial de uma população de maioria negra em Salvador. Foi nesse contexto de grande ebulição político e social, segundo o antropólogo Lívio Sansone, que o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) surgiu em 1959. Ele afirma:

O CEAO foi criado em 1959, numa época de grande efervescência política e cultural, quando o Brasil inaugurava uma política de presença diplomática no continente africano, no momento em que este aprofundava suas lutas de libertação do colonialismo europeu. (SANSONE, 2009, p.181-182).

Isso apontava, mesmo que timidamente, para uma crescente preocupação sobre questões raciais em um Estado onde a população negra é a maioria. Assim, embora o CEAO tenha a preocupação em estudar aspectos das culturas asiáticas, a pesquisa e o estudo da cultura negra são bem mais fortes, segundo a própria professora e ex-diretora do CEAO, Yeda de Castro. Ela explica que por estar situado num Estado onde a população é majoritariamente negra, conseqüentemente, o Centro tende, acima de tudo, atender aos anseios desta comunidade. Destaca, também, no trabalho de Santana intitulado: “*Yeda Pessoa de Castro e a sua contribuição para a inclusão dos estudos africanos nos currículos escolares da Bahia: a experiência da década 1980*”, o momento dramático de opressão militar que assumiu o CEAO:

Conforme o depoimento, o contexto em que a profa. Yêda assume o CEAO coincide com o período de repressão política e ideológica exercida pelo governo militar, a qual repercutiu seriamente na organização educacional do país em todos os níveis. Por isso, após a década de 1970 e no período pós Reforma Universitária, ainda que a reforma tenha reduzido a atuação do centro, os professores da UFBA interessados em pesquisar e promover ações vinculadas aos estudos africanos mantinham a sua influência nos departamentos da UFBA. (SANTANA, 2013, p.54).

Dessa forma, o CEAO teve um papel importante no processo de transição e discussões sobre a cultura do negro na Bahia e no Brasil. Antônio Viera, por exemplo, foi significativamente impactado em sua formação intelectual e na reconstrução de sua identidade como um homem negro. A sua relação com o CEAO possibilitou a Vieira conhecer figuras importantes através da bibliotecária Ieda Machado. Uma dessas figuras foi à professora Dra.

Yeda Pessoa de Castro, diretora da instituição e responsável pela criação do museu Afro-Brasileiro, e o fotógrafo, etnólogo e antropólogo, Pierre Verger, amigo de Vieira.

Por conseguinte, através dessa seleção Vieira foi aprovado para lecionar língua portuguesa em uma Universidade no continente de seus ancestrais, a mãe África. Porém, é importante destacar, que antes de participar da seleção no CEAO, Vieira já tinha em seu currículo a experiência de seis anos no exterior, quando fez algumas especializações em educação e antropologia social na Universidade de Kansas nos Estados Unidos, através de uma bolsa que concorrera na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Quando retornou, Vieira era um homem mais cosmopolita, mais maduro e com inglês excelente.

Sua experiência no exterior foi decisiva para sua aprovação em processo seletivo para professores escolhidos para lecionar em um país onde o inglês era requisito fundamental. A sua aprovação foi resultado de dois fatores decisivos: o (1) foram os longos anos de preparação em boas instituições de ensino em Senhor do Bonfim e na capital do Estado, Salvador; (2) foram as oportunidades que surgiram a partir de seus círculos de relações construídos através de sua trajetória até a sua aprovação no processo seletivo para professores de língua portuguesa na Nigéria.

Quando surgiu a oportunidade de lecionar na África, Vieira foi prontamente avisado por sua amiga-irmã, Ieda, que o incentivou a vivenciar essa experiência no continente Africano. Para a bibliotecária, o encontro de Antônio Vieira com sua ancestralidade África, simbolizava muito mais do que simplesmente um crescimento profissional em sua trajetória, mas, principalmente, um encontro necessário com as suas origens, sua ancestralidade e respostas às suas principais inquietações como homem negro.

Sendo assim, foram selecionados para ensinar língua portuguesa e cultura Brasileira na Universidade de Ilê Ifé na Nigéria os professores: Antônio Vieira e Arnaldo Lima, já no final dos anos 70 em Salvador.

Vieira chega à cidade da Nigéria nos anos 70, acreditando em uma continente onde os negros estivessem em uma situação melhor do que no Brasil. Entretanto, não foi bem o que Vieira encontrou. Havia por parte de um jovem professor negro, uma romantização da realidade do continente africano. Vieira acreditava, à princípio, que encontraria uma realidade bem melhor para os negros do que no Brasil. Todavia, não foi bem assim. Ao chegar à África, Vieira encontrou uma realidade com forte resquício da colonização do branco europeu. Suas impressões do continente foram registradas em seu terceiro livro intitulado: "*Cantares D'África Song's of Africa*" publicado em 1980:

Cantares d'África é o resultado de minhas observações pessoais em qualquer parte do mundo onde quer que existam negros e pobres. Note que negro e pobreza se confundem onde quer que estejam. Até no próprio continente negro, pois, o colonizador europeu, arrancou-lhe tudo. Em alguns países; até a cultura, dignidade e identidade, e o respeito humano lhes foram surrupiados. Lanço aqui, meu protesto e mando meu brado de indignação a tais descabros; e com a esperança de que este erro histórico seja corrigido breve possível. (SILVA, 1980, p.13).

Esse pequeno trecho do livro descreve a frustração de Vieira ao constatar que a condição da população negra no continente africano estava tão difícil quanto à população afrodescendente no Brasil. Aqui, estamos diante de modelos negativos apresentados ao negro aonde quer que vá, reforçando assim, estereótipos que, ao invés de fazê-los ascenderem a níveis mais elevados de si mesmos, descendem a uma condição de ausência de identidade objetiva e até mesmo engendrando confusões mentais.

A própria trajetória de Antônio Vieira, por exemplo, demonstra claramente isso. Desde os tempos pueris em Senhor do Bonfim, Vieira foi apresentado a modelos negativos de sua própria comunidade negra rural no interior da Bahia. Isso gerou traumas que o marcaria por toda a sua vida, mesmo passando por um processo de desconstrução de suas antigas crenças, os resquícios das estruturas internas não foram moldadas completamente; havia por um lado, despojos que imergiam em ações que contradiziam essa nova fase de aparente mudança de percepção da realidade.

Vieira não foi capaz de dissolver (por inteiro) o que foi incrustado em seu consciente como o ideal de sucesso. Havia um claro apego a símbolos que o fizessem ser notado como homem bem sucedido, alguém de sucesso. Como podemos afirmar em alguns depoimentos sobre a sua preferência por mulheres loiras, a frequência a ambientes badalados e o cultivo de amizades com figuras poderosas e influentes de sua época. Isso teria aumentado exponencialmente quando retornava ao Brasil de férias, ao lado de belas mulheres europeias a tira colo, afirmam.

Um dos pontos mais polêmicos da trajetória Antônio Vieira foi sua participação pouco engajada no discurso proferido ³⁷ no **II Festival Mundial de Artes Negras e Cultura (FESTAC)** em Lagos no sudoeste da Nigéria; onde, segundo Abdias do Nascimento, limitou-se a um discurso de autopromoção e divulgação de suas poesias.

As críticas de Abdias do Nascimento davam-se, principalmente, ao baixo comprometimento de intelectuais e artistas negros em denunciar o racismo existente na população brasileira. Para Abdias, essa postura de passividade corroborava a falsa ideia de

³⁷ Ver mais na tese de Luiza Nascimento dos Reis intitulada: *De improvisados a eméritos: trajetórias intelectuais no Centro de Estudos Afro-Orientais (1959-1994)*

uma democracia racial no país. Assim, Artistas como George Alakija, presidente do 5º grupo de trabalho na sessão **Black civilization and science and technology**; Guilherme Castro e Yeda Pessoa de Castro, também foram duramente criticados por apresentarem trabalhos que, segundo Abdias, pouco ou nada contribuíram com a real condição do negro no Brasil, mas se limitavam a estudá-los por uma perspectiva cultural e exótica.

Por outro lado, na Nigéria, Vieira ganhou um enorme destaque como professor de língua portuguesa e articulador dos eventos que ocorriam com a chegada das comissões brasileiras à África e sua notável capacidade de comunicação e carisma que o fizera galgar posições importantes enquanto trabalhou como professor e coordenador na Universidade de Ifé na Nigéria.

Foi professor e coordenador dos estudos Luso-Brasileiros, Literatura e Língua Brasileira no Departamento de Línguas Européias Modernas na Universidade de Ifé em Ile Ife, Nigéria. Também foi mentor bilateral entre a Universidade de Ifé e a Universidade de São Paulo, além de ser conhecido pelos seus amigos americanos de O Embaixador cultural Brasileiro ou attaché cultural extraordinário. (SILVA, 1980, orelha do livro).

Em entrevista concedida por e-mail, o professor norte americano Robert Ellio Fox, amigo de Antônio Vieira, relembra momentos marcantes que vivenciou ao lado do amigo nos tempos que ensinaram na Universidade de Ifé na Nigéria e, principalmente, das conversas que tiveram sobre a cultura do Brasil, a música popular Brasileira e as histórias de Vieira sobre suas origens simples no interior da Bahia. O professor Fox escreve:

When I arrived in Nigeria in 1978 to join the Department of Literature in English at the University of Ife (now Obafemi Awolowo University), Antonio Vieira da Silva already was there, teaching in the Department of Foreign Languages. I believe he arrived there a year or two before me.

He was a neighbor who lived in a block of flats next door to mine. Antonio was very well liked. He was charismatic, good-humored and fun to be around. We soon became good friends.

One important thing he did for me was to remind me that America is hemispheric, plural—the Americas, North *and* south—not an identity exclusive to the United States. That was always somehow at the back of my mind but he brought it forward, which altered my thinking in a positive way.

I learned a great deal about Brazil from Antonio. He showed me a photo of his extended family, ranging from ebony to ivory. He said he was the second to last of sixteen children of illiterate parents. I'll never forget one thing he told me in this regard: that his parents themselves had emphasized their lack of education by saying that they couldn't even make an o with a glass on a table or on a chair with their buttocks.

Antonio introduced me to Brazilian music: Roberto Carlos, Chico Buarque, Caetano Veloso, Jorge Ben, Gal Costa, Milton Nascimento, Gilberto Gil and others. Even the names of these artists alone were a new music for me, like the Portuguese language itself, the sonorities of which enchanted me. He also turned me on to authors whom

I had previously been unaware of, like Jorge Amado, who became a favorite. *Tent of Miracles. Gabriela, Clove and Cinnamon*.

We shared a love of poetry. He talked of older authors who had mentored him, who called him “son” because he was heir to a wonderful literary lineage. We talked of cultural flows, of influences; of the Africans who were taken to Brazil and the returnados.

I always intended to visit Brazil and Antonio and I discussed this frequently, but somehow it never came to pass, much to my regret; however, I was able to send my eldest daughter there on a student exchange while she was in high school, which gave me much vicarious pleasure. Still I have often imagined, or tried to imagine, what it would have been like to visit Salvador da Bahia under Antonio’s tutelage, to experience a cultural magic different from and yet concurrent with Ile-Ife’s magic.

I left Nigeria in 1985. Antonio departed a year before that, if memory serves. He wasn’t in good health. Communication wasn’t as easy in those days as it is now, and sadly, we fell out of touch. I am so happy to learn that he is not being forgotten in his homeland. He was a talented individual and a wonderful human being whom I will always retain fond memories of. Join me in raising a glass of cachaça in his honor and in remembrance.³⁸ (FOX, Robert Ellison. Depoimento cedido ao autor via e-mail, set. 2020)

³⁸ Quando cheguei à Nigéria em 1978 para ingressar no Departamento de Literatura em Inglês da Universidade de Ife (hoje Universidade Obafemi Awolowo), Antônio Vieira da Silva já estava lá, lecionando no Departamento de Línguas Estrangeiras. Acredito que ele chegou lá um ou dois anos antes de mim.

Ele era um vizinho que morava em um bloco de apartamentos ao lado do meu. Antônio era muito querido. Ele era carismático, bem-humorado e divertido de se estar por perto. Logo nos tornamos bons amigos.

Um//a coisa importante que ele fez por mim foi me lembrar que a América é hemisférica, plural – as Américas, norte e sul – e não uma identidade exclusiva dos Estados Unidos. Isso sempre esteve de alguma forma no fundo da minha mente, mas ele trouxe isso para a frente, o que alterou meu pensamento de maneira positiva.

Aprendi muito sobre o Brasil com Antônio. Ele me mostrou uma foto de sua família extensa, variando de ébano a marfim. Ele disse que era o penúltimo de dezesseis filhos de pais analfabetos. Nunca esquecerei uma coisa que ele me disse a esse respeito: que seus próprios pais haviam enfatizado sua falta de educação dizendo que não conseguiam nem fazer um O com um copo em uma mesa ou em uma cadeira com as nádegas.

Antônio me apresentou a música brasileira: Roberto Carlos, Chico Buarque, Caetano Veloso, Jorge Ben, Gal Costa, Milton Nascimento, Gilberto Gil e outros. Até os nomes desses artistas por si só eram uma música nova para mim, como a própria língua portuguesa, cujas sonoridades me encantavam. Ele também me atraiu para autores que eu desconhecia anteriormente, como Jorge Amado, que se tornou um favorito. Barraca dos Milagres. Gabriela, Cravo e Canela.

Partilhávamos o amor pela poesia. Falou de autores mais velhos que o haviam orientado, que o chamavam de “filho” porque era herdeiro de uma linhagem literária maravilhosa. Falamos de fluxos culturais, de influências; dos africanos que foram levados para o Brasil e dos retornados.

Sempre tive a intenção de visitar o Brasil e Antônio e discuti isso com frequência, mas de alguma forma nunca aconteceu, para meu pesar; no entanto, pude enviar minha filha mais velha para um intercâmbio estudantil enquanto ela estava no ensino médio, o que me deu muito prazer indireto. Ainda assim, muitas vezes imaginei, ou tentei imaginar, como seria visitar Salvador da Bahia sob a tutela de Antônio, para experimentar uma magia cultural diferente e concomitante com a magia de Ile-Ife.

Saí da Nigéria em 1985. Antônio partiu um ano antes disso, se não me falha a memória. Ele não estava bem de saúde. A comunicação não era tão fácil naqueles dias como é agora e, infelizmente, perdemos o contato. Estou muito feliz em saber que ele não está sendo esquecido em sua terra natal. Ele era um indivíduo talentoso e um ser humano maravilhoso, de quem sempre guardarei boas lembranças. Junte-se a mim para levantar um copo de cachaça em sua homenagem e lembrança. (Tradução livre)

Figura 7- Antônio Vieira na Universidade de Ile Ifé na Nigéria ao lado professor Dr. Robert Ellio Fox



Fonte: acervo pessoal da família de Antônio Vieira

Outro depoimento marcante é do professor de Literatura Brasileira da Universidade de Kansas, USA, o professor Malcolm Silverman que escreve sobre a personalidade carismática e o grande profissional que Vieira foi. Ele escreve:

Antônio Vieira – nome digno de um amigo inesquecível. Na sala de aula, na rua, até na taberna, toda a gente da Universidade de Kansas conhece e preza o baiano bacanêrrimo. Sempre de largo sorriso e lábia jeitosa, põe os alunos felizes, os colegas admirados e a garotada boquiaberta. Que menino esse Vieira...Gostamos dele, de prosar com ele, de estar com ele. Já que voltou ao Brasil, não temos mais. Sentimos falta dele, o nosso saudoso chapa virada poeta. Saravá! (SILVA, 1980, p.2).

É importante destacar que Vieira só ganhou destaque como professor universitário fora do Brasil. Enquanto morava em Salvador, Vieira trabalhou como professor de inglês em instituições privadas na capital. O reconhecimento profissional só viria no exterior quando passou a ocupar espaços inimagináveis para alguém oriundo de uma comunidade rural negra no interior da Bahia. Vieira, então, ocupou espaços que os seus pares jamais imaginariam ocupar, principalmente tendo nascido em uma cidade onde os negros não eram retratados em posições de prestígio social, mas apenas ocupando espaços de subalternidade e subserviência nas fazendas dos coronéis. Não havia modelos através dos quais as populações negras desenvolvessem uma autoestima que os fizesse desabrochar as potencialidades latentes.

CAPÍTULO III - A IMPORTÂNCIA DA TRAJETÓRIA DE ANTÔNIO VIEIRA E A REPRESENTATIVIDADE COMO RECONFIGURAÇÃO PSÍQUICA DO NEGRO.

“A partir desta situação vital, o problema efetivo do negro no Brasil é essencialmente psicológico e secundariamente econômico. Explico-me: [...] O negro é povo, no Brasil. Não é um componente estranho de nossa demografia. Ao contrário, é a sua mais importante matriz demográfica. Esse fato tem de ser erigido à categoria de valor, como o exige a nossa dignidade e o nosso orgulho de povo independente” (RAMOS, 1981, p. 28).

Como foi debatido no capítulo anterior, Vieira chega a Salvador utilizando-se das mesmas estratégias de ascensão social que foi induzido pelas elites bonfinenses que, por sua vez, era forjada pelas tendências dos grandes centros hegemônicos do país. Porém, isso não significa que havia uma total alienação ao ideário das elites de seu tempo, ao contrário. A fim de aumentar a suas chances de mobilidade social, Vieira aproximava-se cada vez mais dos grandes centros de poder para alcançar sucesso em sua escalada rumo ao cume.

Entretanto, Vieira foi forjado em um município de características culturais ligadas a um passado colonial, escravocrata, latifundiário e patriarcalista. Uma cidade onde as relações sociais foram estruturadas a partir de uma dominação política assentada na inviolabilidade senhorial e na ideologia da produção de dependentes que garante uma unidade de sentido à totalidade das relações sociais, e parecem então seguir o seu curso natural e inabalável. Um regime que se adaptou a novas conjunturas e, portanto, aprimorou os mecanismos de dominação como uma forma aparentemente atual, mas que na prática sua estrutura permanece a mesma.

Compreender essas estruturas, ajudar-nos-á a entender o aumento significativo de pessoas negras à medida que diminui o grau de prestígio social e um aumento exponencial da presença de negros a proporção que o grau de prestígio social diminui. Assim desvela-se uma reprodução de desigualdade racial e um número alarmante de pessoas abaixo da linha da pobreza em sua maioria de pele preta. Isso demonstra, portanto, que as mudanças que ocorreram de lá para cá, não foram de caráter estrutural, mas apenas de caráter ilustrativo/aparente que visa mitigar os impactos gerados dessa desigualdade extrema.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Senhor do Bonfim é uma cidade de médio porte, com a população de maioria urbana, chegando a 77% da população urbana e 23% rural. O PIB do município, de acordo com IBGE, chega a 773.802 reais com uma população estimada de 78.588 mil habitantes. Desse total 10.579 mil pessoas

estão em posição de extrema pobreza no município onde 2.622 estão na faixa etária entre 0 a 9 anos, 1.331 estão entre 18 a 24 anos e 427 entre 60 ou mais.

Essa significativa parcela da população depende desde os tempos dos coronéis de uma relação perversa entre as necessidades dos mais pobres e a ganância dos poderosos. Para termos uma noção, o número de famílias cadastradas em situação de vulnerabilidade social em Senhor do Bonfim chega ao impressionante o número de 18.053 famílias cadastradas em programas como CADÚNICO; desse total, apenas 12.418³⁹ atendem o perfil exigido por esse programa, chegando a um total 119% de cobertura. Isso significa que nem todos possuem o perfil para o recebimento do Bolsa Família.⁴⁰

É importante destacar, também, que o valor repassado pelo Bolsa Família chega ao impressionante número de 16.997.251,00, transferido no ano de 2018. Esse montante deve-se ao grande número de pessoas em situação de pobreza no município de Senhor do Bonfim, fazendo com que o valor repassado por essa política, ultrapasse o Produto Interno Bruto (PIB) do município. Essa política produz uma rotatividade econômica importante no que se refere ao comércio local. Por outro lado, o lucro desse programa acaba nas mãos dos grandes e pequenos empresários locais. Fazendo com que a população mais pobre funcione apenas como instrumento de lucro para os comerciantes locais, de outra forma essas mesmas pessoas sofrem com críticas perversas por parte significativa da elite bonfinense que se referem ao Bolsa Família de maneira muito pejorativa, nomenclando-a de bolsa esmola.

Apesar das benesses dessa política para a economia local, os beneficiários raramente mudam sua posição de vulnerabilidade social, pois as condições de mobilidade social entre os mais pobres ainda apresenta índice muito baixo, aquém do esperado. Segundo o IBGE, o número de beneficiários que superaram a posição de pobreza no município de Senhor do Bonfim chega a 1.328 contra o total de 23.761 beneficiados que ainda dependem da Bolsa Família. Em suma, podemos constatar que, mesmo nos dias de hoje a mobilidade social entre os mais pobres e negros no município, possuem uma série de dificuldades que impedem a mudança de sua posição de vulnerabilidade social.

Na época de Antônio Vieira, por exemplo, grupos de latifundiários convertiam necessidades dos mais pobres em capital político de grupos dominantes locais. Contribuindo para que o assistencialismo fosse largamente difundido em um município de características

³⁹ Dados cedidos pela empresa SUTEPROS: Suporte Técnico a Programas Sociais, empresa de consultoria técnica junto à gestão da política pública de assistência social.

⁴⁰ O Auxílio Brasil substitui o Bolsa Família, criado em 2003 pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e que vigorou durante 18 anos. O Auxílio Brasil entra em vigor por da Medida Provisória (MP) nº 1.061, criado pelo atual presidente Jair Messias Bolsonaro.

sociais viciadas. Práticas dessa natureza eram comumente institucionalizadas nas mãos das elites que mantinham uma grande quantidade de indivíduos em situação de vulnerabilidade social através de doações, ajudas financeiras e até mesmo trabalho nos casarões e fazendas de famílias tradicionais.

Não é de agora, portanto, que esse tipo de relação é utilizada como instrumento de dominação no município de Senhor do Bonfim. Como já foi dito antes, Antônio Vieira pertencia a uma dessas famílias que dependiam de um assistencialismo largamente praticado por famílias tradicionais e muito poderosas do município. Em contrapartida, o que mudou, de lá para cá, foi apenas a forma como esse assistencialismo, aparentemente, se manifesta na atual conjuntura das relações sociais de natureza rígida. Ou seja, de forma comparativa, percebe-se apenas uma mudança de cunho mais epidérmica, sutil e, portanto, disfarçado do que deveria ser na prática, um direito social efetivo.

Hoje, a nova geração de vulneráveis ainda dependem de práticas ligadas a grupos políticos dominantes que influenciam, para mais ou para menos, a aquisição de benefícios e oportunidades de trabalho em um município de oportunidades escassas. Conforme os dados do último censo Demográfico o município, em agosto de 2010, possuía 32.385 pessoas economicamente ativas, das quais 28.688 estavam ocupadas e 3.696 desocupadas. Assim, a taxa de participação ficou em 52,0% e a taxa de desocupação no município foi de 11,4%. Essa distribuição, portanto, mostra que 24,4% das pessoas tinham carteira assinada, 30,0% não tinha carteira assinada, 29,9% atuam por conta própria e 1,0% são empregadores. Ou seja, 10,2% não tinham rendimento e 70,4% ganhavam até um salário mínimo por mês.

A diferença de rendimento entre homens e mulheres no município de Senhor do Bonfim chega a uma diferença de 49,37% maior para os homens em uma cidade onde a estrutura patriarcalista ainda influencia diretamente nos critérios de seleção e renda no mercado de trabalho largamente praticada no município.

Quando se fala de horas trabalhadas, Senhor do Bonfim está entre os municípios que mais exploram o fruto da extrema necessidade: a mão de obra barata. Segundo os dados colhidos nesta pesquisa, 54,9% dos ocupados trabalhavam de 40 a 48 horas e 10,8% tem uma jornada superior a 48 horas de trabalho. Esse regime se retroalimenta não só, mas principalmente de um enorme excedente de mão de obra que, diante da escassez de trabalho, aceitam todo e qualquer tipo de atividade.

Assim, diante de uma análise sobre as desigualdades raciais no município de Senhor do Bonfim, pude constatar um ambiente ainda essencialmente desigual em vários aspectos, principalmente no que se refere à igualdade de oportunidades entre negros e brancos em

posição de prestígio em um município de quase 80 mil habitantes. Uma cidade onde o poder executivo, em toda sua história política, foi ocupado apenas uma vez por um homem negro, Dr. José de Souza Leite, mais conhecido como José Leite e seu vice Francisco de Assis Rodrigues de Sousa, o Ronaldinho⁴¹. De outra parte, dos 15 vereadores que compõem a Câmara legislativa do município de Senhor do Bonfim apenas 2 (dois) são negros, enquanto no cargo de presidente da Câmara, não há registros de negros (as) que tenham ocupado essa posição.

Dados colhidos demonstram que mesmo após anos de conquistas sociais importantes com a lei 10.636/03; a lei 11.645/08 e lei 12.711/012, os altos postos de chefia de municípios como Senhor do Bonfim ainda apresentam, uma série de discrepâncias que evidenciam a importância de estudos sobre a mobilidade social do negro em uma cidade marcada pelo trauma da escravidão e o preconceito racial. Isso significa que o pleno desenvolvimento do negro, como membro integral de sua comunidade, está significativamente comprometido diante da inalteração do arranjo societário, mantendo, assim, a população negra à margem das benesses de sua comunidade:

No curso do desenvolvimento sociopolítico do Brasil, as relações raciais constituem um drama estrutural no qual o negro aparece como protagonista. Seja no arranjo produtivo, na formatação identitária ou da cidadania política, sua presença provoca um reiterado desconforto nacional, pois indica a fragilidade do país em figurar no concerto das nações desenvolvidas, dado o atraso atávico da disposição inclusiva. Esse sujeito histórico foi tratado de maneiras diversas em momentos diferentes pela intelectualidade nacional: mercadoria (mão de obra para a lavoura no período colonial); eugenia social (embranquecimento da nação no final do século XIX); democracia racial (invisibilização no despontar dos anos 1930); trabalhador nacional subalterno (integração pela necessidade produtiva pós-1970). (ARBOLEYA, CIELLO, MEUCCI, 2015, p. 885).

3.1 A falsa ideia de educação para todos.

⁴¹A campanha da chapa eleitoral de Dr. José Leite e Ronaldinho ficou conhecida pelo famoso jingle: “Dois neguinhos” (tem, tem, tem, tem dois neguinhos/Um se chama José Leite, o outro é o Ronaldinho”). Este jingle destaca o fenótipo dos candidatos que eram negros como forma de atender um marketing de campanha que apelava para o imaginário popular que destacava a presença de dois negros encabeçando uma campanha para executiva. É bom destacar que ao contrário não há uma campanha com o mesmo teor quando é encabeçada por duas pessoas brancas como: tem, tem, tem, tem dois branquinhos...Essa, portanto, é um estigma que ressalta os traços que apontam um certo perfil que desencadeia uma série de pensamentos objetivados sobre determinado indivíduo. Muitos dos entrevistados afirmaram que José Leite só ganhou porque era médico, ou seja, estava revestido de uma profissão de alto prestígio social e fazia muitos atendimentos gratuitos para os mais pobres. Isso confirma um pensamento racista que ainda paira o imaginário social que justifica a vitória de Dr. José Leite por vias que camuflavam o fato de ser um homem negro como a posição social de prestígios e meios clientelistas de fazer política.

Foi a partir desse modelo, então, que por gerações o negro foi retratado na vida cotidiana de municípios como Senhor do Bonfim. Uma realidade que conforma à falsa ideia de que o estrato inferior é uma espécie de lugar natural do negro e, por sua vez, carreiras de baixo prestígio social é um destino quase que certo para aqueles que possuem pele preta.

Jovens, com a mesma origem de Antônio Vieira, eram induzidos a trabalhos considerados naturais para os moradores da comunidade do Lagarto, como lavradores, empregadas domésticas, vaqueiros, entregadores de leites e artesãos de esteiras. Portanto, moças e rapazes da comunidade do antigo Lagarto não estudavam; ou quando estudavam logo eram forçados a evadir-se da escola a fim de ajudar os pais no sustento da família, sem muito tempo para os estudos em comparação aos demais de famílias brancas e abastadas da cidade. Em consequência, havia uma disparidade de oportunidades entre os jovens pobres e negros versus aos jovens brancos e ricos de Senhor do Bonfim.

De acordo com a tabela abaixo, a cidade de Senhor do Bonfim apresenta um número alarmante de pessoas que não concluíram o ensino fundamental completo acima de 16 anos de idade. Esses números demonstram marcas profundas de um passado que ainda influencia na reprodução da desigualdade no acesso à educação de qualidade, a condições econômicas favoráveis, um lar emocionalmente saudável; principalmente, entre a parcela dos indivíduos mais pobres do município.

Figura 13 – Relação de pessoas que não concluíram o ensino fundamental completo acima de 16 anos de idade

**Relação de pessoas que não concluíram ensino
FUNDAMENTAL COMPLETO ACIMA DE 16 ANOS DE IDADE**

Local de domicílio da família	TOTAL DE FAMÍLIAS	1 - Creche	2 - Pré-Escola (exceto CA)	3 - Classe de Alfabetização - CA	4 - Ensino Fundamental 1ª a 4ª séries, elementar (primário), primeira fase do 1º grau	5 - Ensino Fundamental 5ª a 8ª séries, Médio 1º ciclo (Ginasial), segunda fase do 1º grau	6 - Ensino Fundamental (duração 9 anos)	(VAZIAS)
1 - Urbana	11984	6	30	159	4519	4499	921	1850
2 - Rural	4371	0	15	56	1793	1394	314	799
(vazias)	5	0	0	0	3	0	1	1
TOTAL	16360	6	45	215	6315	5893	1236	2650

Fonte: Diagnóstico realizado pela Empresa SUTEPROS: Suporte Técnico a Programas Sociais no município de Senhor do Bonfim.

O quadro acima aponta os desafios que o município ainda possui em relação à educação dos mais pobres e desassistidos pelo poder público. Essa parcela significativa da população tem uma série de dificuldades, obstáculos que impedem a sua permanência na escola e até mesmo continuidade dos estudos durante toda sua vida produtiva. Entre os principais fatores de desistência estão: o econômico, a estrutura familiar e, sobretudo, a falsa crença de que estudos é algo distante e improvável para realidades de famílias que na vida prática, faltam até mesmo o básico.

Muitos desses jovens, por exemplo, veem a escola como subterfúgio da fome, da violência doméstica e da pobreza extrema. Diante desse quadro, professores passam a exercer profissões de psicólogos, conselheiros e até mesmo funções paternas em casos de ausência dos pais. Tudo isso sobrecarregando os profissionais de educação a uma realidade patológica de proporções inimagináveis.

Por outro lado, há um número bastante reduzido de indivíduos em situação de pobreza que conseguem, de fato, melhorar de vida. Geralmente não é o que ocorre. Na vida prática o que vemos é uma ausência de apoio social, político e familiar desses jovens que, sem nenhuma expectativa de futuro, se veem ociosos e sem nenhum horizonte que os valham.

Nesse sentido, a trajetória de Vieira possui um valor singular em relação ao rompimento com a estrutura aparentemente intransponível até os dias de hoje. Se ainda discutimos as dificuldades de mobilidade social de jovens negros e pobres, imaginemos, então, o período o qual Antônio Vieira viveu. Isso demonstra a necessidade de problematizar as desigualdades de oportunidades em posições sociais com baixa representatividade social.

É bom ressaltar que no período de Vieira, não havia negros/as em posições de poder que representasse um modelo positivo para além daquilo que lhes eram imposto como a única forma possível de ser e existir no mundo. Desse modo, ao perceber-se a partir dessas crenças, o negro conforma-se a posição criada para ele e, portanto, buscava ascender-se por estratégias de assimilação do ideal de branquitude inculcado em seu espírito desde os tempos pueris.

A fim de comprovar a desigual composição racial nas principais instituições de poder no município, traçamos um perfil da diversidade racial de algumas instituições acadêmicas, políticas, jurídicas e médicas na formação de uma realidade mais igualitária e diversa como a população de Senhor do Bonfim. Com esse fim, decidimos por uma questão de trajetória profissional pela qual Antônio Vieira se dedicou toda a sua vida, analisar primeiro a presença de professores negros/as nas principais universidades públicas da cidade, a fim de comprovar os pressupostos desta pesquisa, debruçamo-nos sobre a presença de negros em instituições acadêmicas de destaque social ainda hoje.

Para isso, contamos com a importante colaboração de instituições acadêmicas como a Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Instituto Federal Baiano (IF) e a Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) ao ceder dados referentes ao quantitativo de professores Universitários negros nas respectivas instituições acadêmicas situadas no município. A partir desses dados, então, pude verificar com maior clareza a tímida presença de professores negros nessas instituições ainda hoje, como segundo afirma (ARBOLEYA, CIELLO, MEUCCI, 2015, p. 886) que,

Fica evidente que a questão racial impacta sobre a distribuição das posições ocupacionais e em suas hierarquias. Mais do que isso, os dados apresentados indicam a pujança de um racismo institucional na atualidade, agindo na conformação dos pontos de partida e no acesso desigual aos instrumentos de competição.

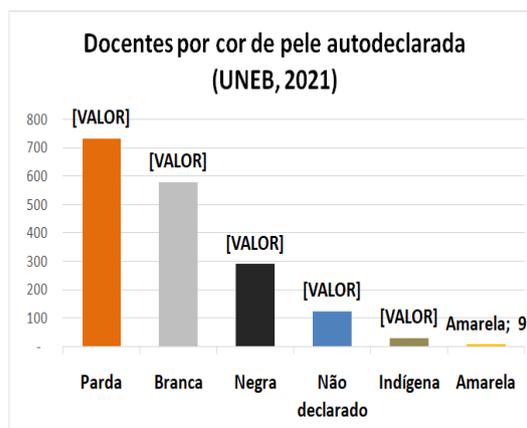
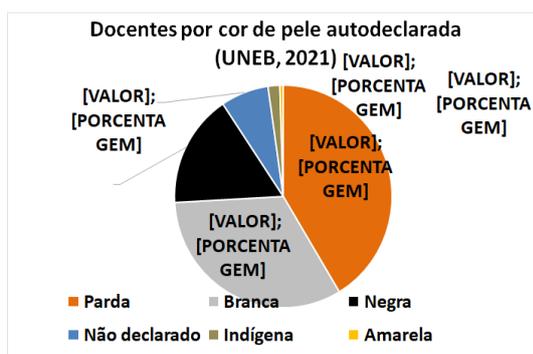
Esse modelo ainda influencia na composição desses espaços de prestígio social conforme se depreende da tabela a seguir:

Figura 14: Gráficos sobre o quantitativo de professores negros, brancos, pardos, indígenas, amarelos e não declarado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Docentes por cor de pele autodeclarada (UNEB, 2021)

Parda	Branca	Negra	Não declarado	Indígena	Amarela	Total Geral
733	580	292	126	31	9	1.771

Figura 8 Gráfico cedido pela Universidade do Estado da Bahia UNEB

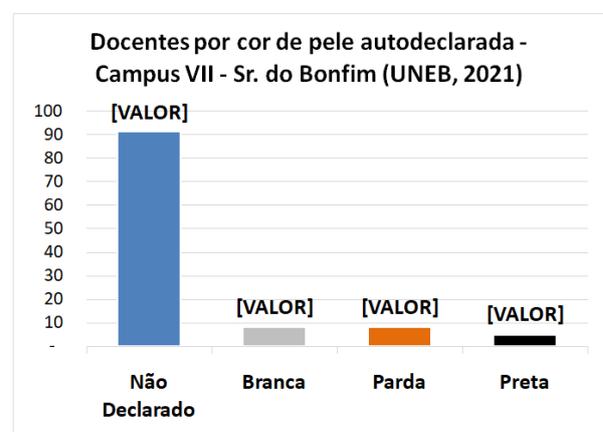
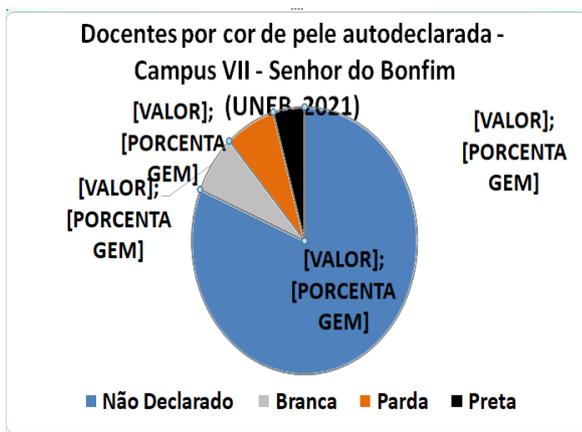


Fonte: Gráfico cedido pela Universidade do Estado da Bahia UNEB

Figura 16 Gráfico sobre o quantitativo de professores negros, brancos, pardos, indígenas, amarelos e não declarado na Universidade do Estado da Bahia UNEB Campos VI em Senhor do Bonfim

Docentes por cor de pele autodeclarados no Campus VII - Sr. do Bonfim (UNEB, 2021)

Não Declarado	Branca	Parda	Preta	Total Geral
91	8	8	5	112



Antônio Vieira, por exemplo, não conseguiu galgar o cargo de professor Universitário enquanto morou na capital do estado Bahia. Como já foi informado, Vieira não chegou a lecionar em universidades brasileiras enquanto viveu no Brasil. Por outro lado, exerceu funções como bibliotecário e professor de inglês em instituições privadas como a escola Pan Americana da Bahia antes de passar no processo seletivo no Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) para professores de língua portuguesa e literatura Brasileira na Nigéria.

Assim como Vieira, nomes importantes do pensamento negro brasileiro, não conseguiram galgar o cargo de professores efetivos em Universidades Brasileiras, a saber: Abdias do Nascimento, Guerreiro Ramos, Édson Carneiro e Clovis Moura, não lecionaram em Universidades Brasileiras como professores efetivos. Segundo o artigo intitulado: “A *Metamorfose de Militantes Negros em Negros Intelectuais*” do sociólogo Sales Augusto dos Santos: as universidades públicas brasileiras até o terceiro quartel do século XX eram espaços institucionais de hostilidade e de racialização inferiorizante do negro:

Elas [as universidades] expandiram seus contingentes de alunos e professores inúmeras vezes ao longo do século XX, mas não tomaram nenhuma iniciativa para corrigir a exclusão racial que as caracteriza desde sua fundação. Ou seja, havia uma política abertamente racista na hora de iniciar a distribuição dos benefícios do ensino superior; todavia, não houve nenhum protesto ou ação antirracista posterior por parte dos acadêmicos brancos contra os privilégios que receberam em virtude desse racismo estrutural. Pelo contrário, houve grande hostilidade e rejeição à presença de vários quadros negros importantes nos postos docentes. Conforme expliquei em outro trabalho, nem Guerreiro Ramos nem Édison Carneiro conseguiram entrar na Universidade Federal do Rio de Janeiro; Clóvis Moura também ficou fora das universidades públicas do estado de São Paulo; Pompílio da Hora, erudito professor do Colégio Pedro II, foi recusado duas vezes de entrar na carreira diplomática descaradamente por sua condição racial; e Abdias do Nascimento somente foi professor nos Estados Unidos e na Nigéria como consequência do seu exílio durante os anos da ditadura; ao regressar ao Brasil, nunca foi acolhido por nenhuma universidade pública, enquanto a maioria dos acadêmicos brancos exilados conseguiu retomar seus postos anteriores ou foram realocados em outros. O resultado dessa segregação racial que já atravessou quatro gerações de universitários é uma prática, quase nunca submetida à crítica, dos acadêmicos brancos falarem sempre entre brancos pretendendo falar por todos e para todos (CARVALHO, 2005-2006: p. 99-100).

Portanto, de lá para cá, tivemos uma significativa evolução quanto ao número de professores negros nessas instituições ainda tão eurocêntricas como a universidade. Entretanto, mesmo diante do aumento da presença de negros na academia brasileira ainda assim não foi suficiente para equilibrar as oportunidades e a presença efetiva de professores negros nesses espaços. Segundo os dados gerais cedidos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), do total de 1.771 professores que responderam à pesquisa, 292 se autodeclararam negros, 733 se autodeclararam pardos, 580 se autodeclararam brancos, 31 se autodeclararam indígenas, 9 amarelos e 121 do total não responderam à pesquisa.

Por outro lado, como podemos ver nos gráficos acima esse quantitativo diminui significativamente quando destacamos o Campo VII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)⁴² no município de Senhor do Bonfim. Segundo esse gráfico, dos 112 professores que compõem o quadro da instituição UNEB apenas 5 se autodeclararam negros, 8 se autodeclararam brancos, 8 se autodeclararam pardos e 91 não responderam à pesquisa.

3.3 Trajetórias de OUTROS VIEIRAS...

Assim, diante da tímida presença de professores negros Universitários em Senhor do Bonfim, resolvemos transcrever o forte depoimento da professora Dr. Glória da Paz com objetivo de compreender por parte do próprio professor negro as dificuldades enfrentadas em

⁴² Foi feita uma pesquisa independente pelos professores negros da UNEB Campos VII Senhor do Bonfim e segundo essa pesquisa, a quantidade de professores universitários negros da UNEB Campos VII chega a um número bem maior: 15 professores negros ao todo.

suas trajetórias, estratégias de mobilidade social e ausência de representatividade positiva que os fizessem sentir orgulho de ser negro desde os tempos pueris. Esse modelo, portanto, forjou o imaginário estigmatizado do negro em Senhor do Bonfim e por sinal do próprio negro. Ela afirma:

- 1) A minha referência negra era o Tijuacu. Que naquela época se chamava Lagarto. Então, que referência era essa? Naquela época nós não tínhamos a Lomanto Júnior. Então, a estrada principal que ia para Salvador e que passava por Tijuacu era mesma que passava pelo Cotegipe e pelo Pernambuco. Então, era por essa estrada que vinham as pessoas da comunidade de Tijuacu para vender seus artigos na feira; para vender o feijão, para vender a melancia, o que eles vendem até hoje, já vendiam na época. Portanto, eu me lembro que eles eram muito hostilizados, muito hostilizados nas ruas. Hostilizados pelas crianças, porque, logicamente, elas ouviam esse tipo de coisa em casa. Então, você reproduzia na rua o que via dos adultos em casa. É conhecido de todos que as crianças repetem o que os adultos fazem em casa. As pessoas de Tijuacu eram muito hostilizadas. Eu fui crescendo e vi muitas vezes as pessoas hostilizarem os negros de Tijuacu no palanque da Praça Nova, nas festas de São João. Era interessante, para muita gente, dar cachaça pra ver essas pessoas caírem no palanque e transformar isso em chacota. Essa é a referência que a gente tinha. Que a gente teve. Que eu tive.

Eu praticamente não tive professores negros. A Minha mãe era semianalfabeta, meu pai tinha o segundo ano primário. Então, eu não tinha essa referência da leitura em casa. Portanto, a minha referência era essa. A minha referência era a rua, era brincar na rua, era ouvir as histórias dos mais velhos. Minha mãe contava muitas histórias. Embora, ela não lesse, mas contava muitas histórias. Histórias da roça, histórias de animais, de plantas, histórias cantadas - que não se contam mais histórias cantadas. Então, eu ouvi tudo isso em minha infância. Esse era o meu capital. E uma coisa chata que me aconteceu, foi quando eu passei do terceiro ano primário, que naquela época não se chamava ensino fundamental, nada disso, era ensino primário, secundário, ginásio e depois os estudos clássicos, científicos, magistério e depois universidade, e aí estava bem mais distante ainda, principalmente, de uma pessoa pobre e negra, nascida no Pernambuco. Então, quando eu passei para a quarta série a minha madrinha Sulinha, que é minha mãe também, que me pegou no parto, ela achava que eu poderia estudar no colégio Sacramentinas onde meu pai foi guarda, meu pai era militar, mas foi guarda na Sacramentinas no tempo da irmã Leonardo. Então, minha madrinha foi falar com a irmã que eu era uma pessoa inteligente, que ela gostaria que eu fosse aceita no colégio e ela recebeu a resposta, que não foi um não na cara! Mas foi um não leve, aquela coisa sutil como é o Bonfinense. Então ela disse o seguinte: Mas dona Sulinha, será que essa menina vai acompanhar a escola é muito forte, o ensino é muito forte, será que ela vai acompanhar? Aí a minha madrinha Sulinha voltou para casa e conversou com minha mãe...minha mãe ficou muito triste. Mas logo no próximo ano, surgiu o ginásio Isabel de Queiroz. Mas daí o Isabel de Queiroz foi um descortinar maravilhoso de conhecer novas pessoas, conhecer. Mas aquela coisa, o colégio estadual tinha o científico, mas o científico exigia que alguém fosse para Salvador estudar, exigia que você tivesse parentes na capital, exigia que sua família tivesse condições de bancar apartamento; mas naquela época não era apartamento era pensões que alugavam quarto para estudantes. Então, meus pais não tinham condições para bancar uma pensão em Salvador. Então qual era saída era procurar um curso que você tivesse imediatamente um retorno, um trabalho. Então, Bonfim só tinha magistério e escola técnica comercial. Para ter uma ideia eu não tive nem um professor negro. E o pior que eu não estranhava não ter professores negros. Porque o negro que agente via era o negro do Tijuacu. O negro da cidade era um negro embranquecido, cabelo espichado, agente dizia que em Bonfim nós tínhamos os pardos, aqui só tinha pardo não negros. E se você dissesse, olha, você é preto. Não o meu cabelo é bom. Os negros da cidade não se afirmavam negros, mas como pardos. Na época era muito

naturalizado esse tipo de coisa. Assim, negros mesmo, só tínhamos em Tijuacu. Eu mesma não me considerava preta. Eu tinha cabelos espichados. E até mesmo na minha família, na família por parte de minha mãe, eu ouvia dizer: olha, se você casar com um homem negro, você vai ter uma filha com os cabelos do povo do Lagarto. Aquelas transinhas você vai fazer nelas. Por isso, a gente passava a buscar ser branco a fim de fugir dessa discriminação, da humilhação e ser mais aceito. (Da PAZ, depoimento cedido ao autor pelo projeto de extensão: OUTROS VIEIRAS, Nov. 2020)

O forte depoimento da professora Gloria da Paz⁴³ corrobora a tese de que a baixa referência engendra deformidades que ajustam as lentes pelas quais se percebe no mundo. Assim, o negro passa a ter com referência o ideal de branquitude imposto como única via possível de aceitação social e sucesso profissional. O negro, então, passa a buscar, devotamente, o ideal de branquitude em detrimento de seus traços, cultura e antigos meios de convivência social. Essa, por sua vez, passa a ser uma estratégia mais viável para os que desejam se afastar dos estereótipos negativos que a ideia do negro evoca ao imaginário social. Como bem afirma Ivo de Santana em seu artigo: *Executivos negros em organizações bancárias de Salvador: dramas e tramas do processo de ascensão social*

Na rota de ascensão social, tais indivíduos eliminaram de suas vidas os valores culturais e evitaram ambientes “negros”, elegendo o que fosse “branco” como referência de identidade e sociabilidade. Isso acarreta o descomprometimento pessoal ou político, em relação a outros negros, reduzindo, por sua vez, o papel que lhes poderia caber como catalisadores de ações proativas entre negros e brancos. (DE SANTANA, 1999, p. 196).

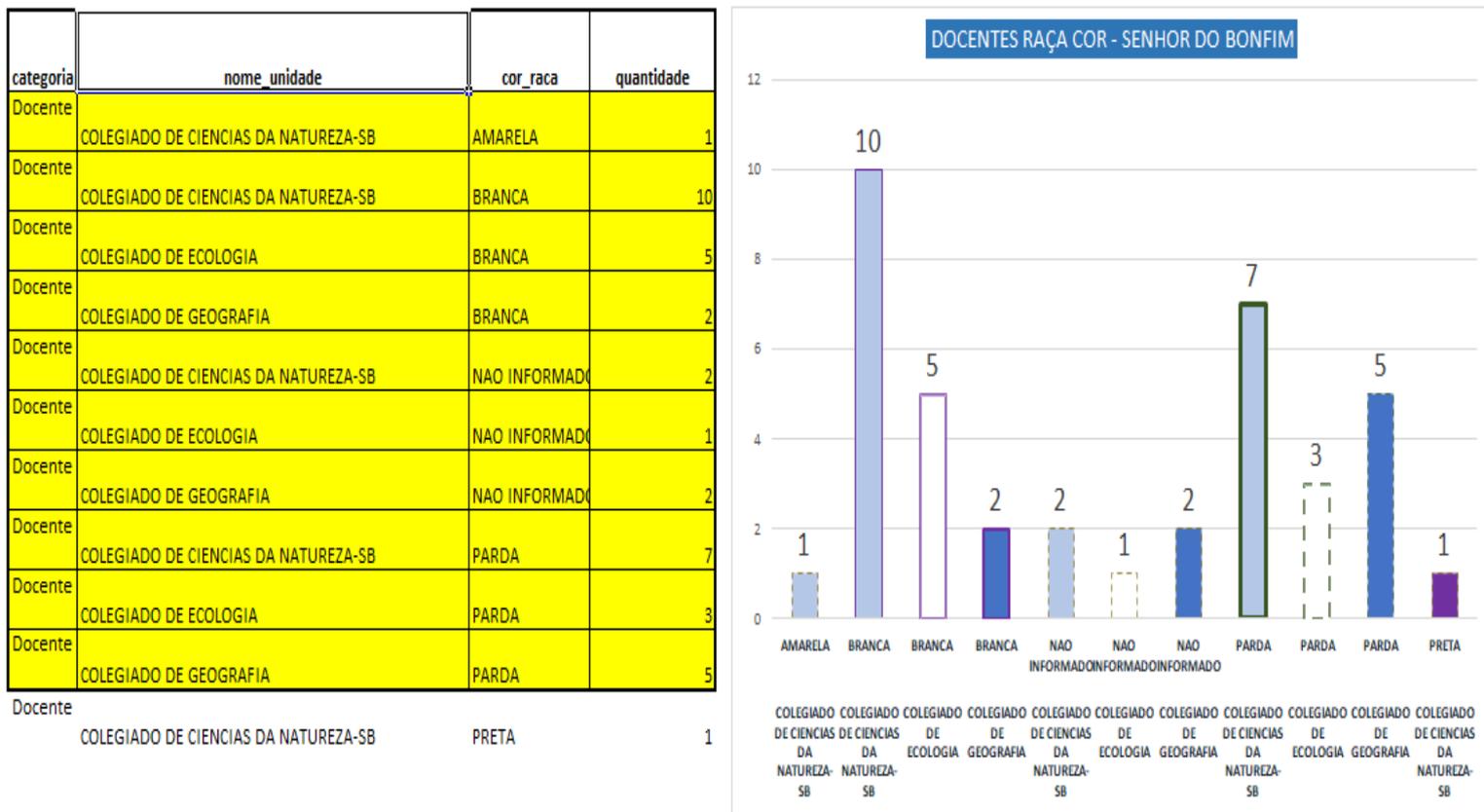
Com esse objetivo, suscitamos a discussão da reconfiguração psíquica do negro e a forma pela qual o negro se percebe e é percebido pelos outros em sociedade. Sendo assim, para que novos códigos surjam é preciso mudar a composição racial da realidade e a fonte pela qual se retroalimentam o imaginário social que rege no plano da cultura, as bases na desigualdade naturalizada; assim, os grupos se subdividem em duas realidades distintas na formação de um antagonismo entre a percepção da branquitude (como o ideal desses espaços de poder) e a percepção da negritude (como periférica e, portanto, indesejável a esses mesmos espaços).

Enquanto na Universidade Estadual da Bahia (UNEB) o número de professores negros chegam a 8 do total de 112 docentes, a Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) apresenta um quadro de professores negros ainda mais reduzido em comparação

⁴³ Atualmente é professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia, Campus VII de Senhor do Bonfim, Bahia e ex-membro do Conselho Estadual de Educação da Bahia.

a UNEB. Segundo o gráfico concedido pela instituição, dos 39 professores que responderam a pesquisa, apenas uma professora do Colegiado de Ciências da Natureza se autodeclarou preta, enquanto que 20 não responderam. Abaixo segue o gráfico da pesquisa.

Figura 17- Gráfico do quantitativo de professores negros da Universidade Federal do Vale do São Francisco UNIVASF em Senhor do Bonfim



Fonte: Gráfico cedido pela Universidade Federal do Vale do São Francisco UNIVASF

Uma das principais características dessas instituições, muitas vezes, é a ausência e o desconhecimento de autores, filósofos e cientistas negros no ensino fundamental, médio e universitário. Na própria Universidade, se prioriza um tipo específico de pensamento e continente: o europeu. Dos 16 professores negros entrevistados no projeto de extensão de Mestrado do programa de pós graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIM): *OUTROS VIEIRAS: Trajetórias e Pensamentos de Intelectuais Negros do Semiárido Brasileiro todos sem exceção relataram o desconhecimento que tinham de trabalhos de pesquisadores e cientistas negros no ensino médio, universitário, mestrado e doutorado.*

As habilidades do negro nas áreas do atletismo, do futebol, da música, da dança e as mais variadas artes já são bastante conhecidas por todos. Por outro lado, há obscurecimento do negro como produtor de conhecimento filosófico, literário e científico nas principais instituições de todos os níveis de ensino, deixando, assim, uma lacuna no que diz respeito a referência campo de produção de conhecimento aos jovens negros que não se vêem representados nesses espaços de produção de conhecimento. Abaixo segue um trecho da fala do professor Dr. Cláudio de Almeida⁴⁴ e do professor Dr. José Hermógenes Moura⁴⁵ sobre a ausência de referências positivas do negro no período de ensino fundamental, médio e superior. Eles responderam:

- 2) Professor Dr. Cláudio de Almeida: Não, infelizmente eu não tive esse contato. Na verdade, até...não tenho vergonha de dizer...que até a minha 7 série...eu tinha um pouco de vergonha da minha negritude, da minha ancestralidade. Eu lia os livros didáticos e aparecia só coisas ruins da nossa história. O povo dizia: os portugueses criaram o país e tudo mais... e nós negros só viemos para cá ser escravizados e agora somos pobres. Então, não havia esse acesso. Isso aconteceu depois de muito tempo. A minha relação com a negritude passou muito, também, por minha relação com família, com o meu bairro, eu passei habitar lugares um pouco diferente da minha experiência de vida de quando criança, mas continuei habitando um bairro pobre de família pobre, mas comecei a andar mais pelo centro da cidade, a frequentar biblioteca pública, ter contato com a classe média, e foi incrível! Interessante que foi aí que eu entendi o valor da minha comunidade.
Ao ser perguntado se na graduação de ciências sociais na UFBA ele teve muitos professores negros ou se estudou algum intelectual negro, ele respondeu categoricamente: não. Eu costumo dizer assim: eu...na época me formei um negro intelectualizado e tive que aprender a ser um intelectual negro. A duras penas. Eu tive que abandonar umas áreas de estudos que eu gostava muito etc. posso falar mais tarde disso aí, mas não tinha, não tinha. Quando eu entrei na universidade, não tinha política de ação afirmativa. Não tinha licenciatura quem dirá...não havia debate sobre escola. A escola estava precarizada foi no final do governo do Fernando Henrique Cardoso. Primeiro ano do governo Lula ainda. Lembro que no primeiro dia de aula um jegue colocou a cabeça para dentro da sala da janela porque ele estava comendo no matagal que ficava ali, o matagal era tão grande que os animais comiam por ali...era um negócio bem precário mesmo. Então, eu não tive professores negros. Meus professores eram brancos. Os intelectuais que estudávamos eram brancos, o ponto de vista que agente estudava era o Brasil como extensão da Europa, agora que agente vem discutindo a questão da decolonialidade, da afrocentricidade. Isso é muito recente. Eu costumo dizer que na minha época de estudante, não tive acesso a pensadores negros nem no mestrado e doutorado. (De ALMEIDA, Claudio Roberto do Santos. Depoimento cedido ao autor pelo projeto de extensão: OUTROS VIEIRAS, Set. 2020)
- 3) Professor Dr. José Hermógenes Moura: eu tive uma trajetória de educação marcada como a de muitos jovens negros da minha geração, muitos jovens negros despossuídos que vinham de uma situação onde não se tinha, sem sobra de dúvida, capital econômico, muito menos capital cultural. A leitura não era uma prática. Uma

⁴⁴ Cláudio de Almeida possui Graduação, Mestrado e Doutorado em Ciências sociais UFBA e atualmente ocupa o cargo de coordenador de Ações Afirmativas da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

⁴⁵ Antropólogo – Licenciado e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Pernambuco.

série de incentivos que as classes médias têm de mãos beijadas a minha tradição, a minha geração não teve. Por conta dessas questões estruturais, eu começo a minha alfabetização em casa. Minha mãe teve esse pioneirismo com todos os quatros. Início mesmo a educação formal em uma escola pública, mas por uma série de questões, sobretudo, pela luta dessa mulher incrível, eu consigo entrar no colégio Isabel de Queiroz. Da segunda série até ao ensino médio. Então, essa foi a minha trajetória sempre com muita dificuldade material, mas com muito incentivo por parte de minha mãe que desde muito cedo deixou claro que esse era um caminho de se romper com essas estruturas perversas que estavam guardadas para nós, mas sempre com muita dificuldade, justamente por causa dessa falta de estrutura no sentido mais Bourdieu.

Quando perguntado sobre cientistas e pensadores negros no ensino fundamental e médio, professor Hermógenes responde objetivamente: não. Absolutamente não. Eu fui vítima ainda daquele modelo da educação pensada, tocada por elites brancas, eurocêntricas, enfim...e ponto. Então, eu não tive isso de forma nenhuma. Eu aprendi a ler com contos produzidos na Europa medieval onde os príncipes tinham uma desenvoltura heroica e que fisicamente não parecia nada comigo ou com os meus irmãos, meus primos e minha gente, né. Começo a estudar uma história, que é toda ela, marcada ainda naquele contesto, toda ela escrita por elites brancas, com protagonistas brancos, eu aprendi que a história da África começa com a escravidão. Eu aprendi que a princesa Isabel era uma mulher incrível, porque libertou os pobres escravos...só para ter uma ideia eu só fui saber que Machado de Assis era negro quando eu já estava saindo da faculdade, só par você ter uma noção! Imagine, então, a história do protagonismo negro em nossa própria região?! Por exemplo, eu era de um tempo que os negros de Tijuacu eram extremamente estigmatizados em Senhor do Bonfim. Existia formas institucionalizadas de xingar esse povo, de fazer menção a miséria desse povo, e ausência deles como uma forma de ofendê-los. Eu me lembro quando pequeno, de coisas terríveis com essas mulheres lindas que até hoje nos brindam com suas belezas. Então, mesmo com toda essa riqueza que nós temos em Bonfim, eu não tive acesso, não tive nenhum desses referenciais. Por isso que eu chego adolescência com uma série de questões como o fato de ser negro, com dificuldade de aceitação plena desse lugar, inclusive de aceitação da minha inevitável ancestralidade. Em suma, toda a minha formação no ensino fundamental e média não teve referenciais positivos do negro. Até mesmo na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no final dos anos 90 a maioria de meus professores eram brancos. Eu tinha apenas dois professores negros no curso de ciências sociais, não mais do que isso. Autores negros, então, nem se fala! Não conheci nenhum na época de graduação. Toda a minha formação em ciências sociais na UFBA foi extremamente eurocêntrica. Esses autores negros como Abdias do Nascimento, Guerreiro Ramos e Lélia Gonzáles, eu só viria a conhecê-los no mestrado. Eu confesso que apenas de uns 5 (cinco) a 6 (seis) anos para cá, que eu tenho, de fato, apropriado dessas discussões de forma mais sistemática, mais detida. Até então, meu pensamento era extremamente colonizado. (Da Costa, Hermógenes Moura. Depoimento cedido ao autor pelo projeto de extensão: OUTROS VIEIRAS, ago. 2020)

Essa realidade não é diferente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia no IF Baiano, no campus de Senhor do Bonfim. Segundo o Núcleo de Gestão de Pessoas do IF, do total de 71 professores que participaram dessa pesquisa, apenas 8 se autodeclararam negros; 27 se autodeclararam brancos; 35 pardos e 1 não respondeu. Abaixo, segue o gráfico estatístico cedido pelo instituto federal IF Baiano em Senhor do Bonfim.

Figura 9: Gráfico do quantitativo de professores negros no Instituto Federal da Bahia IFBAIANO Senhor do Bonfim.



Fonte: Gráfico cedido pelo Instituto Federal Baiano de Senhor do Bonfim

Assim, a fim de concluir as entrevistas selecionadas para essa pesquisa, descrevemos o depoimento do professor e ex-diretor do Instituto Federal Baiano, em Senhor do Bonfim, Alaécio Santos⁴⁶, a fim de identificarmos nas trajetórias dos professores entrevistados padrões mais gerais de mobilidade social de indivíduos negros pertencentes aos extratos mais baixos da sociedade ainda hoje. Esse depoimento também faz parte do projeto de extensão *OUTROS VIEIRAS*.

- 4) Professor Alaécio Santos Ribeiro: eu sou filho de um pai mecânico analfabeto basicamente, não sabia nem ler nem escrever. Basicamente aprendeu a escrever apenas o próprio nome para tirar a habilitação. Minha mãe ainda teve uma oportunidade até a antiga quarta série, mas, na época dela, tinha que fazer um exame admissional para ir pro ginásio e então ali já começava o funil e dizendo: quem é da classe trabalhadora é até aqui, porque tem que ir pra casa de alguém trabalhar como empregada doméstica, tem que servir ao grande capital que a li já estava muito forte. Então, eu venho dessa essência, basicamente sendo filho de trabalhadores braçais agente não tinha esse arsenal cultural enquanto livros e leituras, a minha vida foi sempre pautada em gibis. Então, o meu despertar para a leitura foi através dos quadrinhos onde eu migrava para outros campos, o campo do imaginário. Retirava do estigma que existia do negro excluído por falta de oportunidades, onde eu também vi crianças da minha idade ter tudo e eu tendo dificuldades de ter o mínimo e básico necessário. Mas minha mãe sempre dizia: a educação eu vou garantir para você até o ensino médio. Após o ensino médio, você vai buscar a profissionalização. Diferente de meu pai que entendia que eu só tinha que estudar até a oitava série, hoje, o nono ano, e já entrar na prática. Então, eu tinha um período ainda nas iniciais

⁴⁶ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (2003). Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Baiano. Dados retirados do currículo Lattes.

que eu ia para oficina para aprender a ser mecânico, mas não deu muito certo, não. Apesar de que lá, eu conseguia ver essa identidade porque era um ambiente onde só tinha negros. O mais interessante era que na oficina só tinham negros, mas que tinha o chefe de meu pai que era branco. Isso me chamava atenção, porque só ele era branco naquele espaço! Então eu me perguntava: o que foi que aconteceu porque não era o ambiente que na minha convivência era comum ter uma pessoa branca, nem basicamente nos livros, não diziam isso. Os livros me diziam que os heróis iriam resolver os problemas da sociedade, uma sociedade branca e eurocêntrica dominante. E que os negros estavam renegados a serem, basicamente, violentados, castigados, submissos sempre baixando a cabeça, então, o que eu tinha lá no livro de História Geral reforçava essa ideia do negro apenas quanto escravo. E eu não via desde a infância, na minha TV preto e branco lá de casa, representações negras. Então, esse era o meu único acesso à cultura através da televisão ou da escola. Uma das coisas que eu tinha de bacana era porque eu convivia na casa de alguns colegas que tinham livros de professores e professoras. Então, a gente sempre se apegava a estagiária; a estagiária convidava os alunos pra ir para casa dela e lá eu tive o contato com outro mundo. Foi aí que eu decidi que eu não iria trabalhar no comércio.

Quando perguntado sobre a presença de professores negros no ensino fundamental e médio ele responde: tive pouquíssimos em minha época. No início do fundamental nenhum. Já finais do fundamental, eu tive um professor negro, o professor Arandiba, de Matemática: negro e gay e muito respeitado. No ensino médio, eu fiz o técnico onde tínhamos um professor negro de Matemática que se chamava Martiniano Costa. Já na universidade eu tive pouquíssimo professores negros, mas me lembro que um professor de sociologia abriu um universo, um mundo novo. (RIBEIRO, Alaécio Santos. Depoimento cedido ao autor pelo projeto de extensão: OUTROS VIEIRAS, Set. 2020)

Acima, os relatos dos professores apontam para um padrão comum encontrados na maioria das trajetórias de ascensão social dos docentes negros entrevistados pelo Projeto de Extensão. De Antônio Vieira para cá, por exemplo, os mecanismos de mobilidade social se reproduziram através de formas aparentemente novas, mas que na realidade mantiveram características intactas, como pudemos analisar nos relatos da maioria dos professores entrevistados pelo projeto. Destacamos aqui os principais pontos de semelhança que encontramos no processo de ascensão social do intelectual negro Antônio Vieira e dos professores entrevistados pelo Projeto de Extensão *OUTROS VIEIRAS*, foram esses os principais pontos de convergência:

- (1) Das entrevistas transcritas neste trabalho, percebe-se um ponto em comum nas trajetórias dos entrevistados com a de Antônio Vieira: a maioria dos professores possuem origens humildes e um acesso muito escasso ao *capital* cultural.
- (2) Fator educação. Esse, sem dúvida, foi uma pedra angular, não apenas na trajetória de ascensão social de Antônio Vieira, mas de todos os professores negros universitários entrevistados pelo Projeto. Em suma, todos os professores que participaram das

entrevistas, principalmente aqueles oriundos dos estratos mais baixos da hierarquia social, tiveram com principal fator de mobilidade social a educação como ponto chave de sucesso. Esses tiveram, portanto, a educação como meio de mobilidade social e ampliação de sua capacidade de visão e do que podemos chamar aqui de ascensão de espírito.

- (3) Dos depoimentos aqui transcritos, assim como Antônio Vieira, todos tiveram a oportunidade de estudar em boas escolas particulares, ou porque os pais se sacrificaram para pagá-las, ou porque conseguiram bolsas de estudos em instituições conhecidas pelo nível qualidade da educação, militares ou religiosas.
- (4) Sofreram a influência de lugares ou espaços de classe média, que despertaram nesses jovens o desejo de pertencer a essa realidade que parecia, a princípio, tão distante de seu mundo, mas que vicejou a necessidade de provar que poderiam ir mais além do que seus pares foram através dos estudos.
- (5) Assim como na juventude de Antônio Vieira, os entrevistados não se identificavam com sua negritude, sua ancestralidade, seus traços negróides, sua identidade com o negro. Isso se devia, principalmente, segundo os relatos dos professores, a ausência de representatividade positiva do negro em duas fontes de acesso à cultura, a escola e na TV. Segundo os professores, o distanciamento da identidade negra era, principalmente, em relação ao estigma como eram relatados nos livros de história na escola, na TV, e até mesmo, na própria família e nas relações diárias com a comunidade.

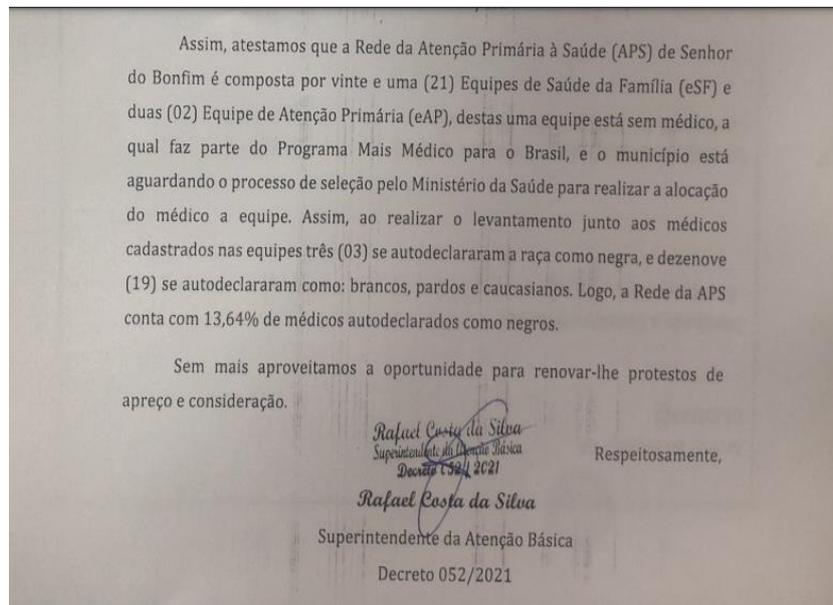
Esses pontos, encontrados nas trajetórias dos professores negros apontam para deficiências que ainda persistem na forma como os jovens negros são educados ainda hoje na vida em sociedade. Quando falo aqui de educação, não falo apenas da instituição escola, mas de um todo extremamente complexo presente em todas as outras instituições do setor público e privado que compõem a realidade social e que, juntas impedem uma mudança em um nível mais profundo e estrutural.

Essa escassez, portanto, não é exclusiva do âmbito acadêmico como já pudemos constatar a partir de dados estatísticos colhidos em nossa pesquisa. Instituições jurídicas importantes do município de Senhor do Bonfim como Justiça do Trabalho e o Fórum Des.

Edgar Simões, por exemplo, não possuem em seu histórico institucional registros de juízes negros que pudéssemos relatar em nossa pesquisa. O mesmo acontece, citando um caso análogo, com a Associação Comercial Industrial e Agrícola de Senhor do Bonfim que, do histórico de seus 22 presidentes, não há registro de nenhum negro que tenha ocupado ou ocupe esse espaço.

Por outro lado, a Secretaria de Saúde de Senhor do Bonfim, em resposta ao nosso requerimento sobre o quantitativo de médicos negros que compõem o quadro de profissionais concursados ou contratados, respondeu-nos o seguinte:

Figura 10- Documento da Secretaria de Saúde sobre o quantitativo de médicos negros.



Fonte: Secretária de Saúde do município de Senhor do Bonfim

Segundo os dados fornecidos pela referida Secretaria de Saúde do Município, apenas três (3) médicos se autodeclararam negros e (19) dezenove se autodeclararam brancos, pardos e caucasianos, ou seja, apenas 13,64% dos 22 médicos entrevistados se autodeclararam negros. Esses dados reforçam a percepção de que certas profissões não são para determinadas pessoas ou, quando existem a presença de negros e outras minorias nesses lugares, mesmo que em pequena quantidade, cria-se a falsa ideia de que são indivíduos extraordinários acima da média e, portanto, são raros.

O problema dessas falsas crenças, muitas delas criadas no âmbito escolar, estão relacionadas a forma com que esses indivíduos foram configurados pela educação desde o

início do ensino fundamental. Uma educação sem referenciais positivos sobre as quais elas pudessem, de fato, orgulhar-se de sua cultura, de sua estética, de sua espiritualidade, de sua ancestralidade. Esse, por conseguinte, é um problema que se arrasta ao longo de toda história e ainda continua moldar a mentalidade das pessoas negras. Um forte exemplo é o descumprimento da lei 10.639/2003 em muitas escolas do município de Senhor do Bonfim e cidades circunvizinhas, onde a lei, mesmo depois de dezenove (19) anos de sua promulgação, não encontra ressonância diante de questões ideológicas ou até mesmo um conhecimento mais profundo da lei.

A dificuldade de fazer valer a lei 10.639/2003 em algumas escolas da cidade de Senhor do Bonfim, municípios próximos e comunidades quilombolas de toda região, deve-se não apenas, mas sobretudo, a posição religiosa e política de alguns professores; não de todos, é claro, mas de uma parcela significativa dos professores que se negam a introduzir temas africanos e afro-brasileiros até mesmo em escolas de comunidades quilombolas onde os alunos relatam a “demonização” da cultura local do samba, por exemplo. Alguns dos secretários de educação ou diretores de escolas de alguns municípios vizinhos de Senhor do Bonfim, a título de exemplo, ainda não entendem a importância da efetivação da lei no desenvolvimento pleno da cidadania de jovens negros dessas comunidades quilombolas.

3.4 A lei 10.639/2003 e a trajetória de Antônio Vieira como representatividade importante na desconstrução de estereótipos do negro em escolas e comunidades quilombolas de Senhor do Bonfim e cidades circunvizinhas.

Aqui em nossa comunidade, infelizmente, não podemos fazer o nosso samba de lata, como gostaríamos, porque alguns dos nossos professores são evangélicos e muitos deles afirmam que o nosso samba é coisa do diabo, é macumba. São essas coisas que matam a nossa cultura; professores que não conhecem nada de nossa história e desfazem das nossas tradições culturais por puro preconceito religioso. Fala de um jovem quilombola do município de Filadélfia – Bahia.

A lei 10.639/2003 é fruto de uma reivindicação histórica dos movimentos negros no Brasil, que alterou a lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional – LDB de 9.394 de 1994 e torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nos estabelecimentos privados e públicos de educação no país. É também uma política de ação afirmativa criada com o objetivo de desconstruir uma memória negativa do povo negro e o combate ao preconceito e a discriminação racial, através de uma educação mais plural.

Desde a sua criação em 2003, a Lei 10.639/2003 enfrenta uma série de dificuldades em sua efetivação nas escolas locais e nos municípios circunvizinhos de Senhor do Bonfim. Um dos principais problemas em sua real execução é o desconhecimento generalizado da lei em sua essência e a ideologia religiosa de muitos professores. A superficialidade com que alguns professores desconhecem as lutas sociais que culminaram na criação da Lei 10.639/2003 impede a sua plena execução e os feitos positivos que poderiam ter na formação dos jovens de comunidades negras no município. Segundo o Art. 205 da Constituição Federal sobre educação:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, **visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.**(BRASIL, 1988, grifo nosso).

De acordo com o artigo 205 citado acima, a educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Entretanto, não há pleno desenvolvimento da pessoa e exercício da cidadania se a educação que temos não abarca a pluralidade étnico-racial e sua importância social, política e econômica da conjuntura local e regional. Ou seja, a forma como história é ensinada em sala de aula reproduz o estigma e a baixa autoestima entre grupos sociais não contemplados por uma educação preocupada, de fato, com o pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

Para isso, é preciso trazer a representatividade para sala de aula, a fim de que balize o espírito desses jovens a se verem como protagonistas de suas histórias e capazes, portanto, de vicejarem potencialidades ainda desconhecidas, mas que estão em estado latente em cada um e poderá despertar tais potencialidades através de uma educação verdadeiramente emancipadora. Para isso, é preciso comprometer-se com propostas que apresentem possibilidades de manifestação da Lei 10.639/2003 de maneira efetiva nas escolas dos municípios e dos quilombos de toda região.

Sendo assim, procura-se uma formação mais plena através de modelos de sucesso que possibilitem a desconstrução do imaginário deletério da escravidão, proporcionando aos alunos, um referencial positivo e mais próximo da realidade desses jovens negros, sem muitas referências nas áreas de produção de conhecimento acadêmico, científico ou em espaços de poder na própria comunidade.

Portanto, a importância do estudo de intelectuais negros no âmbito escolar tem a finalidade de contribuir com o conhecimento de pensadores e cientistas negros regionais que

fomentem diálogos com a Lei 10.639/2003 nas escolas do município, a fim de trazer representatividade positiva aos jovens negros/as de comunidades quilombola de Senhor do Bonfim e região, intensificando, assim, o sistema filosófico político-pedagógico para além de uma Paidéia puramente grega, mas trazendo como bem afirma o filósofo Moraes, uma espécie de *Paidéia* Africana contra um racismo epistêmico que desconsidera toda uma produção de conhecimento africano e indígena nas instituições de educação.

Sendo assim, ao refletir sobre a implementação da lei nas escolas do município de Senhor do Bonfim e região, propomos um sistema pedagógico mais preocupado com a efetivação da Lei 10.639/2003 na formação plena do indivíduo negro através de uma educação étnico-racial que valorize a cultura de origem africana e afro-brasileira nas escolas locais, visando, sobretudo, à memória desses intelectuais negros como patrimônio regional dessas localidades interioranas como Senhor do Bonfim, a fim de trazer à luz suas trajetórias e contribuir na formação educacional de jovens negros que, em sua maioria não tem memória de intelectuais negros locais que os representem de perto.

Com esse objetivo, propomos o estudo das trajetórias de intelectuais negros como instrumento de uma educação emancipadora e mais efetiva quanto à reconfiguração psíquica de jovens negros de comunidades quilombolas que não se veem em certas posições sociais e econômicas, devido à baixa autoestima inculcada desde sua tenra idade. Para reverter esse quadro, é preciso desconstruir memórias negativas sobre a cultura africana e afro-brasileira nas escolas locais, através de trajetórias inspiradoras de negros que, apesar dos obstáculos, alcançaram o tão sonhado sucesso em áreas de prestígio social. Com isso, criaremos memórias positiva, além daquela do homem branco e poderoso incrustado na memória regional desde os tempos dos coronéis. O que propomos aqui é, principalmente, rememorar personagens obscurecidos pela história e delimitado alcance nacional, mas de grande importância regional e comunitária.

Entendemos a trajetória de vida do intelectual negro Antônio Vieira como importante na formação educacional em diálogo com a Lei 10.639/2003, no intuito de rememorar a história regional e tornar conhecida a trajetória de um homem negro de origem quilombola para os jovens de Senhor do Bonfim e oriundos de comunidades quilombolas de toda região. Conforme Ana Paulo dos Santos Gomes afirma em sua pesquisa intitulada: *Trajetoária de vida de intelectuais Negros (as): contribuição para a Educação das Relações Raciais:*

A história não se faz somente com a memória dos homens poderosos e mulheres poderosas e dos grandes feitos da humanidade, mas inclui também a história e o registro das pessoas comuns, do cotidiano. Neste sentido, faço consideração em

torno da trajetória de vida de intelectuais negros/as, ainda que seja eles/as personalidades conhecidas e reconhecidas nacionalmente e/ou internacionalmente, são personalidade para a história da sua comunidade negra. A partir do lembrar, os/as intelectuais negros/as relatam sua trajetória de vida, sua luta na construção e reconstrução da sua história comunidade negra. Neste contexto, proponho uma educação patrimonial a partir da vida e história desses intelectuais negros/as. (GOMES, 2008, p.3)

Porém, lembrar trajetórias de intelectuais negros através da lei 10.639/2003 nas escolas de Senhor Bonfim não é uma tarefa muito fácil. Muitos discentes quilombolas, por exemplo, desconhecem a trajetória de Antônio Vieira e sua origem no quilombo de Tijuacu. Até mesmo entre os professores, há um desinteresse sobre temas relacionados ao continente Africano e a temas sobre relações raciais que embasam os estudos dessa envergadura. Certa vez, em uma escola aqui do município, uma professora afirmou em um grupo de colegas, também, professores que o Egito ficava na Europa. Todavia, ao ser corrigida por um de seus colegas de trabalho, de que, na verdade, o Egito fica na África, a professora, muito surpresa, respondeu: Nossa! Eu não sabia! Olha, como os negros são inteligentes, né?...

A ideia de que só o continente Europeu produz conhecimento científico e filosófico está profundamente enraizada no imaginário social, de tal forma que dificilmente, acreditaríamos no Continente Africano, berço de conhecimentos, de Filosofia, Medicina, Arquitetura, Matemática, Escrita e Retórica. O antigo Egito, bem sabemos, é um desses lugares do continente africano que nos legou, além das maravilhas arquitetônicas, uma miríade de conhecimentos, como bem afirma o filósofo da educação Moraes:

É importante lembrar que, para um grego, - pensemos nas visitas de Platão, Tales, Heródoto, Pitágoras e Sólon - viajar ao Egito significaria ter acesso e encontrar os primeiros momentos de uma vida civilizada e cultural (HARTOG, 2004: 59). Platão, no Fedro, diz que a escrita é uma invenção egípcia, e reforçara essa ideia no Timeu, destacando que os egípcios compreenderam a importância de se escrever a história, inaugurando, dessa forma, a história enquanto um proceder disciplinar pedagógico; construindo, dessa forma, um enorme arquivo que serviria para consultas e transmissão de conhecimentos. (MORAES, p. 2019, 62).

Todavia, o Continente Africano como berço da civilização e produtor de conhecimento não chega como deveria aos jovens negros de ensino fundamental e médio que desconhecem importantes cientistas e filósofos negros como o historiador Cheikh Anta Diop, Abdias do Nascimento, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo dentre outros pensadores negros importantes e ainda desconhecidos desta parcela estudantil. Se há um desconhecimento generalizado de pensadores negros em escala nacional, imaginemos, então, os intelectuais negros de pequenas cidades do nordeste brasileiro, em esquecimento total de

sua cidade, região e, desses alunos que crescem sem uma referência positiva e próxima de sua realidade.

Como foi relatado pelos professores entrevistados pelo Projeto de Extensão Outros Vieiras, nós, negros crescemos sem referenciais positivos que nos valham em variados meios de acesso à cultura como a própria escola, a TV, a universidade além do desconhecimento de negros em espaços de prestígio social diante da ínfima presença destes em posições de poder na própria cidade que residem. Isso fomenta, por sua vez, um tipo específico de configuração que os reduzem a uma condição de infra-cidadão ou, como bem escreveu o Abdias do Nascimento em seu livro “*O Negro Revoltado*,” um cidadão de segunda classe.

A própria realidade dos estudantes negros, principalmente os de comunidades quilombolas que são rodeadas de situações que os inferiorizam e os fazem sentirem envergonhados de sua cultura e negritude. O próprio âmbito escolar, que deveria ser um lugar capaz de desconstruir ideias inferiorizantes desse tipo, é o mesmo que as cristaliza e as reproduz de maneira deliberada em um período da vida do indivíduo muito delicado que é a adolescência.

Esse descaso em relação à desconstrução desses estereótipos negativos pelas próprias escolas da região apenas fomentam uma educação que mais fossiliza o indivíduo a uma condição marginal do que propriamente o ascende à condição de um ser pleno. Apenas um trabalho efetivo com a lei 10.639/2003 em diálogo com as trajetórias de intelectuais negros locais que, de fato, desvelem trajetórias que balizem e inspirem uma nova geração de jovens negros que desconhecem figuras negras importantes de sua própria comunidade.

Assim, a fim de mudar esse quadro de desconhecimento de intelectuais negros, locais, propomos uma educação mais regional; mais ligada às origens e a realidade das comunidades; artigo, monografias e livros de intelectuais, autores e cientistas regionais que poderão ser fontes de estudos nas escolas de ensino fundamental, médio e universitário como referência para aqueles que desconhecem totalmente os autores, intelectuais e cientistas negros de sua própria cidade.

Essa proposta surge da necessidade de valorizar a memória positiva do negro através de uma educação fundamentada no respeito à diversidade e à identidade cultural de jovens quilombolas que, ao conhecerem trajetórias como do intelectual negro e quilombola, Antônio Viera, passam a enxergar a si mesmos e à própria comunidade por outra perspectiva e possibilidades de ser e estar no mundo. Aqui, estamos diante uma verdadeira alquimia que acontece efetivamente na consciência dos jovens que, a priori, pensavam de uma determinada forma, mas saem diferente de quando entrou.

Daí a preocupação do modo como foram repassadas determinadas informações transmitidas em sala de aula. Porque a informação incompleta ou distorcida, por questões ideológicas, sejam elas de cunho político ou religioso, deformam no todo ou em parte a forma com que passamos a pensar e agir no mundo concreto. A realidade, portanto, é forjada por informações que podem deformar não apenas em um nível ideológico, mas em um nível concreto, isto é, as pessoas passam agir a partir de fontes historicamente manipuladas. Eis aí a grande responsabilidade de quem transmite o conhecimento, de quem escreve um livro, de quem produz a história e de quem cria os heróis.

O pesquisador realmente comprometido mantém em sua essência uma relação ética com a escrita que tem por finalidade desconstruir conceitos, idéias e informações distorcidas sobre a realidade tantas vezes legitimadas por autores renomadas, autoridades políticas locais, jornalistas parciais que nada contribuem com a verdadeira informação e o desenvolvimento real de indivíduos oriundos de comunidades historicamente marginalizadas. Esse compromisso com os fatos desvela discurso violento que destroem a identidade do indivíduo desde dentro. Por isso o ato de escrever para determinadas minorias sociais e comunidade marginalizadas pela historiografia oficial é um ato de resistência e ressignificação da realidade tão distorcida pelo imaginário social, e relacionado a uma prática ética desde os tempos antigos. Como podemos ver nesse pequeno trecho do artigo: *FILOSOFIA E EDUCAÇÃO NO EGITO ANTIGO* do professor de filosofia da educação Marcelo José Derzi Moraes: Que “não mergulhes tua pena para prejudicar um homem, o dedo do escriba é o bico do Ibis (...) o escriba que trapaceia com seu dedo não terá seu filho inscrito” (2000: 273).

Nisso, reside à importância de ressignificar a realidade, não a fim de distanciar-se dos fatos como fazem os ideólogos que moldou a realidade ao seu próprio interesse, mas a fim de trazer à luz os fatos obscurecidos por discursos e escritos de homens brancos e poderosos. Assim, com objetivo de participar diretamente do processo de construção de sua própria realidade que a trajetória de Antônio Vieira traz no sentido ressignificar a formação educacional de jovens em escolas de comunidades quilombolas do município de Senhor do Bonfim e região. Para isso o estudo de autores negros nas escolas tem a finalidade de construir uma nova geração de jovens negros capazes de reescrever sua própria história e de sua comunidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de mobilidade social de Antônio Vieira permitiu-nos dimensionar com maior profundidade uma realidade ainda pouco estudada pela historiografia oficial brasileira que privilegia os estudos oriundos de regiões historicamente hegemônicas no Brasil. Por esse motivo, este trabalho concentra-se nas especificidades das desigualdades raciais de regiões esquecidas que podem contribuir, significativamente, com os estudos de relações raciais a partir das idiossincrasias regionais de cidades interioranas do país, tradicionalmente desprivilegiadas pelo chamado “pensamento social brasileiro”.

Diante disso, debruçamo-nos sobre a singular trajetória de Antônio Vieira a partir de um município onde a presença de negros, em posições de prestígio social, decaiu drasticamente em comparação a ocupações de menor prestígio social, no qual pudemos perceber uma grande concentração da população negra neste estrato. Isso significa que todos os dados aqui levantados, demonstraram, objetivamente, que estamos diante de um fenômeno de longa duração que subjaz toda prática de desigualdade racial desde a época de Antônio Vieira até os dias atuais. Essa estrutura, moldando-se ao contexto de cada momento histórico, perpassa todos os níveis da realidade social. Conforme, a definição de Rosa Borges no prefácio do livro intitulado: *Racismo e o Negro no Brasil* (2020):

Apesar dos movimentos de transformação, nos últimos anos há algo que resiste ao tempo, perdura, escapa das vicissitudes, sobrevive com obstinação e faz do Brasil, Brasil. São as camadas sedimentadas que solidificam estruturas e nos acomodam a formas de existência por vezes tidas como insuscetíveis de questionamentos e tensões. Sem nenhum equívoco, sabemos que as camadas da colonização e da escravatura são de tamanha espessura que, de tal sorte, até hoje cobrem o nosso tecido social, sobrevivendo com tenaz resistência aos humores dos tempos. De acordo com Noemi Moritz Kon, uma das organizadoras deste livro: *O Brasil é um país traumatizado que jamais ajustou contas com suas dores terríveis, obscenas, da colonização e da escravatura.* (KON, 2020, p. 2).

Essa estrutura, por sua vez, acomoda nas principais instituições públicas e privadas no município uma discriminação racial que se retroalimenta, na vida prática, de uma realidade ainda muito pautada em valores educacionais eurocêntricos que balizam o imaginário social e o deforma a partir de percepções dominantes que não contemplam, na prática, toda pluralidade racial e cultural de uma cidade como Senhor do Bonfim. Nesse sentido, então, que

os fenômenos estruturais determinam o sucesso ou rejeição de grupos que podem ou não se aproximarem dos ideais que obstaculizam ou possibilitam a ascensão social presente na formação de indivíduos sem representatividade positiva que os valessem desde sua formação básica.

Essa estrutura fomenta as narrativas oficiais de uma determinada região que tem em seu esboço, uma realidade constituída a partir da exclusão da memória de figuras negras que poderiam servir de exemplo, de estímulo e de força para grupos historicamente reduzidos a uma condição marginalizada a configurar, na prática, os códigos ideológicos responsáveis pela criação de uma idéia que o artificializa a uma condição inautêntica de existência e alienação ao dominador.

Um exemplo notável dessa teoria é a estratégia utilizada por Antônio Vieira ao aproximar-se do padrão idealizado por grupos dominantes, a fim de romper as barreiras raciais a partir de processos simbólicos desejáveis que dissolvem em parte o imaginário do negro que lhe é correlata (não só por suas origens humildes em uma pequena comunidade quilombola mas, sobretudo, por sua cor preta que, na vida cotidiana, o precedia em todas suas relações. Por isso, a necessidade de assimilação por parte de Antônio Vieira de padrões idealizados de sucesso que tem em seu bojo o desejo de mitigar a negação social, a violência racial e o imaginário negativo do negro como incapaz de transcender sua condição social.

Aqui, percebe-se o quanto a constituição identitária de Antônio Vieira se dava, principalmente, por meio de referenciais eurocêntricos que orientavam o seu *modus vivendi* através da aproximação dos hábitos de uma família branca e sua formação em um colégio de cunho europeu. Essa convivência, portanto, balizava o processo de construção identitária de Antônio Vieira a partir de parâmetros hegemônicos da realidade.

Andrade (2018) propõe em seu artigo intitulado: *A diferença é a cor: o racismo como código mito-simbólico a serviço do recalque em "Quarto de despejo"*, a partir de sua análise psicanalítica do livro autobiográfico de Carolina de Jesus, uma desalienação capaz de recusar e retraduzir os códigos racistas por outras alternativas possíveis, como podemos ver nesse pequeno trecho:

Assim como nas relações sociais, repete-se, simetricamente, no coração da subjetividade, a dinâmica complementar de dissimetria de poderes, até que um novo evento a descompense (como o trauma), a substitua ou até mesmo a balanceie, no caso da oferta de códigos e mitos simbolicamente alternativos. (ANDRADE, 2018, p.47).

Os relatos dos professores negros universitários, por exemplo, apontaram a ausência de representatividade em sua formação enquanto jovens no ensino fundamental, médio e universitário. Aqui está a importância da trajetória de intelectuais negros na formação de uma educação verdadeiramente capaz de desalienar, de retraduzir, de reorganizar a subjetividade de indivíduos inferiorizados por uma história capaz de criar realidades desiguais para determinados grupos da sociedade. Assim, estamos diante de uma história de caráter tendencioso, capaz de homogeneizar toda a realidade a partir de narrativas que cristalizam a ausência de memória positiva de negros em posição de prestígio social que os inspire a almejar uma vida melhor.

Os relatos das trajetórias de vida educam na medida em que provoca, nas pessoas que os ouve, alegrias, tristezas, inspiração, apreço, repúdio e possibilidades de aprendizagem. Provoca sentimentos e expõe momento de percursos. Estes relatos têm a capacidade de nos inspirar, questionar, incentivar e muitas vezes transformar. Quantas vezes mudamos algumas atitudes depois de ouvirmos a história de experiências de alguma pessoa que nos conta as formas pelas quais superou algum problema, venceu obstáculos e, conquistou seu objetivo. Por tudo isso, a trajetória de vida de intelectuais negros (as) se torna exemplo de vida para os (as) negros (as) que são discriminados (as), principalmente para os (as) negros (as) jovens. É o mais experiente orientando para a vida os menos experientes. Os relatos orais, recolhidos por meio de entrevista semi-estruturada, objetiva compreender uma vida, ou parte dela, como possível para revelar e ou reconstituir processos históricos e socioculturais vividos não só pelos narradores, mas também por sujeito que os e lê. (GOMES, 2008, p. 186).

Sua trajetória de superação das barreiras raciais poderá inspirar nos jovens negros, sobretudo, o orgulho de sua identidade cultural e a desconstrução da percepção da realidade distorcida por uma educação que contribui, efetivamente, pelo que nós chamamos aqui de ideia do negro e que nada tem ver com negro de fato ainda a ser revelado por uma educação que, antes de tudo, vise à ascensão do espírito a partir de uma educação que viceje a plenitude do ser através de exemplos inspiradores entre sua gente.

Aqui está a pedra angular da pesquisa, a representatividade como forma de desvelar o que está imerso entre os escombros de uma história criada a partir das lentes dos vencedores e que reverbera na vida prática dos grupos vencidos, um sentimento de inferioridade natural, uma negação masoquista de sua identidade, uma redução explícita de sua humanidade, a pequenez das narrativas históricas que silenciam vozes não autorizadas e trajetórias desprivilegiadas por narrativas oficiais que imprimem no espírito de grupos excluídos a ausência gritante de quem os representem nas páginas dos grandes nomes da história de seu povo.

Neste sentido, tentei avançar, dentro do possível, sobre um campo ainda pouco explorado no município de Senhor do Bonfim: o estudo sobre ascensão social e representatividade negra nos espaços de poder, no intuito de problematizar a maneira pela qual a desigualdade racial se reproduz em regiões marginalizadas do Brasil nos seus mais variados níveis de micros realidades regionais. Uma hipótese para pesquisa de longo prazo que necessita de maiores discussões e aprofundamentos, a partir de recortes de realidades regionais que possuem idiosincrasias e essências para uma maior capacidade de ampliação dos estudos de relações raciais mais robustas do negro brasileiro.

Para o aprofundamento de futuras pesquisas, esse estudo apresenta uma série de questões que merecem maiores investigações tais como a presença de negros em posições importantes na região do Semiárido Brasileiro, ainda pouco estudados pelo chamado “Pensamento Social Brasileiro”; a relação histórica entre ciência e política na construção da realidade racial do Brasil a partir das realidades regionais;

Tais trajetórias contribuiriam na formação da autoestima de estudantes negros em escolas quilombolas do município e cidade circunvizinhas como instrumento de formação de a partir da lei 10.639/03; e que de fato está sendo feito no município para a efetivação de leis que possibilitem a reconfiguração do imaginário negativo do negro e ausência de memória positiva que referencie a juventude negra de Senhor do Bonfim e dos quilombolas da região do Piemonte norte do Itapicuru. Esses são os desafios de futuras pesquisas que terão de adentrar em questões estruturais importantes na formação da desigualdade racial em municípios interioranos como Senhor do Bonfim criando, assim, possibilidades de reestruturação da realidade a partir de estudos que visem desconstruir uma história inventada por uma pequena elite que ainda persiste em manter-se branca de cidade como Senhor do Bonfim.

Neste sentido, o ato de retornar ao passado tem, em sua essência, uma função de ressignificar o presente e construir o futuro, a partir de novas ações que visem combater o eclipsamento da verdadeira história do povo negro, a partir de uma redescritção de tais narrativas ditas oficiais. Assim, o ato de reescrever a história tem em si a capacidade de dissolução das falsas idéias distorcidas por uma história inventada pelo vencedor, que não cansa de destruir a identidade dos vencidos, e reduzi-los a seres inautênticos e artificiais. A fim de mudar esse quadro, o negro deve tomar as rédeas de sua própria história a fim de ecoar o grito de sua resistência contra o silenciamento histórico de seu povo, suas narrativas e escritas que buscam produzir, na vida prática do povo negro, um novo olhar da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBOLEYA, Arilda; CIELLO, Fernando; MEUCCI, Simone. “Educação para uma vida melhor”: trajetórias sociais de docentes negros. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 158, p. 882-914, 2015.

AZEVEDO, Thales de. **As elites de cor: um estudo de ascensão social**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1955.

ARAÚJO, U. C. de. 1968: O movimento estudantil na Bahia: um testemunho. In: Revista Perspectiva Histórica, vol. 2, nº 3, jul.- dez. /2012, p. 85-96. Disponível em. Acesso em mar./2016.

BARBOSA, Muryatan Santana. **Guerreiro Ramos: personalismo negro**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Teses sobre o conceito da história**. Obras escolhidas. Vol.1. 1987, p. 222-232.

BELO, Fábio (org.). **Psicanálise e racismo: interpretações a partir de Quarto de Despejo**. Ed. Relicário, 2018.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Bookman Editora, 2009.

CÔRTEZ, Livia Gomes; DO AMARAL, Louise A. F. de Oliveira. **A Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia e a ditadura militar brasileira: discentes que “criaram um clima de intranquilidade” em Salvador em 1968**. Trabalho apresentado no XXIX Simpósio Nacional de História, Brasília, jul. 2017.

CARVALHO, Maria Caroline Macedo de. **A espetacularização de cadáveres: a musealização de restos dos cangaceiros no Museu Antropológico Estácio de Lima**. Monografia (Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos.) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CORRÊA, Mariza. **As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013.

CUNHA, Aloisio Santos da. **Descaminhos Do Trem: as ferrovias na Bahia e o caso do Trem da Grota (1912 – 1976)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

CUNHA, Aloisio Santos das. **Entre o público e o privado: a construção da estrada de rodagem de Senhor do Bonfim a Uauá (Bahia, década de 1920).** Recife, 2019.

CUNHA, Maria Amália de Almeida. **O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica.** Florianópolis: 2007

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. **Dados**, v. 40, p. 2, 1997.

DE MORAES SIMSON, Olga Rodrigues. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, n. 6, p. 14-18, 2003.

DE SANTANA, Ivo de. Executivos negros em organizações bancárias de Salvador: dramas e tramas do processo de ascensão social. **Afro-Ásia**, n. 23, p. 195-234, 1999.

DOS SANTOS, Sales Augusto. A metamorfose de militantes negros em negros intelectuais. **Mosaico**, v. 3, n. 5, p. 102-125, 2011.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos.** Tempo, 2007.

FREITAS, Gilberto Carvalho de. **Recordações, história geral do Brasil e do Nordeste brasileiro.** Salvador. 2021.

GOMES, Ana Paula dos Santos. **Trajetória de vida de Intelectuais Negros (as): contribuição para a Educação das Relações Étnico-raciais.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

GONZALEZ Y GONZÁLEZ, Luiz. **El Oficio de historiar. El colégio de Michoacan,** 1999.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil.** Editora 34, 2009.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. O projeto Unesco na Bahia. In: PEREIRA, Cláudio Luiz & SANSONE, Livio (org.). **Projeto Unesco no Brasil: textos críticos.** Salvador: EDUFBA, 2007, p. 25-37.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. A democracia racial revisitada. **Afro-Ásia**, n. 60, 2019.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 93-107, 2003.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Baianos e paulistas: duas "escolas" de relações raciais?. **Tempo social**, v. 11, p. 75-95, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **La memoria colectiva.** Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2004.

Júnior, Álvaro Pinto Dantas de Carvalho; Sampaio, Consuelo Novais. **GONÇALVES, José *dep. geral BA 1869-1872; gov. BA 1890-1891.**

KON, Noemi Moritz. **O racismo e o negro no brasil**. Editora Perspectiva SA, 2020.

LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente**. Leme-SP: Editora Edijur, 2020.

MACHADO, Paulo Batista. **Notícia e saudade da Villa Nova da Rainha, aliás, Senhor do Bonfim**. 1ª ed. Salvador: EDUNEB, 2007, 217p.

MACHADO, Paulo Batista. **Tijuaçu, Uma Resistência Negra no Semi-Árido Brasileiro**. Senhor do Bonfim, 2005.

MAIO, Marcos C. A medicina de Nina Rodrigues: análise de uma trajetória xcientífica. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 1995.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luis Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MORAES, Marcelo José Derzi. **Filosofia e educação no Egito Antigo**. SEMNA–Estudos de Egiptologia VI, p. 60.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, p. 240-264, 2007.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, v. 19, n. 1), p. 287-308, jun. 2007.

OLIVEIRA, Laiana Lannes. **A Frente Negra Brasileira: política e questão racial nos anos 1930**. 2002. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

OLIVEIRA, Hebert Santos. **Frente Nacionalista e Grupo dos Onze: Nacionalismo de Esquerda, Política e Repressão em Jacobina-BA (1963- 1966)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia (UFBA), p.27,

PACHUKANIS, Evguiéni B. **Teoria geral do direito e marxismo**. São Paulo: Boitempo, 2017.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

RAMOS, Alberto Guerreiro. O problema do Negro na Sociologia Brasileira. Simon Schwartzman (ed.). O Pensamento Nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo". Brasília, Câmara dos Deputados e Biblioteca do Pensamento Brasileiro, 1981, p. 1-35.

REIS, Luiza Nascimento dos. **O Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia: intercâmbio acadêmico e cultural entre Brasil e África (1959-1964)**. Dissertação (Mestrado em Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

REIS, Luiza. **De improvisados a eméritos: trajetórias de intelectuais no Centro de Estudos Afro-orientais (1959-1994)**. 2015. Tese de Doutorado (Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SANSONE, L. Centro de estudos afro-orientais (CEAO). **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 22, n. 2, p. 181-188, 2009.

SANTANA, Cristiane Copque da Cruz Santos de. Yêda Pessoa de Castro e a sua contribuição para a inclusão dos estudos africanos nos currículos escolares da Bahia: a experiência da década 1980. **Opará - Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação**, Paulo Afonso, ano 1, vol. 2, jun./dez., p. 51-70, 2013.

SANTANA, Cristiane Soares de. Notas sobre a história da Ação Popular na Bahia (1962-1973). In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro. **Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 151-173.

SHAW, Gisele Lemos; DA SILVA JÚNIOR, Geraldo Soares. **Materialidades: Elementos da Cultura Escolar no Ginásio Sagrado Coração em Senhor do Bonfim**.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, Sales Augusto dos. A metamorfose de militantes negros em negros intelectuais. **Mosaico**, v. 3, n. 5, p. 102-125, 2011.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Erenilson Barbosa da. **Antônio Vieira: cantos, encantos e desencantos da alma: quais as condições enfrentadas por um intelectual negro no processo de ascensão social?** Monografia (Bacharel em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Campus Juazeiro, 2014.

SOUSA, Romilson da Silva. **Trajetória educacional e ambiência afirmativa no acesso de estudantes negros superselecionados à pós-graduação**. Dissertação (Mestrado em Educação). 2007. Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2007.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. A eugenia brasileira e suas conexões internacionais: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto, 1920-1930. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 23, p. 93-110, 2016.

SILVA, Edilene Santana do Santos. **Racismo e docência em universidades públicas: o caso da Universidade Federal da Bahia**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2019.

SAMPAIO, Moiseis de Oliveira; FERNÁNDEZ, Sandra. **Brasil e Argentina na pesquisa regional/local contemporânea**. Escalas, periodizações e problemas. Salvador: EDUFBA, 2021.

SAMPAIO, Moiseis de Oliveira. **Francisco Dias Coelho o Coronel Negro da Chapada Diamantina**.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **Ser -Tão baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011.

VIEIRA, Antônio. **Areia, mar, poesia**. Salvador: Mensageiro da Fé, 1972.

VIEIRA, Antônio. **Cantares d'África**. Rio de Janeiro: Gráfica Riex Editora S.A., 1980.

ENTREVISTAS

SANTOS, Aloysio. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 3 mar. 2020.

De ALMEIDA, Cláudio Roberto dos Santos. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 9 de set. 2020.

Da COSTA, José Hermógenes Moura. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 20 de ago. 2020.

Da PAZ, Maria Glória. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 19 de Nov. 2020.

RIBEIRO, Alaécio Santos. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 17 de set. 2020.

FOX, Robert Ellio. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 10 de set. 2021.

BRAGA, Julio Santana. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 05 de mai. 2020.

BACELAR, Jeferson Afonso. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 06 de ago. 2020.

DE CASTRO, Yeda Pessoa. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 08 de mai. 2020.

Lima, Márcia Souza. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 09 de ago. 2020.

BARBOSA, Osmar José Jambeiro. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 05 de jul. 2021.

Félix, Aline. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 08 de set. 2021.